



A Orquestra Jovem da União Europeia e a construção da identidade europeia

José Maria Matias

**Dissertação de Mestrado em Ciência Política e
Relações Internacionais**

Orientadora: Professora Doutora Alice Cunha

Setembro de 2023

"Europe will not be made all at once, or according to a single plan. It will be built through concrete achievements which first create a de facto solidarity."

Robert Schuman

"Tradition is not the worship of ashes, but the preservation of fire."

Gustav Mahler

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Alice Cunha, Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Políticos da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Agradecimentos

À Professora Doutora Alice Cunha, por todo o apoio, mentoria, paciência e orientação indispensáveis. Sem isso não seria possível ter começado e acabado esta dissertação. Muito, muito obrigado!

Ao Hugo Tavares pela ajuda essencial no processo de discernimento sobre este caminho dos Estudos Europeus.

Ao Maestro Armindo Luís e ao Maestro Reinaldo Guerreiro. Duas importantes referências na arte da Direção de Orquestra com quem muito pude aprender.

Ao António Duque, Ricardo Formigo, Afonso Botelho e Salvador Sacadura, os amigos da linha da frente que estiveram sempre presentes ao longo deste caminho da dissertação.

À Professora Teresa Nogueira Pinto e ao Professor Vasco Rato, amigos e referências indispensáveis nas Relações Internacionais, os seus conselhos e amizade foram fundamentais para tudo isto.

À Teresa Cunha e Sá pela grande amizade que nasceu precisamente neste mestrado e pelos tantos e incontáveis conselhos indispensáveis.

Ao Maestro Peter Stark por todo o apoio para esta dissertação e pela paixão comum pela Orquestra.

Ao Diretor Executivo e Artístico, Marshall Marcus, por todo o apoio incondicional para a concretização desta dissertação.

Ao Rui Matos e à Ana Margarida Prazeres, pela amizade de anos e por terem ajudado a compreender melhor o que é a Orquestra Jovem da União Europeia.

À Vera Fonte, à Inês Cavalheiro e ao João Pontes Araújo, amigos de sempre, que me ajudaram a querer pensar mais e melhor sem nunca desistir.

Ao Professor Christiaan Alting von Geusau, pela grande amizade e pela inspiração que o seu trabalho desperta para a cooperação internacional na procura da paz no Mundo.

Ao primeiro-ministro da Eslovénia entre os anos de 1990-92, Alojz Peterle, o meu obrigado por todos os conselhos que me ofereceu e por ter mostrado como a Música pode estar ao serviço da política europeia e do bem-comum.

Ao Professor Richard Hosford e à Professora Janet Hilton por todos ensinamentos, inspiração e amizade ao longo dos anos em que estive fora do país.

Ao Professor António Saiote pela amizade, por ter sido para mim uma das grandes referências para a minha formação.

À Professora Iva Barbosa, muito do que está aqui, começou na Metropolitana, nas suas aulas. Se existem professores que nos marcaram, este é o melhor exemplo que tive ao longo dos anos. Muito obrigado!

Ao António Capela, pela amizade, bom conselho e pela paixão comum pela Europa.

Ao Padre João Seabra, por tudo o que fez por mim e com uma saudade muito grande. Muito obrigado!

Por fim, aos meus pais e à minha irmã, pela paciência, carinho e compreensão infinita que tiveram. Não posso deixar de lhes dar um profundo agradecimento por tudo.

Esta dissertação é o produto de todos estes encontros e amizades. Sem isso, nada teria sido possível. Muito obrigado!

A Orquestra Jovem da União Europeia e a construção da identidade europeia.

José Maria Matias

Resumo:

Esta dissertação aprofunda o impacto da Orquestra Jovem da União Europeia (EUYO) no espaço europeu, compreendendo a sua relação com a integração europeia, a promoção da identidade europeia e a construção de um sentimento de pertença à União Europeia entre os seus participantes.

A partir de um enquadramento teórico construtivista, a pesquisa demonstra que a Orquestra Jovem da União Europeia foi fundada numa época de mudança de perspectiva das instituições europeias sobre o seu papel relativamente à Cultura, contribuindo para o processo de integração europeia, para o fortalecimento da identidade europeia e atua como embaixadora cultural decisiva da União Europeia.

A investigação analisa as perspetivas dos participantes da EUYO, por meio de um questionário fechado. Os resultados demonstraram que a Orquestra Jovem da União Europeia desempenha um papel significativo na promoção da identidade europeia, que cria um sentimento de pertença à União Europeia, que funciona como um símbolo do projeto europeu e desenvolve um intercâmbio cultural importante para jovens no contexto europeu.

Os resultados desta dissertação ampliam a literatura na área da integração europeia, identidade e no papel que a cultura poderá desempenhar para o futuro da União Europeia e a sua coesão, bem como demonstram uma visão aprofundada do papel da EUYO para o projeto europeu e do seu contributo de mais de 40 anos de atividade.

Palavras-chave: European Union Youth Orchestra, União Europeia, Identidade, Cultura, Construtivismo,

The European Union Youth Orchestra and the construction of the European identity.

José Maria Matias

Abstract:

This dissertation focus on the impact of the European Union Youth Orchestra (EUYO) in the European field, regarding its relationship with European integration, the promotion of European identity and the development of a sense of belonging to the European Union among its participants.

Using a constructivist theoretical framework, the research shows that the European Union Youth Orchestra was founded at a time of changes of the perspectives of the European institutions on their role regarding the Culture field, which contributed to the process of European integration, to the strengthening European identity and acts as a decisive cultural ambassador for the European Union.

The investigation analyses the opinions of the EUYO participants, through a closed questionnaire. The results showed that the European Union Youth Orchestra plays a significant part in promoting European identity, creating a sense of belonging to the European Union, functioning as a symbol of the European project and developing an important cultural exchange for young people within the European context.

The results of this dissertation extend the literature in the areas of European integration, identity and the role that culture can play for the future of the European Union and its cohesion. This research demonstrates an in-depth view of EUYO's role for the European project and its contribution over 40 years of activity.

Keywords: EUYO, European Union, Identity, Culture, Constructivism.

Índice

Introdução	1
<i>Pergunta de partida</i>	1
<i>Estado da Arte</i>	1
<i>Enquadramento Teórico</i>	5
<i>Metodologia:</i>	7
<i>Estruturação do trabalho</i>	8
I capítulo- A União Europeia e a criação de uma identidade europeia.	12
<i>Identidade da União Europeia</i>	12
<i>Identidade Política e Social da União Europeia</i>	15
<i>Soberania partilhada e integração europeia</i>	19
<i>Europeização</i>	22
<i>Euroceticismo</i>	26
II capítulo - O papel da cultura e das artes na construção da identidade europeia.	27
<i>Movimento Europeu</i>	28
<i>O “Espírito Europeu”</i>	33
<i>O Papel da Cultura e das Artes na construção da Identidade Europeia</i>	37
<i>O Papel da Cultura na União Europeia.</i>	41
III capítulo- A Orquestra Jovem da União Europeia, a formação e promoção da Identidade Europeia.	52
<i>A Orquestra Jovem da União Europeia</i>	52
<i>Desenvolvimento da Proposta para a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia e o funcionamento da Orquestra</i>	59
<i>Breve contextualização da atividade artística da Orquestra Jovem da União Europeia</i>	63
<i>O processo de audição para a Orquestra Jovem da União Europeia e o perfil do Músico da Orquestra Jovem da União Europeia</i>	70
<i>A relação do Construtivismo com a Orquestra Jovem da União Europeia e os seus objetivos</i> .	73
<i>Apresentação do Estudo</i>	76
<i>Definição do problema</i>	76
<i>Desenho e Metodologia</i>	77
<i>Instrumento de recolha de dados</i>	78
<i>Processo de validação do questionário</i>	78
<i>Procedimentos:</i>	79
<i>Análise do Estudo</i>	79
<i>Descrição dos participantes da EUYO e o contexto do Estudo</i>	84
<i>Descrição do Questionário para os participantes da EUYO</i>	88
<i>Análise e Discussão dos Resultados</i>	91

Conclusão	102
Bibliografia.....	111
Fontes	116

Índice de Figuras:

Figura 1: Gráfico de Frequência: Género.....	80
Figura 2: Gráfico de Frequência: Participou previamente em algum projeto de intercâmbio europeu?	83
Figura 3: Opinião dos participantes: Da afirmação 1 à afirmação 5.	94
Figura 4: Opinião dos participantes: Da afirmação 6 à afirmação 10.	96
Figura 5: Opinião dos participantes: Da afirmação 11 à afirmação 15.	98
Figura 6: Opinião dos participantes: Da afirmação 16 à afirmação 20.	100

Índice de Tabelas:

Tabela 1: Instrumentos	81
Tabela 2: Nacionalidades	82
Tabela 3: Anos de participação na EUYO	84
Tabela 4: Opinião dos participantes	100

Anexos:

Entrevista ao Diretor Executivo e Artístico, Marshall Marcus.

Questionário aos participantes da EUYO.

Relatório completo com a análise dos dados do Estudo.

Introdução

Pergunta de partida

A presente dissertação intitulada “A Orquestra Jovem da União Europeia e a construção da identidade europeia” pretende responder à seguinte pergunta: De que forma a Orquestra Jovem da União Europeia (EUYO no seu acrónimo em inglês) promove a identidade europeia no espaço da União Europeia? Sendo esta a pergunta principal da dissertação, compreendia-se logo que surgiriam perguntas derivadas para responder de modo a conseguir uma resposta mais ampla e completa a esta pergunta principal. Ao compreender o papel da Orquestra Jovem da União Europeia, será que poderíamos compreender o papel da Cultura dentro da União Europeia? Ou até, qual o papel da Cultura para a construção da identidade da União Europeia? Conseguiríamos percebê-lo através do papel da Orquestra Jovem da União Europeia?

Nesse sentido, o principal objetivo do trabalho será analisar o papel da Orquestra Jovem da União Europeia na promoção e construção da identidade da União Europeia. Desde logo, analisamos a noção de identidade da União Europeia para perceber de que forma uma iniciativa como a de uma Orquestra de jovens europeia pode contribuir para a sua promoção. Por sua vez, com o estudo empírico pretendemos perceber o impacto da participação num projeto como o da Orquestra Jovem da União Europeia nos seus participantes.

Estado da Arte

No início da construção europeia as políticas de cultura foram ignoradas por completo assim como a necessidade de existência de uma identidade cultural que correspondesse aos cidadãos europeus e que legitimasse as instituições políticas existentes. Isto acontecia porque os decisores acreditavam que a integração cultural e social iria acontecer de uma forma natural o que não iria requerer a intervenção política. (Sassateli, 2008) Contudo, os

decisores políticos começaram a perceber que era necessário criar uma noção de pertença para poder avançar mais profundamente no processo de integração económica e política. A premissa era clara: para a existência de solidariedade entre os Estados-membros era fundamental existir um sentimento de pertença e tal só poderia ser alcançado a partir da cultura. (Sassateli, 2008)

Jean Monnet referiu que se tivesse de recomeçar o processo de construção europeia iria começar pela cultura. Farrell, Fella e Newman no livro *European Integration in the Twenty First Century: Unity in Diversity* (2002) sugerem que é possível subentender das palavras de Monnet a palavra identidade em detrimento de cultura. O Parlamento Europeu definiu que a identidade cultural europeia é um produto da interação entre a civilização, a pluralidade de nações, regiões e culturas locais. Por sua vez, o Tindemans Report explica que existe uma relação entre o progresso na integração europeia e uma identidade europeia comum.

Segundo Pinto (2014), a concordância de vários Estados sobre os mesmos valores contribui para a construção de uma identidade coletiva e esse ponto é estruturante para a construção política e de identidade da União Europeia. Como tal, reconhece-se que o grau de legitimidade da União Europeia e das suas instituições, do ponto de vista interno e externo, estará intimamente ligado ao sentimento de pertença dos seus membros. Wendt (1994) considera que a construção de uma identidade, seja coletiva ou não, estaria sujeita a um contexto histórico e social do seu próprio tempo e da região em que esta seja potencialmente desenvolvida. Por outro lado, de acordo com Hopf (1998) a identidade é uma característica fundamental para as Relações Internacionais por ajudar a compreender a ordem da política internacional e dar um certo grau de previsibilidade aos diferentes atores. No mesmo sentido que Wendt (1994), os autores Katzenstein e Checkel (2009) defendem que a identidade da União Europeia tem sofrido profundas alterações provocadas por uma alteração do contexto histórico que iria desde o fim da Segunda Guerra Mundial até ao colapso da União Soviética e fim da Guerra Fria, mudando também a forma com que encara o mundo após o 11 de setembro nos Estados Unidos. Mais recentemente, a identidade da União Europeia tem sofrido alterações devido ao processo de alargamento progressivo que a União Europeia tem tido a leste e que alterou inclusive a configuração das instituições.

Simultaneamente, embora sendo um termo muito abrangente e possível de ter vários significados, segundo Mudde e Kopecký (2002) é preciso ter em consideração o

euroceticismo, de partidos e cidadãos que têm dúvidas sobre o êxito do processo de integração europeia ou que até se opõem a este. Como tal, é possível concretizar que euroceticismo se estende também como um conceito de quem se desidentificou com a identidade do projeto europeu, sendo por isso importante compreender o mesmo para a presente dissertação.

De acordo com Evangelia Psychogiopoulou no livro *Cultural Governance and the European Union* (2015), a política para a cultura é uma das mais decisivas e fundamentais, mas ao mesmo tempo intrigantes para a União Europeia. Desde logo a preocupação com a cultura veio refletida no Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia no artigo 167º. Ainda assim, neste artigo é reconhecido o papel preponderante que devem ter os Estados-membros para as políticas culturais, salientado que as áreas de atuação da União Europeia iriam muitas vezes acabar por tocar indiretamente na cultura. No entanto, mais tarde, em 1992, tínhamos o Tratado de Maastricht. Com o tratado, a Cultura passaria a ter uma relevância superior e os Estados-membros passariam a contar com a ajuda da União Europeia nessa esfera, uma vez que a Cultura passaria a figurar nas competências de apoio da UE. Tal ficaria contemplado no artigo 128º do tratado, que reconheceria a diversidade cultural de cada Estado-membro, mas ao mesmo tempo indicando uma herança cultural comum a todos. (Treaty on European Union, 1992) Isto sobretudo num contexto de fim da Guerra Fria, após a queda do Muro de Berlim, numa época em que assistíamos a uma profunda mudança na ordem internacional à qual a União Europeia não ficaria imune.

Depois do tratado de Maastricht, Evangelia Psychogiopoulou descreve que o princípio do século XXI iria trazer inúmeras circunstâncias que iriam desafiar a forma como a União Europeia encara as suas políticas culturais. Desde logo a digitalização e a globalização que iriam fazer mudar a forma como a distribuição e produção culturais eram feitas à escala da União Europeia. Ao mesmo tempo, com o aumento dos números de imigração na União Europeia, provocado pela globalização, iria originar um contacto de diferentes culturas fortalecendo esses encontros, mas também levantando questões sérias para os dias de hoje ao nível da coesão do espaço europeu (Psychogiopoulou, 2015).

Por outro lado, Valentini (2005) explica a importância da identidade europeia para o futuro da integração europeia, dando duas razões distintas. Uma primeira razão diretamente relacionada com o ideal da União Europeia, “unidade na diversidade”; e uma segunda pela conceção de uma democracia supranacional. Para a primeira razão, o

objetivo da União Europeia continua a ser o mesmo desde o Tratado de Roma: criar os alicerces para uma união de povos da Europa, não a criação de um único povo, mas a união de vários povos. Para além disso, os legisladores europeus olham para a promoção da identidade europeia como uma das formas para legitimar o projeto europeu. Isto é, desde o princípio da integração europeia, a Comissão Europeia reconhece que a ausência de um espaço territorial europeu, assim como de um povo único e uma língua única europeia minam a legitimidade das instituições europeias e do seu trabalho. É nesse sentido que surge a necessidade de realizar campanhas que promovam a identidade europeia, daí que seja gasto cerca de 500 milhões de euros anuais em políticas culturais cujo propósito seja a promoção da diversidade europeia.

Por outro lado, a ideia de pertencer a um espaço comum, como a União Europeia, proporciona aos cidadãos um bem-estar económico e uma paz que não seriam possíveis ao nível doméstico dos Estados-membros. Ou seja, prevalecendo uma ideia que também serve como lema para a União Europeia: unida na diversidade. Simultaneamente, a ideia de uma democracia a nível europeu só poderia funcionar através da existência de uma identidade comum. A ideia de uma democracia europeia supranacional só pode ser concretizada se os cidadãos se sentirem parte do seu estado-membro e ao mesmo tempo de um organismo supranacional europeu (Valentini, 2005, p.12).

Para compreender a European Union Youth Orchestra (EUYO) é necessário definir brevemente o conceito de Orquestra e como tal utilizaremos a definição de Bibu que explica que a orquestra é uma das mais antigas organizações, formada por um grupo de pessoas motivadas pela paixão para com a música clássica, que deseja expressar através de sons o seu trabalho e experiência adquiridos pela maturação dos trabalhos dos compositores clássicos e pelas gerações de interpretes que os antecederam. Tendo como desafio manter o equilíbrio entre os padrões clássicos e a adaptação aos desafios contemporâneos, sociais, políticos e estéticos dos seus próprios tempos. (Bibu, Brancu, Teohari, 2017)

A EUYO foi fundada em 1976 por Boy Bryer e Lionel Bryer com o objetivo de demonstrar através da música o espírito de cooperação entre as novas gerações europeias e que pudesse ser um símbolo do ideal europeu, uma comunidade unida de nações a trabalhar em conjunto para a paz, a justiça social e a dignidade humana. A EUYO junta pessoas de uma elevada qualidade musical de todas as nacionalidades de países pertencentes à União Europeia e de idades compreendidas entre os 16 e os 26 anos. A

Orquestra esteve sediada em Roma, mudou-se recentemente para a Áustria e todos os anos faz duas digressões por várias cidades europeias, atuando em algumas das mais prestigiadas salas de concerto e interpretando repertório de um elevado nível de exigência. (Rodrigues, 2014) Uma das formas de melhor perceber o significado da EUYO será porventura através das declarações da ex-Alta Representante da União para os Negócios Estrangeiros e Política de Segurança, Frederica Mogherini, em 2016: “Esta é a Europa no seu melhor... Em tempos difíceis como aqueles que vivemos a EUYO manda uma mensagem forte para todos os jovens do nosso continente: o vosso tempo é agora”.

A presente investigação trata um objeto de estudo sobre o qual ainda não existem muitas informações e menos ainda trabalhos científicos sobre a mesma. Nesse sentido, esta dissertação apresenta um caráter inovador, não apenas pela seleção do objeto de estudo, mas também pela ligação entre o objeto de estudo e a análise do seu papel na promoção e na construção da identidade europeia. Toda a análise parte dessa premissa, sendo que se pretende que esta dissertação contribua para a literatura neste domínio e fomenta outros trabalhos.

Enquadramento Teórico

Para a presente dissertação, escolheu-se o Construtivismo como a teoria das relações internacionais que melhor poderia enquadrar o trabalho.

A integração europeia produziu novos atores transnacionais, novas hierarquias, mas ao mesmo tempo recursos políticos, ou seja, a criação de novas dinâmicas. O Construtivismo tornou-se uma teoria importante que tenta compreender melhor todos estes processos e como é que se foram desenvolvendo ao longo do tempo. O processamento da ordem europeia através destes novos mecanismos criados e desenvolvidos através da integração europeia são uma das áreas relevantes para o construtivismo e será por aí também a relevância para este trabalho (Kauppi, 2003, p. 16). Thomas Risse (2004) associa a teoria do construtivismo à necessidade de construção de uma identidade europeia no quadro da União Europeia. Na sua análise, Risse descreve o construtivismo como um conceito que define que os agentes humanos não existem separadamente do seu ambiente social e que por isso existe partilha de sistemas de significados comuns, ao que se entende comumente como Cultura.

A cultura é um fator importante para os construtivistas. Isto porque, entendem o processo de integração europeia também através dos seus aspetos discursivos, dos símbolos, do poder das palavras, dos gestos e das normas. Como tal, o fator identidade e as suas transformações, são muito importantes assim como as derivações de ideias e as políticas dos símbolos (Kauppi, 2003, p.17). Esse será um dos pontos essenciais para melhor compreender os objetivos da Orquestra Jovem da União Europeia aquando do seu processo de criação e ao longo do seu desenvolvimento histórico.

O Construtivismo é uma teoria das relações internacionais que tem por base a interligação das ideias, crenças, ideologias, identidades dos diferentes atores, assim como o ambiente constitutivo de uma determinada ordem, nomeadamente da ordem internacional. O Construtivismo é a teoria por excelência que tende a comprovar a importância das relações que se estabelecem entre as ideias, o conhecimento e os factos. (Sousa, et al, 2022, p.180)

O ponto fundamental remete-nos para as estruturas e os agentes como constituintes que se influenciam mutuamente. Como tal, com base no fenómeno de interação social temos o ponto de partida para a criação de identidades comuns, metas, desígnios, interesses e objetivos (Risse, 2004). Nesse sentido, para um construtivista é importante as mudanças nas ordens internacionais e os seus contextos históricos, considerando por isso também que os factos e a realidade são construções sociais e subjetivas, possíveis de ser interpretadas de formas distintas pelos diferentes atores. A política, o mundo e os acontecimentos estão dependentes da interpretação humana. (Sousa, et al, 2022, pp.180-181)

Emanuel Adler no livro *“Constructivism in International Relations: Sources, Contributions, and Debates”* reconhece igualmente a intersubjetividade do conhecimento e que isso teria um impacto direto na realidade e que, como tal, terá uma influência decisiva na sua evolução. Ou seja, o construtivismo assenta na premissa de que os conhecimentos progressivos ou regressivos aderem à construção social, entrando no processo de institucionalização que altera as estruturas micro ou macro. Nesse sentido, será possível alterar práticas, através do processo de aprofundamento de conhecimento, sendo que essa mudança ficaria reconhecida como uma mudança na cultura de práticas.

O Construtivismo introduziu ideias e desenvolvimentos importantes ao nível da disciplina, tendo uma visão mais sociológica das regras do Direito, e atribui uma grande

importância à relação do poder e das ideias, na elaboração do equilíbrio da política externa. Ao mesmo tempo, é uma teoria das relações internacionais que deu uma centralidade importante ao papel da Cultura, das ideias e ao entendimento profundo da identidade (Sousa, et al, 2022, pp.180-181), tal como explorada nesta dissertação.

A ideia de que o construtivismo entende a realidade como uma construção social e por isso é possível de ser melhor compreendida através de um aprofundamento de conhecimento que leva a alteração de práticas ou, neste caso, à construção de uma identidade, é o que leva à escolha desta teoria para a presente dissertação. Pretende-se perceber como é que a ideia de uma orquestra que junte jovens de todas as nacionalidades da União Europeia pode ajudar na construção de uma identidade comum, apesar da diversidade.

Metodologia:

Como já referido, a dissertação tem como objetivo principal analisar o papel da European Union Youth Orchestra na promoção e construção da identidade da União Europeia. Por consequência, pretendemos compreender o impacto da European Union Youth Orchestra nos seus participantes e identificar os resultados da EUYO face aos objetivos a que se propõe. Tendo isto em mente, partindo da pergunta inicial e das perguntas subsequentes já descritas anteriormente, torna-se necessário compreender o que é a identidade da União Europeia e como se foi construindo ao longo das décadas, o papel da cultura e da arte nesse processo, e de seguida analisar o caso específico da Orquestra Jovem da União Europeia.

Para tal, é necessário fazer a relação do processo que leva à construção do projeto europeu, ou seja, aquilo que leva à formação da União Europeia e da sua identidade comum, com o papel da cultura. É necessário ir à História para compreender este papel, sendo por isso uma investigação dividida em duas partes distintas: uma primeira parte explicativa-descritiva, que pretende perceber os primórdios da União Europeia e como a cultura foi um fator importante para a sua concretização; uma segunda parte, centrada no objeto de estudo, contendo uma abordagem explicativa do que é a Orquestra Jovem da

União Europeia e aqui recorrendo à bibliografia disponível e às entrevistas realizadas ao Diretor de Ensaio da EUYO, Peter Stark e ao Diretor Executivo e Artístico da Orquestra, Marshall Marcus; e na aplicação e análise dos resultados de um questionário fechado respondido por membros da Orquestra Jovem da União Europeia, de forma a medir o impacto da sua participação na Orquestra em relação ao seu sentimento de pertença à União Europeia. O questionário foi fechado, dividido em duas partes: uma primeira parte focada nas informações pessoais, com o objetivo de caracterizar os participantes; e uma segunda parte, com 20 questões fechadas e para classificação de concordância ou discordância, utilizando a escala de Likert de 1 a 10.

Estruturação do trabalho

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a criação de uma identidade europeia. O segundo capítulo examina o papel da Cultura e das Artes na construção da identidade europeia. O terceiro capítulo analisa a Orquestra Jovem da União Europeia, o seu processo de formação, os objetivos a que se propõe e inclui os resultados do estudo que foi realizado aos participantes de várias edições da Orquestra, assim como a discussão dos mesmos e a respetiva conclusão de todo o trabalho.

Em detalhe, o primeiro capítulo aborda a compreensão do processo de construção da identidade europeia como algo que foi tomando consciência por parte dos políticos e decisores europeus desde o fim da Segunda Guerra Mundial e logo desde o princípio do projeto europeu. No entanto, esta preocupação começaria a ter um novo impulso, sobretudo a partir da década de 70 do século XX. Seria exatamente nessa época que se começaria a dar uma importância ao papel da Cultura e, com isso, surgiria o processo político que daria origem à Orquestra Jovem da União Europeia.

Sendo necessário fazer o enquadramento teórico da questão fundamental analisada, escolher-se-ia o Construtivismo como a teoria das relações internacionais para compreender se de facto a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia. Isto porque, em primeiro lugar, seria importante compreender o processo de construção ou promoção da identidade europeia, e quais os motivos e circunstâncias existentes para que isso acontecesse. Por outro lado, como é que aparece a ideia de uma

Orquestra Europeia que representasse os ideais fundacionais da União Europeia e que sendo de jovens apresentava um sinal claro de futuro, um projeto com futuro.

Posteriormente, percebendo a existência de uma identidade da União Europeia, utilizando a distinção feita por Pinto (2014), entre uma identidade política e uma identidade social, seria necessário aprofundar o impacto da cultura na promoção e construção da identidade da União Europeia. Ainda neste primeiro capítulo, fez-se o exercício de compreender o papel da identidade europeia e ir aos primórdios das discussões.

No segundo capítulo refletiu-se, em parte, sobre essas discussões, com o intuito de compreender, de que forma a Cultura contribuiu para a redescoberta dessa identidade e como isso poderia moldar o futuro europeu. Ou seja, compreendendo o papel da Cultura na discussão do quadro de uma Europa no pós-guerra, o passo seguinte seria avançar para o papel da Cultura dentro da solução encontrada para Europa no pós-guerra: a União Europeia. Como é que esse papel foi evoluindo ao longo do processo de integração europeia, sabendo que o papel da Cultura ganharia uma particular relevância nos anos 70 com o aparecimento da Declaração de Copenhaga e a Cimeira de Paris. Aliás, é no quadro desse processo que apareceria a proposta de criação de uma Orquestra de Jovem para a Comunidade Económica Europeia, movimento que se dá simultaneamente com a entrada do Reino Unido no projeto europeu. Os dois dados acabariam por estar profundamente relacionados. Por outro lado, compreendendo a evolução do papel da Cultura na União Europeia, seria necessário perceber quais as competências atuais do União Europeia na esfera da cultura, as metas e objetivos, a agenda e as iniciativas como a capital europeia da cultura. O contributo de Psychogiopoulou (2015) acabaria por ser importante para perceber esta parte, até porque, mais tarde com as entrevistas feitas ao Diretor Executivo e Artístico da EUYO, Marshall Marcus e do Diretor de Ensaio da EUYO, Peter Stark, estas ajudariam a compreender como isso se relacionava com a forma de atuação da Orquestra Jovem da União Europeia.

No terceiro capítulo da dissertação analisa-se todo o processo de formação da Orquestra Jovem da União Europeia, as suas origens, propósitos e o desenho do projeto. A Orquestra Jovem da União Europeia irá cumprir, em 2024, os 50 anos de proposta de criação no seio da Comunidade Económica Europeia e os seus 50 anos de atividade em 2028. É fundamental analisar as razões que suportaram a criação da Orquestra, nomeadamente o pensamento dos promotores da iniciativa e o alinhamento de múltiplas vontades que resultaram na formação da Orquestra. Uma Orquestra formada por representantes jovens

de todos os países pertencentes ao projeto europeu, que se reúne anualmente, através de um processo de audições exigente e que pretende formar uma Orquestra de máxima qualidade. Formada uma Orquestra, esta entra em digressões pela Europa, mas também fora da Europa, enchendo várias salas de espetáculo agindo enquanto embaixadora cultural da União Europeia.

Seriam, sobretudo, estas questões que motivariam o questionário lançado para membros da Orquestra Jovem da União Europeia. Isto porque pareceu-nos importante perceber se iniciativas como esta poderiam promover um sentimento de pertença à União Europeia. No fundo, seria relevante compreender quais as perceções dos jovens participantes da Orquestra em relação ao projeto europeu, o seu perfil e as suas motivações.

Nesse sentido, aplicou-se o questionário a membros da Orquestra Jovem da União Europeia entre as edições de 2013 e 2022. Escolheu-se o ano de 2013, por ser o último ano de entrada de um país na União Europeia, a Croácia. Noutro sentido, consideramos a saída do Reino Unido da União Europeia em 2020, e as consequências da pandemia da Covid-19, pelo que excluímos o ano de 2020.

Queríamos compreender o que é que estes jovens, que passaram por uma experiência de intercâmbio, que percorreram a Europa a fazer concertos de música clássica, pensavam da União Europeia, das suas instituições e do seu papel, e como é que eles classificavam esta experiência que viveram. A sua opinião seria fundamental para perceber se, de facto, poderíamos considerar a Orquestra Jovem da União Europeia um projeto bem-sucedido, dentro daquilo que são os seus objetivos traçados desde o seu princípio até à atualidade, e em que medida ou até que ponto é promotora da identidade e do sentimento de pertença à UE entre os seus participantes.

Finalmente, depois de expostos os resultados estatísticos, são discutidos os resultados à luz do que foi previamente debatido nos capítulos anteriores, formuladas as conclusões e levantadas novas possibilidades de estudo para o futuro.

É deste ponto que partimos para o problema exposto nesta dissertação, reconhecendo que atualmente a União Europeia depara-se com o crescimento do euroceticismo e com a saída do Reino Unido. Por outro lado, compreende-se que a legitimidade da União Europeia e das suas instituições esteja intimamente ligado ao sentimento de pertença dos Estados-membros que compõe a UE e, por consequência, ao sentimento de pertença dos cidadãos europeus.

Nesse sentido, pretendemos analisar o projeto da Orquestra Jovem da União Europeia, assim como o sentimento de pertença à União Europeia dos seus participantes. Em primeiro lugar, a singularidade de um projeto que interliga o património cultural, diverso, rico e incalculável como é o da música clássica, à experiência de intercâmbio cultural que se faz por intermédio dos seus participantes. Em segundo lugar, porque ao pretender ser um “espelho daquilo que representa a União Europeia”, como explicou Marshall Marcus, o diretor da Orquestra Jovem da União Europeia, será que poderemos antecipar desafios da União Europeia, observando a Orquestra Jovem da União Europeia?

I capítulo- A União Europeia e a criação de uma identidade europeia.

Identidade da União Europeia

A palavra identidade vem do latim *identitas*, isto é, o conjunto de traços, características de uma pessoa ou de uma comunidade. A palavra vem da conjugação do adjetivo “idem” e do sufixo “dade”, que pretende qualificar aquilo que é idêntico. Do ponto de vista etimológico a palavra identidade remete para a ideia da essência do ser, ou por outras palavras, aquilo que permanece. Esta noção etimológica foi algo que preocupava os pensadores gregos como Platão e Sócrates que procuravam compreender a essência das coisas numa procura contínua pela verdade. Por outro lado, uma das dimensões da identidade parte da consciência individual ou da consciência que uma comunidade tem sobre si própria, a sua auto percepção. Ou seja, há uma noção de reconhecimento desses traços e características por parte dos protagonistas dessa identidade, sabendo de antemão, que nem o indivíduo ou a comunidade podem viver alheios da realidade.

É comum a utilização da identidade, cultura e herança para a afirmação de projetos políticos e de Estados. Por exemplo, o cientista político John McCormick, (Pekel, 2011, p. 21), alegava que a estabilidade de um Estado estaria intimamente ligada com o nível de legitimidade atribuída pelos seus cidadãos e que isso também seria visto como a expressão da identidade nacional desse mesmo Estado. É possível de verificar que as divisões que ocorrem nas sociedades são por norma em questões culturais e que, como tal, acabam por ter repercussões na identidade nacional de um país. (Pekel, 2011, p. 21) Sendo uma questão complexa para os Estados, é naturalmente um desafio para a União Europeia. Nesse sentido, um dos objetivos para a unificação da Europa, através da compreensão de uma identidade comum passa pelo próprio processo de legitimação da União Europeia pelos seus cidadãos e por outras entidades internacionais. (Pekel, 2011, p. 18)

Em dezembro de 1973, os nove Estados-membros da Comunidade Económica Europeia decidiram formular um documento que se debruçasse sobre identidade europeia, com o objetivo de ver claro as relações com os Estado-membros entre si, mas também de como a Comunidade Económica Europeia se relacionaria com os assuntos mundiais, que espaço ocuparia. (*Declaration on European Identity*, 1973) O documento ficaria conhecido como Declaração de Copenhaga. Nos objetivos da declaração já estariam preocupações construtivistas, tanto na análise de Kauppi (2003) ou na de Risse (2004), no sentido de construção de comunidade entre os Estados-membros e a forma como se relacionariam no palco das relações internacionais, mas igualmente entre si. Por exemplo, a Declaração assinalava que o processo institucional da Comunidade Económica Europeia fazia parte da ideia de uma identidade europeia. Nos signatários da Declaração de Copenhaga percebe-se a necessidade de, por um lado, assegurar a sobrevivência do continente europeu, comprometendo-se numa união de vontades e intenções, tendo, por outro lado, a preocupação de preservar a riqueza cultural de cada nação. Nesse sentido existe uma vontade política de construir uma Europa unida, reconhecendo a individualidade cultural de cada Estado-membro. Contudo e apesar disso, compreendeu-se que existe um espaço comum civilizacional que preenchem enquanto europeus. (*Declaration on European Identity*, 1973)

Por outro lado, reconhecia-se dentro dos nove Estados-membros que o facto de existirem interesses comuns entre os Estados, preocupações semelhantes e valores similares, aproximaria a construção de uma Europa Unida. Acrescentava ainda que todos os países da Europa que partilhassem estes denominadores, poderiam juntar-se a este projeto político. Ao mesmo tempo, existindo preocupação da perceção que este projeto poderia ter na comunidade internacional, os nove países reconhecem essa preocupação e queriam que a sua união fosse um benefício para todo o mundo. Não deixa de ser importante referir que o documento refere também que no caso da relação entre a Europa e os Estados Unidos, o facto de terem uma herança comum leva-os a partilhar os mesmos valores. (*Declaration on European Identity*, 1973)

Por fim, a Declaração de Copenhaga reconhece que o futuro da identidade europeia passará pelo desenvolvimento que terá o próprio espaço europeu, como tal a definição de identidade europeia irá progredir de acordo com o tempo e com esse aprofundamento. (*Declaration on European Identity*, 1973)

Apesar do passo significativo dado pela Declaração de Copenhaga, durante muito tempo a própria Comunidade Económica Europeia acreditava que a integração económica e a interdependência levariam à própria aceitação e verificação da CEE. No entanto, tal não se verificou, o que forçaria a CEE a ter de agir ativamente na promoção da identidade europeia. (Pekel, 2011, p. 19). Não deixa de ser um dado significativo (que será analisado mais tarde) que a data da primeira proposta para a criação de uma Orquestra que incluísse os jovens de todos países da Comunidade Económica Europeia tivesse surgido no mesmo ano que a Declaração de Copenhaga. A proposta tinha sido entregue pela delegada inglesa ao Parlamento Europeu, a baronesa Diana Elles numa reunião da Comissão da Juventude do Parlamento Europeu, a 14 de junho de 1973. (*European Parliament, Committee on Cultural Affairs and Youth*, 1974)

Posteriormente, um dos momentos mais significativos chegaria passados quase 20 anos da assinatura da Declaração de Copenhaga: o Tratado de Maastricht. Um Tratado assinado em 1992 que foi determinante em diversos níveis, primeiro porque funda a União Europeia, que incorpora a antiga Comunidade Económica Europeia. É um marco importante, na medida em que a integração europeia avança de um projeto económico e ganha uma maior dimensão política, para além de constituir três pilares: um primeiro em que os países membros atuam dentro das instituições comunitárias, um segundo pilar que desenvolve uma política externa e de segurança comum e, finalmente, um terceiro que desenvolve uma cooperação no domínio da Justiça e assuntos internos. Por outro lado, o Tratado reforçou os poderes do Parlamento Europeu e tornou-o fundamental para a investidura da Comissão. De realçar ainda que Maastricht foi importante para o princípio da subsidiariedade na União Europeia. Isto é, nas áreas que não sejam da competência da União, esta só age caso os objetivos possam melhor ser alcançados em conjunto e caso os Estados o solicitem. (*Europa de A a Z*, 2017, p. 661)

O Tratado de Maastricht introduziu outra marca importante para a integração europeia, a chamada cidadania da União Europeia. Isto é, a Comunidade Económica Europeia ao passar a uma união política pelo Tratado de Maastricht, forçou a formalização de uma cidadania europeia. (Morgado, 2021, p.522) Sendo uma cidadania que em nada compete com a cidadania nacional, nem pretende substituir, mas antes, complementar a mesma. Como tal, só se pode obter a cidadania da União Europeia, sendo ou tornando-se cidadão de um Estado-membro da União. É possível compreender os direitos específicos associados à cidadania da União Europeia, através do artigo 20º do Tratado de Maastricht.

Por exemplo, ao cidadão da União Europeia é-lhe concedido o direito a circular e residir em todo o território da União Europeia; candidatar-se ou votar nas eleições autárquicas do país onde reside e nas eleições europeias para o Parlamento Europeu; proteção diplomática e consular de qualquer Estado da União Europeia; dirigir petições ao Parlamento Europeu ou recorrer ao Provedor de Justiça Europeu; e ter o direito de se dirigir às instituições europeias em qualquer uma das línguas oficiais da União Europeia. (*Europa de A a Z*, 2017, p.114)

Após o Tratado de Maastricht, a ideia de cidadania da União Europeia foi sendo desenvolvida e ganha novos contornos no Tratado de Amesterdão em 1997, com a ênfase na promoção da igualdade de direitos de homens e mulheres, e na luta contra a exclusão social. (*Europa de A a Z*, 2017, p.657) Tudo isto continuaria a ser aprofundado ao longo do tempo e até ao Tratado de Lisboa de 2007. O Tratado de Lisboa viria a dar um forte relevo a uma Europa dos cidadãos, mais democrática, fazendo com que os cidadãos compreendessem melhor o processo de decisão política, pudessem participar mais de perto e com mais preponderância. Em Lisboa seria assinada a *Carta dos Direitos Fundamentais*. (*Europa de A a Z*, 2017, p. 659)

A cidadania europeia torna-se importante para esta dissertação, pois um dos objetivos estratégicos da Orquestra de Jovens da União Europeia passa pela formação de europeus esclarecidos, e tanto a Cultura como a Orquestra serão vistas como ferramentas para tal. (*euyo.eu*, 2022)

Identidade Política e Social da União Europeia

Interessa para esta dissertação compreender a perspetiva construtivista de que existe um conjunto de interesses e valores comuns que podem convergir e concretizar-se através da construção de uma identidade comum. No entanto, compreende-se igualmente que todas as identidades têm uma dinâmica própria e não estão estáticas, passíveis de serem transformadas por diferentes atores e pela realidade. (Pinto, 2014, p.44) No caso da União Europeia é possível reconhecer duas formas de identidade: uma identidade política e uma identidade social. Isto é, compreende-se a identidade social como a filiação ou sentimento de pertença à União Europeia. Sendo a União Europeia uma instituição supraestadual composta por diferentes Estados-membros, é preciso ter em conta a perceção que cada

Estado-membro tem enquanto membro da União Europeia, reconhecendo que poderão resultar daqui várias identidades dos membros a partir da filiação ao mesmo grupo. Sendo que à medida que o Estado-membro se torna parte da União Europeia, também a União Europeia se torna parte do Estado-membro. (Pinto, 2014, p.49) Isto resulta de um processo de influência mútua, importante e que acaba por ter peso na identidade institucional da União Europeia e do Estado-membro. Reconhece-se por isso, um processo de evolução e de transformação da identidade do Estado-membro e da União Europeia em relação mútua.

A identidade social acaba por estar dependente da noção de pertença de cada Estado-membro à União Europeia, mas também da forma como cada cidadão se sente pertencente à União Europeia. Havel (2000) defendia a ideia de que no processo de fazer com que os cidadãos europeus se sentissem cada vez mais pertencentes à União Europeia, puxou-se a sua pertença ao seu país demasiado para baixo. Isto é, existiu uma tentativa de diluição dessa pertença. Ao mesmo tempo, justifica a existência de uma recente preocupação com a identidade europeia, que não existia no passado, pela própria percepção que a Europa tinha de si na relação com o mundo. (Havel, 2000)

É possível compreender a identidade social através do contexto em que surge e é desenvolvida, e até que ponto os membros se sentem parte dessa comunidade, ou seja, os níveis de pertença. Isto é, compreendendo a existência de múltiplas identidades, existe um certo dinamismo no desenvolvimento da Identidade da União Europeia. Daqui percebe-se que a geografia dos membros, o fator político e as suas características culturais são decisivos no desenvolvimento dessa identidade. (Pinto, 2014, p. 45) Como tal, iremos também abordar seguidamente o contexto histórico em que surge, até porque, se é importante para cada Estado-membro a pertença à União Europeia, os valores, princípios e normas da própria União Europeia são fundamentais para a identidade da comunidade e, por isso, importantes para a identidade de cada Estado-membro da União Europeia.

Na discussão sobre a identidade social da União Europeia colocou-se a questão de uma identidade institucional, sendo que esta pode fazer a ponte para a discussão de uma identidade política da União Europeia. Vale a pena por isso descrever brevemente essa noção que ficou também definida a partir da união política dada com a assinatura do Tratado de Maastricht. Isto é, existe a Comissão Europeia, que detém exclusivamente a iniciativa legislativa e que por isso tem a seu cargo o poder de começar o processo de formação das leis. Tem a seu cargo as agências europeias e toda a administração da União

Europeia. Seguidamente temos o Parlamento Europeu que, desde 1979, é formado por deputados eleitos em eleições europeias realizadas em todos os Estados-membros. Pode aprovar as leis propostas pela Comissão e, ao mesmo tempo, participar no processo legislativo, tem um poder de codecisão assim como o Conselho da União Europeia. O Conselho da União Europeia é o órgão onde se reúnem os Chefes de Estado ou membros do governo de todos os países pertencentes à União Europeia. Existe ainda um Banco Central Europeu e um Tribunal de Justiça da União Europeia. Todas as normas acordadas pelas instituições europeias têm supremacia sobre o direito nacional dos países da União Europeia, sendo este um passo importante na integração europeia, mas que não resultou dos tratados europeus, mas antes da jurisprudência do Tribunal de Justiça (Morgado, 2021, pp.523 e 524) É ainda importante realçar o Conselho Europeu que é a instituição que reúne os Chefes de Estado e de Governo da União Europeia. (*Europa de A a Z*, 2017, pp.164 e 165)

A descrição da identidade institucional da União Europeia, ajudará mais à frente a perceber o processo de formação da Orquestra de Jovens da União Europeia, pelo menos ao nível formal e político.

Pinto (2014) faz referência a Cerutti que define a identidade política como: “primeiro, um conjunto de valores políticos e sociais que reconhecemos como nossos, ou cuja partilha dos quais nos faz sentir como ‘nós’, como um grupo ou entidade política”. Cerutti refere também a identidade política como algo derivado de um processo de autodefinição. Este conceito é importante, na medida em que esta autodefinição é feita através de experiências, normas e papéis que são aprofundados em sociedade. (Pinto, 2014, p.51) Este processo era também descrito por Kauppi (2003), quando teorizava sobre o construtivismo ou Risse (2004) quando explicava que os novos atores internacionais, agentes e estruturas tinham de interagir entre si e que tal estaria no cerne da construção de uma identidade comum, ou seja, a identidade vista como passível de ser um elemento obtido através de uma construção social. Por outro lado, a identidade política poderá ser considerada como a filiação dos membros que compõe a União Europeia que perfilham os mesmos valores, regras e princípios. Os membros da comunidade aderem de livre e espontânea vontade à organização e esse é um elemento fundamental da identidade política pois é forjada através das regras, hábitos que se vão estimulando na relação entre a política europeia e a política de cada Estado-membro. Há um outro ponto também a

salientar, esta identidade é ao mesmo tempo reforçada pelo papel das elites, dos membros que pertencem à comunidade e da própria comunidade. (Pinto, 2014)

Regressando à Declaração de Copenhaga (1973), os nove países que assinaram a declaração, assumiam que para a concretização de uma Europa unida tinham sobre o espírito dos tratados de Roma e de Paris criado instituições supranacionais, mecanismos de cooperação conjunta, um mercado comum, com a eliminação de barreiras e tarifas. De acordo com esta declaração, todos estes elementos eram parte estrutural da identidade europeia e o objetivo seria em menos de uma década todas estas complexas ramificações de cooperação, resultarem numa União Europeia. (Declaration on European Identity, 1973)

De acordo também com (Pinto, 2014, p. 52), para a compreensão da identidade política da União Europeia, a existência de várias identidades nacionais não colocava em causa a existência de uma identidade política da União Europeia. Com a ressalva de que o sentimento de pertença nacional possa prevalecer prioritário em relação ao europeu. Contudo, a ideia de uma identidade europeia poderá assentar numa forma de cultura política partilhada, que poderia resultar numa cidadania europeia que não provém de uma origem étnica ou histórica. Uma cidadania, tal como vimos anteriormente definida no Tratado de Maastricht, uma cidadania comum que não tente diluir ou destruir as identidades nacionais, como é o caso da realidade do projeto europeu. (Pinto, 2014, p. 55).

Por fim, a identidade política da União Europeia poderia ser entendida também ao nível referente dos princípios, regras e normas que todos os Estados-membros se identificam e por isso a sua pertença ao grupo. Esse processo sustenta-se e é desenvolvido através de normas, hábitos e papéis. (Pinto, 2014, p. 55) Ou seja, está aqui presente a visão construtivista de Adler, que o processo de institucionalização tinha impacto nas mudanças, mas também a de Kauppi (2003), que entendia o processo de desenvolvimento da integração europeia, através das normas, do poder discursivo e dos símbolos.

Soberania partilhada e integração europeia

Pinto (2014) apontava que na discussão da identidade da União Europeia estaria assente a questão de uma cultura política partilhada entre os vários agentes e que seria traduzida numa cidadania europeia que se tinha formulado em 1992, e que acabaria por legitimar o modelo institucional da União Europeia. Logo na Declaração Schuman era referido o espírito de solidariedade de uma Europa supranacional em que os Estados cooperassem juntos. O Tratado de Roma explicava que a integração europeia deveria começar pelo comércio e que seria daí que haveria a expansão económica. Nos anos subsequentes houve desenvolvimentos com vista a uma união política e com o espírito do Tratado de Maastricht em mente: “*Uma união cada vez mais estreita entre os povos europeus.*” (O *Tratado de Maastricht*, 1992). Alfredo Sousa Jesus defendeu a ideia de que a União Europeia é um processo em construção permanente, estando dependente do equilíbrio da evolução entre a comunitarização e o intergovernamentalismo. (Jesus, *Europa de A a Z*, 2017, p. 687)

É possível compreender que o desenvolvimento do modelo de integração europeia ao longo dos tempos é reflexo da transferência de poderes dos Estados-membros para as instituições europeias, ou seja, transferência de soberania ou antes uma soberania partilhada. Ao longo do tempo a construção europeia foi sendo progressiva e foram dados passos consecutivos como o Ato Único Europeu que define o espaço da Comunidade Económica Europeia como sem fronteiras internas, o Tratado de Maastricht que formalizava a cidadania europeia ou o Tratado de Amesterdão que explicava a relação da cidadania europeia com a cidadania nacional. (eurocid.mne/cidadaniaeuropeia, 2022) Considerando que, à medida que foi evoluindo o projeto europeu, foram dados passos no desenvolvimento daquilo que poderá ser considerado como a cidadania europeia. Como tal, a Cimeira de Paris em 1974 foi um importante marco porque começou aí a ser trabalhada a questão da cidadania europeia. (eurocid.mne/cidadaniaeuropeia, 2022) É importante referenciar que a Cimeira de Paris acontece no ano seguinte da Declaração de Copenhaga, mas que não colocava em causa o que tinha sido estabelecido em Copenhaga ou nos tratados europeus. (*Cimeira de Paris de Dezembro de 1974: Um marco na História das Comunidades*, 1974) No entanto, ficava assente que seria criado um grupo de trabalho para analisar condições e prazos para estabelecer certos direitos aos cidadãos dos Estados-membros enquanto pertencentes à Comunidade Económica Europeia.

(eurocid.mne/cidadaniaeuropeia, 2022) Sendo que o ponto 10 das conclusões da Cimeira seria, desde logo, a criação de um passaporte uniformizado entre os cidadãos dos Estados-membros. O propósito da Cimeira também esteve desde logo definido: continuar a trabalhar para a unidade europeia e enfrentando de uma forma global as limitações que estavam a ser colocadas à construção europeia. (*Cimeira de Paris de Dezembro de 1974: Um marco na História das Comunidades*, 1974)

No mesmo ano da Cimeira de Paris, 1974, Jean Monnet viria a dizer que: “Os problemas que os nossos países precisam de resolver não são os mesmos do que em 1950. Mas o método mantém-se o mesmo: uma transferência de poderes para instituições comuns, respeitando a regra da maioria e uma abordagem comum para encontrar soluções para os problemas são a única resposta para o nosso atual estado de crise.” (<https://www.ecb.europa.eu/press/key/date/2017/html/ecb.sp170504.en.html>, Draghi, 2017) Percebia-se que, de acordo com a visão dos fundadores da União Europeia, a resposta às crises e aos desafios passavam por um maior aprofundamento no processo de integração. Como tal, independentemente das circunstâncias, dos desafios ou das dificuldades, o seu método responderia fosse em 1950, 1974 ou nos dias de hoje. Monnet queria garantir que os governos nacionais pudessem cumprir a sua obrigação de garantir segurança, liberdade e prosperidade aos cidadãos. Apesar de considerar importante a cooperação de nações, Monnet entendia que esta não seria suficiente para resolver os desafios dos europeus sem ocorrer uma fusão de interesses dos mesmos, e que a cooperação entre nações poderia resultar apenas numa manutenção de equilíbrios entre Estados.

No processo de transferência de poderes gradual dos Estados para organizações supranacionais, era importante o reconhecimento da legitimidade do mesmo pelos cidadãos, sem isso não valeria de nada o esforço. Ou seja, nos anos 70, discutia-se o aprofundamento da construção europeia com vista a uma união política, sendo que através da Declaração de Copenhaga se queria discutir o papel da Comunidade Económica Europeia no mundo, como tal, tenta-se definir a identidade europeia tendo em consideração também a dinâmica natural da Comunidade. Como com a Cimeira de Paris que abria espaço para a discussão dos direitos dos cidadãos. E, por fim, no ano de 1979, quando se realizaram as primeiras eleições para o Parlamento Europeu, isto é, eleições livres e universais realizadas em todos os estados-membros para eleger os representantes dos cidadãos europeus.

Para Monnet, apesar da União Europeia ter começado como um processo de integração económica, essa seria a pedra basilar que conduziria para uma união política. Como tal, considerava que os meios utilizados seriam menos importantes do que a direção que se pretendia chegar. No entanto, nos anos finais da sua vida, viria a reconhecer que se tivesse de recomeçar a União Europeia outra vez, em vez de começar por uma integração económica, iria começar pela cultura. (Monet, 1972) No entanto, acreditava que através deste método levaria à união política que incluiria o mercado comum e a moeda única.

O aprofundamento do conceito de soberania partilhada seria o desenvolvimento do modelo de integração europeia. Sendo a Europa marcada por um período de fortes clivagens através de conflitos económicos e sociais, entre as várias guerras que marcaram toda a história europeia, foi de tal forma evidente que surgiu a vontade política de reconstrução europeia após a Segunda Guerra Mundial, através dos laços da interdependência entre nações como forma de alicerçar uma paz duradoura e, se possível, perpétua. Aliás, tal vontade já tinha sido manifestada por várias vezes na história da Europa, por tentativas de uma unificação que conduzisse a um entendimento para a paz que contribuísse para o desenvolvimento económico.

Durante a segunda metade do século XIX até ao princípio da Primeira Guerra Mundial, a Europa viveu uma unidade económica suportada pela revolução industrial e pela doutrina liberal de Adam Smith. Isso impulsionaria uma evolução significativa nos transportes, a celebração de acordos de livre comércio o que conduziria à liberdade de circulação de capitais e até a uma embrionária livre circulação de cidadãos sem a utilização de passaporte. (Coelho, 2017) Como tal, tendo passado por esta experiência de partilha e de desenvolvimento, e depois do despontar de duas guerras mundiais com um impacto brutal de destruição no continente europeu e o receio do expansionismo global da União Soviética, chega-se à ideia de uma unidade europeia que garantisse a paz como base para o desenvolvimento económico e de bem-estar social e, por outro lado, contivesse os avanços soviéticos quer no plano territorial como no das ideias, e que, por fim, caminhasse para a reconstrução da Europa que vinha dos destroços da guerra.

Quando, em 1950, Robert Schuman, Ministro dos Negócios Estrangeiros de França anuncia a proposta de criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço estava-se perante o princípio de base para a gestão de um mercado comum que gerisse o carvão e o aço que eram os recursos essenciais para a indústria da guerra. Com a *Declaração Schuman*, proferida a 9 de maio de 1950, o seu autor, tendo a autoridade do governo

francês a suportá-lo, desafia o governo alemão para o desenvolvimento desta organização supranacional que ficaria desde logo aberta à adesão dos demais países europeus que se quisessem comprometer na reconstrução europeia. O discurso tinha uma inspiração muito direta em Jean Monnet e na forma como este concebia a noção de estado e de soberania. Percebia-se que a criação de uma instituição supranacional que compreendesse que o estreitamento dos laços económicos poderia aspirar a uma nova forma de estar na Europa, a interdependência de recursos entre os vários estados levaria a um aprofundamento de relações entre estes. Schuman defende mesmo a tese dizendo: “A Europa não se fará de uma só vez, nem numa construção de conjuntos, a Europa far-se-á por realizações concretas desenvolvendo antes do mais uma solidariedade de facto. (...) Os países da Europa são demasiado pequenos para assegurarem aos seus povos a prosperidade e o desenvolvimento social indispensáveis. Isso implica que os Estados da Europa constituam uma Federação ou uma entidade europeia que faça deles uma unidade económica comum.” (Coelho, 2017, p.200).

Europeização

Para compreender melhor o processo de integração europeia, de estreitamento de laços económicos como referia Schuman, de uma abordagem comum para a resolução de problemas como explicava Monnet, é importante conceptualizar a europeização entendendo a sua relação com este processo. Se, por um lado, é importante compreender o nível de pertença e identificação que um Estado-membro tem com a União Europeia e vice-versa e o que traz o desenvolvimento dessa relação de dois sentidos, é importante compreender o espírito de pertença que os cidadãos têm face à União Europeia e aos seus estados, se uma interfere com a outra, se existe compatibilidade e se podem funcionar harmoniosamente em conjunto. Anderson, em 1991, refere ser errada a ideia de que os níveis de pertença que os cidadãos sentem face à União Europeia faria diminuir o seu sentimento de pertença ao seu país. Não existe uma relação entre uma e outra, ou seja, os cidadãos poderiam sentir que pertencem a várias entidades, culturas ou comunidades simultaneamente. Mais, existem até dados de que podemos ter cidadãos que se identifiquem de uma forma muito acentuada com os seus países e ainda assim ter uma forte relação com a União Europeia sem que necessariamente uma prejudique a outra. Este dado é importante na compreensão de que a identidade política da União Europeia se interliga com o nível de aceitação dos cidadãos enquanto instituição, sendo até parte

fundamental para a compreensão da mesma. Isto porque, sendo a Democracia representativa um dos valores basilares da União Europeia e que define a sua identidade política e social, compreende-se que a instituição procure ser espelho dessa representação do cidadão, sendo ainda mais clarividente na afirmação da sua identidade.

O debate no quadro europeu centra-se sobretudo entre aqueles que exclusivamente se identificam com o seu país e aqueles que se identificam com o seu país e com a União Europeia. É aqui que está a grande clivagem.

É neste sentido que advém o conceito de Europeização que é definido nomeadamente por Olsen, que o explica como algo que poderá ser visto em cinco diferentes finalidades. Em primeiro lugar, a europeização pode ser entendida como o processo de alargamento da União Europeia, que incorpora novos países, tornando o continente europeu como um espaço político comum. Ou seja, o desenvolvimento da sua fronteira e limite externo. Em segundo lugar, no surgimento de instituições europeias, com capacidade de centralização e decisão coletiva. Em terceiro lugar, a penetração central em sistemas nacionais de governança, sugerindo aqui uma partilha de responsabilidade e uma coordenação entre diferentes instituições políticas num sistema de vários planos, ou entre diferentes níveis de governação. Um sistema que entenda uma coordenação central e uma autonomia local, um equilíbrio que deve ser formado tendo em conta a máxima “unidade na diversidade”. Em quarto lugar, a Europeização poderá ser vista como a exportação de formas de organização política e de governança europeias para com atores não europeus. Finalmente, em quinto lugar, o conceito de europeização pode ser entendido como o processo de unificação política enquanto projeto de bloco comum. Isto é, a relação do espaço territorial com a adaptação que os Estados-membros acabam por ser obrigados a fazer, ao mesmo tempo que a relação dos desenvolvimentos da integração europeia no espaço exterior do continente europeu. Neste ponto torna-se particularmente interessante compreender como pode ser entendida a europeização para a afirmação política da União Europeia, sobretudo num contexto em que, como aponta Olsen, é complicado na medida em que a União Europeia teve de lidar com diversos desafios como o alargamento e o agravamento do euroceticismo. (Olsen, 2002, pp. 923 e 924)

Num outro sentido, é importante colocar em perspetiva a visão de Eriksen sobre o conceito de Europeização. Começa por apontar o problema de défice de legitimidade da União Europeia e das prioridades nacionais assumirem precedência perante a realidade do projeto europeu. Como tal, Eriksen começa por apontar a Europeização como um

fenómeno com impacto ao nível da política doméstica do Estado-membro, na união política, social e económica. (Eriksen, 2015, pp. 194 e 195) Nesse sentido, Eriksen procura também a origem da aplicabilidade do conceito de Europeização que procura definir, isto é, as noções ideológicas e simbólicas do conceito. Já Claudio Radaelli (2003) identifica Europeização como um processo de construção, difusão e implementação de normas formais ou informais, procedimentos, paradigma político, estilos, crenças e normas comuns que são consolidados no processo político da União Europeia e que depois são aplicados na lógica dos discursos domésticos, estruturas políticas, identidades e discursos públicos.

A ideia de Olsen que entende a Europeização como uma política de unificação da Europa torna-se relevante. A Europeização vista como uma forma de fortalecimento da Europa como identidade, mais coerente e distinta. A noção de Estados soberanos que se unem num projeto político comum, no mesmo espaço. É vista como uma forma de desenvolvimento de uma esfera europeia da opinião pública, que contribuiu para formas de procura de legitimidade do projeto europeu, a criação ou promoção de um sentimento partilhado de pertença. (Olsen, pp. 940 e 941, 2002) É neste sentido que nos interessa a relação do conceito de Europeização com um projeto como o da Orquestra de Jovens da União Europeia. A Orquestra Jovem da União Europeia é considerada um símbolo cultural da União Europeia. A ex-Comissária Europeia da Cultura e Educação, Marya Gabriel, disse inclusive que contava com a Orquestra Jovem da União Europeia para que nestes tempos de crise, referindo-se à guerra na Ucrânia, esta fosse uma embaixadora da mensagem europeia. (euyo.eu, 2023) Como tal, coloca-se uma questão importante: é possível olhar para um projeto como o da Orquestra de Jovens da União Europeia como uma forma de dar legitimidade à União Europeia, desenvolver o sentimento de pertença nos seus participantes e contribuir para uma perceção positiva da opinião pública?

A União Europeia tem algum histórico de tentativas de aproximação para um bloco político que falharam, como por exemplo o designado Tratado Constitucional assinado em 2004, que estabelecia uma Constituição para a União Europeia, mas que nunca entrou em vigor por rejeição em referendo de franceses e holandeses. (*Europa de A a Z*, 2017, p.668) No entanto, o desejo desse aprofundamento persiste e existem passos que foram dados. Apesar do alargamento ter implicado uma maior dispersão territorial, um significativo aumento populacional, isso trouxe um maior número de culturas, povos, formas de estar diferentes que colocavam desafios aos processos de decisão e ao

funcionamento das instituições. Como tal, torna-se natural o aparecimento de uma maior oposição a políticas concertadas, centralizadas e que possam dar respostas coerentes e por isso mais fortes aos desafios internacionais. O equilíbrio aqui exigido torna-se difícil e, por isso, as instituições necessitam de um equilíbrio importante que corresponda a esta heterogeneidade que passa forçosamente a existir na União Europeia.

Um dos processos mais interessantes na integração e que pode ser compreendido pelo conceito de europeização é o programa Erasmus. A Comissão Europeia pretendia alargar os espectros da integração europeia e considerou o tópico da educação como essencial neste processo. Este exemplo é referido como possibilidade de ser estudado como modelo com algumas similaridades com a Orquestra Jovem da União Europeia, quer pela sua forma, objetivos a que se propõe atingir, e similarmente por aquilo que pretende representar no quadro da União Europeia.

Nos últimos anos o debate sobre a identidade europeia aumentou consideravelmente, sendo que o Programa Erasmus foi sendo visto como um símbolo da construção da identidade da União Europeia. Aliás, foi de tal forma relevante o aspeto de promoção da identidade europeia através de instrumentos como o do Programa Erasmus, que seria inclusivamente referido em diversos documentos da Comissão Europeia essa intenção. Seria necessário começar a estudar o impacto da mobilidade dentro da União Europeia com a questão da integração europeia. Dentro desta discussão, alguns autores, como Boomans, Krupnik, Krzalewska e Lanzilotta, concluem que a identidade poderá ser compreendida de formas diferentes tendo em atenção o país. Sendo que o país de origem do cidadão será determinante para a sua noção de identidade da União Europeia. (Oborune, 2015, pp. 76 a 80)

O programa Erasmus forçaria obrigatoriamente a uma maior cooperação entre os diferentes Estados-membros, entre as instituições europeias e entre as instituições de ensino. Os resultados do programa Erasmus continuam a ser surpreendentes, de acordo com o Erasmus Student Network Survey (ESNsurvey) que mediu a perspetiva de mobilidade dos estudantes: no ano de 2021, a grande maioria dos alunos gostaria de ter mais experiências internacionais, sendo que após estas experiências, os alunos sentem-se mais identificados com a Europa e o Mundo sem com isto perderem a sua identificação com os seus países e regiões. (*ESNsurvey XIV Edition*, p. 12, 2022) Sendo que é importante salientar que antes de fazerem as suas mobilidades no programa Erasmus, 37,94% dos alunos sentiam-se bastante europeus e 20,82% sentiam-se extremamente

européus. No entanto, após a experiência esses indicadores cresceriam significativamente, sendo que 41% passaram-se a sentir bastante europeus e 33% extremamente europeus. (*ESNs survey XIV Edition*, pp. 66 e 67, 2022)

Para a presente dissertação o conceito de europeização é relevante por dois motivos: no que toca ao alargamento da União Europeia, porque os jovens cidadãos de cada país que adere à União Europeia passam também a poder integrar a Orquestra Jovem da União Europeia; ao mesmo tempo, que pretendemos compreender os níveis de pertença à União Europeia dos participantes em projetos como o da Orquestra Jovem da União Europeia.

Euroceticismo

Como forma de adiante analisar os resultados do estudo realizado e a composição da amostra que respondeu ao questionário, é também conveniente conceptualizar o euroceticismo, até por ser uma das palavras-chaves na compreensão da atual realidade da União Europeia e, por isso, fundamental para compreender a sua identidade. Euroceticismo começa por juntar duas palavras, Europa e ceticismo. Ou seja, um ceticismo face à Europa, neste caso, à União Europeia. Considera-se três tipos de euroceticismo no debate político, um primeiro relacionado com os nacionalistas que olham com reservas para o projeto europeu por colocar em causa a soberania dos estados. Um segundo, os críticos que consideram que ocorreu uma deriva neoliberal do projeto europeu. Por fim, um terceiro que gostaria de reduzir o projeto europeu a um mercado económico, mas sem qualquer relevância política. (Coelho, 2017, p. 269). Os eurocéticos estão contra o método europeu, isto é, recusam com maior ou menor grau, o processo de integração que passa pela delegação de competências dos estados às instituições europeias. (*Europa de A a Z*, 2017, p. 269) O referendo da permanência do Reino Unido na União Europeia em 2016 que viria a ditar o Brexit, poderá ser encarado como expressão do euroceticismo de parte considerável do povo britânico face à União Europeia, demonstrando mesmo o desejo de querer sair do projeto europeu.

II capítulo - O papel da cultura e das artes na construção da identidade europeia.

A utilização da Cultura como algo que poderia estabelecer a unidade e resultar numa aproximação dos povos no rescaldo de uma Europa destruída pela Segunda Guerra Mundial está relacionada com a “promoção da ideia europeia”. Até porque seria da ideia de uma unidade entre a Cultura e a Política que deveria surgir a Europa dos escombros da destruição, fazendo da cultura um pilar para aquilo que se designava por cooperação europeia. Isto porque, a cultura deveria servir para a construção de um espaço público europeu que não entre em competição com os espaços nacionais, mas que fosse visto como elemento de cooperação entre eles. (Ribeiro, et.al; 2021, p.9).

Por outro lado, o século XX, sobretudo na segunda metade, iria trazer consigo novos desafios através do desenvolvimento de sociedades multiculturais, isto porque houve o surgimento de novas identidades, aliás como abordado previamente no primeiro capítulo. Como tal, uma pergunta que deve ser colocada será: porque é que os decisores políticos se interessaram pela Cultura para responder aos desafios que teriam pela frente? A enciclopédia *Britannica* explica que a cultura inclui a língua, as ideias, crenças, costumes, tradições ou a arte. Como tal a Cultura é algo que apenas o Homem poderá possuir, ao mesmo tempo havendo várias definições de cultura como “comportamento aprendido” ou como “um construtor lógico”. Kroeber e Clyde Kluckhohn descreviam o conceito como uma “abstração do comportamento”. Por outras palavras, poderemos também definir cultura como um conjunto de comportamentos complexos que fazem tradição, desenvolvidos pelas pessoas e que por isso passam de geração em geração. (Birukou, Blanzieri, Giorgini, Giunchiglia; 2009, p. 4)

Como tal, os decisores políticos que fundaram a União Europeia viram a cultura como um meio que poderia ajudar na construção de um “espaço público europeu” que não condicionasse os espaços públicos nacionais. Para isso, consideravam que os intelectuais deveriam ser os protagonistas que estabelecessem o laço político necessário que ligasse a cultura, a política, a sociedade e a economia. (Ribeiro, et.al; 2021, p.9) Ou seja, os decisores políticos viam na cultura um instrumento que poderia ser fundamental para garantir um projeto de paz e de estabilidade para a Europa. Após o desfecho da Segunda

Guerra Mundial, sentiu-se a necessidade da existência de uma reflexão profunda que colocasse em perspectiva tudo aquilo que tinha acontecido e como deveria ser projetado o futuro.

Ao denotarem a cultura como um elemento importante para encontrar respostas para o futuro da Europa, os decisores políticos já demonstravam algumas preocupações que podem ser vistas à luz do Construtivismo: a consideração de que a Cultura poderia ser um elemento importante para aquilo que seria o projeto europeu. Tal como Kauppi (2003) refere, a integração europeia iria resultar em novos mecanismos e na criação de novos processos que, no fundo, são confirmados pelos intervenientes que tiveram de pensar o futuro europeu no quadro do pós-guerra.

Movimento Europeu

Winston Churchill foi um dos mais importantes políticos do século XX. Destacou-se por ter a visão da construção de um Estados Unidos da Europa que se apresentasse como uma solução para a Europa, que deveria emergir dos destroços da guerra e que pudesse sustentar a paz.

O discurso que Churchill fez na Universidade de Zurique, a 19 de setembro de 1946, pouco mais de um ano após o fim da Segunda Guerra Mundial, foi um importante passo para aquilo que seria o futuro da construção europeia. As suas preocupações estavam concentradas para a existência de um entendimento entre franceses e alemães que pudesse assegurar o futuro da paz, segurança e liberdade e, ao mesmo tempo, de alguma forma, recriar a “família europeia”. (Churchill, 1946) No mesmo discurso Churchill realçava o papel da Europa como grande centro da ética cristã e da origem de significativa parte da cultura, artes, filosofia e ciência dos novos e velhos tempos. Apontava ainda que, caso a Europa tivesse permanecido unida sobre o desígnio deste património comum, não haveria limites para a felicidade dos europeus. No entanto, as quezílias entre nações e o nacionalismo de algumas partes, desapontaram grande parte da humanidade. De uma forma concreta, Churchill considerava que a Alemanha não poderia rearmar-se, de forma a não cair numa nova tentação de começar uma guerra. Era necessário aprender com as lições da História recente para poder projetar o futuro, seria desse esforço que resultaria a recriação da “família europeia”. Ao mesmo tempo, referiria que a “edificação europeia”

teria de ser construída a partir dos povos europeus. A União Europeia não teria sucesso se fosse feita contra a vontade dos europeus.

Como tal, colocaria como questão, de que forma se poderia aproximar os europeus dessa Europa? Estavam lançadas as bases para outra questão importante: porque não a existência de uma organização europeia que pudesse dar um sentido de alargado patriotismo que levasse a uma cidadania comum dos povos que estavam à procura de respostas no rescaldo de tantas tragédias? Churchill defendia que para isso seria necessária uma grande França espiritual e uma grande Alemanha espiritual. Seria necessário que a França recuperasse a liderança moral da Europa. Por outro lado, as pequenas nações teriam de ter tanta importância como as grandes e iriam contribuir para a causa comum. Seria ainda apontado que o Reino Unido já tinha como exemplo a comunidade de nações, a *Commonwealth of Nations*, que fortalecia a organização mundial. Churchill deixaria um forte apelo nesse mesmo discurso, “Deixem a Europa erguer-se!”. Sendo um discurso de grande importância, ficaria para sempre marcado na história da construção europeia. (Baltazar, 2013, pp. 12 e 13)

No rescaldo da Segunda Guerra Mundial, surgem vários movimentos e organizações de origem inglesa e francesa que tinham como missão uma maior proximidade entre a Europa e os diversos Estados. Como tal, em maio de 1948, é realizado um congresso organizado pelo “*International Committee of the Movements for European Unity*” que pretendia reunir um conjunto de personalidades de vários países europeus e de várias tendências políticas, com o objetivo de discutir os passos e a organização de uma Europa unida. Dentro dessas personalidades destacava-se a participação de Winston Churchill que ocuparia a presidência de honra, Alcide De Gasperi, Konrad Adenauer ou Altiero Spinelli. (Coelho, 2017, p.413) Este congresso seria de tal forma importante para aquilo que viria a ser o projeto europeu que ficaria conhecido como o “*Congresso da Europa*”. (Ribeiro, et.al; 2021, p.21).

Apesar do Congresso ter sido realizado em maio, o Movimento Europeu viria a ser fundado apenas em outubro de 1948, tendo como principal missão a formação de uma rede de personalidades que tinham preponderância em diversas áreas como a cultura, a economia, a política, ou tendo destaque na sociedade civil e que pudessem conduzir a discussão relativa à integração europeia e todas as problemáticas que se levantariam. O

Movimento Europeu tornou-se, por isso, uma organização internacional de cariz não governamental, que aspira contribuir para a edificação de uma Europa de pendor federal.

O Movimento Europeu compreendia que estaríamos a viver uma profunda mudança da ordem internacional e que isso exigiria novas respostas e até de uma organização de cariz supraestadual europeia. Em maio de 1948, estariam presentes em Haia, várias personalidades marcantes da política europeia, entre os quais, Konrad Adenauer, Harold Macmillan, François Mitterrand, Paul-Henry Spaak, Altiero Spinelli, Léon Blum, assim como Winston Churchill. O Movimento Europeu continua a existir atualmente e ao longo da História da Construção Europeia, a sua ação foi determinante para as eleições diretas no Parlamento Europeu a partir de 1979, a assinatura do Acto Único Europeu em 1986 e a elaboração do Tratado de Maastricht em 1992. (Coelho, 2017, p.413)

Contudo, regressando a 1948, na preparação deste congresso, foram criadas três comissões executivas, a política, a económica e a cultural. Denis Rougemont que foi o redator da comissão cultural viria a reconhecer que o Congresso queria garantir uma paz duradora no plano político, a prosperidade no cenário económico e, ao mesmo tempo, garantir culturalmente uma união na diversidade que ultrapassasse as rivalidades do passado. (Ribeiro, Rollo, Valente, Cunha; 2021, p. 21).

Denis Rougemont foi um importante escritor e ambientalista, de nacionalidade suíça, e vale a pena destacar um documento escrito pelo autor, um mês após a realização do Congresso de Haia, ou seja, a junho de 1948. Nesse documento, Rougemont pretendia definir aquilo que considerava ser a identidade cultural europeia, assim como as suas especificidades.

Seria necessário colocar como pergunta de partida, qual o valor da Europa no mundo? O que significaria a sua autonomia e a sua perda? Há uma consciência de que os eventos que culminaram com o fim da Guerra em 1945 de alguma maneira colocaram em causa a liberdade, um modo de vida e uma noção de Pessoa, uma forma de ver o mundo, a forma europeia. A base da federação europeia que deveria nascer, estaria na consciência da reflexão que tinha de ser feita, só isso garantiria a salvação da Europa. Reconhecendo que existe uma urgência económica e política para uma união dos Estados europeus, a unidade que poderia existir partiria sempre essencialmente da cultura. Do ponto de vista geográfico, a Europa continuará a ter o problema de ser vista como um cabo da Ásia. No

entanto, mesmo destruída materialmente, a Europa continua a ser encarada como o centro de uma cultura ímpar e com uma capacidade criativa singular no mundo.

Rougemont queria aqui considerar a noção de cultura no seu sentido mais amplo, isto é, aquilo que não é um mero ornamento decorativo, ou um luxo, mas antes, uma concepção de existência. A cultura educa. Preservar e promover a cultura europeia significaria, em primeiro lugar, um alargamento e aprofundamento da concepção do Homem e da sua Liberdade. Esta preservação da cultura europeia não significa uma doutrina única, o domínio de uma nação sobre as outras. Pelo contrário, a Europa terá de ser construída em permanente diálogo, até porque continuará a ter várias doutrinas, duas dezenas de nações e um grande número de escolas e intelectuais. Até porque é isso que diz a história europeia, será necessário encontrar unidade na diversidade entre elementos opostos e distintos como: Antiguidade e Cristianismo; Igreja e Estado; Catolicismo e Protestantismo; vontades regionais e sentido universal; memória e invenção; paixão pelo progresso e respeito pela tradição; germanismo e latinidade; individualismo e coletivismo; direitos e deveres. (Rougemont, pp. 1 e 2, 1948)

É importante referir que o eixo da história europeia, aquilo que foi a razão que levou aos momentos marcantes como as revoluções, a visão orientadora desses momentos, seria uma procura pelo ideal da Pessoa Humana. Por outro lado, a origem cristã também assume a natureza da pessoa como sendo autónoma e solidária, preocupada com a sua vocação e a organização da cidade. Sendo favorável do modelo federalista, Rougemont acreditava que a diversidade de nações que constitui a Europa tinha correspondido à fecundidade cultural europeia. No entanto, o individualismo nacional corresponderia a um perigo no intercâmbio cultural, seria motivo para as divisões no continente europeu e tinha sido a causa da guerra. Sendo inclusivamente que no estado de devastação em que se encontravam as nações, poderiam ficar entregues a um império exterior, ou forçadas a uma união indesejada por alguma força interna. Nesse sentido, considerava que a união federal constituía a única garantia da autonomia nacional. (Rougemont, pp.3 e 4, 1948)

Regressando ao Congresso de Haia, pretendia criar-se uma Europa unida, mas que não fosse feita, vergando pela força os povos europeus, mas que resultasse antes da “harmonização” dos povos livres. Embora houvesse na discussão várias tendências, entre as quais quem defendesse uma União de Culturas, como por exemplo Salvador Madariaga. Sendo verdade que todos reconheceriam a importância da defesa da unidade europeia e que isso passaria pela construção de um projeto que pudesse garantir uma paz

duradoura na Europa, existiam, contudo, várias concepções de como isso poderia acontecer e materializar-se. Para os mais federalistas, pensava-se que poderia avançar-se imediatamente para os “Estados Unidos da Europa” de que falava Churchill. No entanto, outros entendiam que seria possível atingir a União Europeia sem que isso implicasse uma ameaça à soberania das nações, ou seja, que envolvesse uma partilha de soberania por parte dos Estados. Em alternativa propunham uma cooperação entre Estados, que através de “pequenos passos” iriam aprofundar o seu entendimento. O debate iniciado em Haia não ficaria por ali e, embora todos fossem unânimes na necessidade real da Construção Europeia, a questão ficaria marcada entre a supranacionalidade e a soberania dos Estados. (Ribeiro, et.al; 2021, pp. 21 a 23)

Para o presente capítulo torna-se importante perceber qual foi o texto final aprovado por esta comissão cultural que funcionou no decorrer do Congresso de Haia. Desde logo temos o reconhecimento que a ideia da unidade europeia deixa de ser uma realidade utópica para passar a ser uma necessidade concreta. Para tal, conclui-se que para a unidade europeia perdurar no tempo, será necessário um esforço genuíno de todas as partes. Para isso a unidade europeia deve ser encontrada para lá das diferenças ideológicas, nacionais ou religiosas. Como tal, chegou-se à conclusão de que o princípio desse chão comum seria a herança cristã e outras heranças espirituais ou culturais, ao mesmo tempo do compromisso com os valores fundamentais dos Direitos do Homem, a liberdade de expressão e de pensar.

Por outro lado, atendendo ao artigo III do Tratado de Bruxelas assinado no princípio do ano de 1948, existia um pedido para com os governos para que houvesse uma promoção de intercâmbios culturais, movimentos e congressos entre estes ou outras entidades.

Como tal, a Comissão Cultural do Congresso de Haia entendia que seria fundamental a criação de um Centro Cultural que fosse independente dos Governos nacionais e que tivesse como missão primordial fazer surgir a “voz da Europa”. Para isso seria necessário promover uma consciência de unidade europeia através dos meios de comunicação social, nas escolas, universidades e no mundo do trabalho. Por outro lado, concordaram que seria necessário um espaço para líderes poderem reunir e discutir livremente sobre as suas visões para a Europa. Ao mesmo tempo existia uma preocupação para que os europeus acessem a uma informação correta, sem qualquer perturbação ou influência externa. Que ajudasse na livre circulação de ideias, literatura e trabalhos de arte entre diversos países. (*Cultural Resolution of the Hague Congress, 1948*)

Com uma grande preocupação na preparação das novas gerações, compreendendo que estará aí a chave que depende o futuro da Europa e que para isso é necessário formar as mães e os professores como agentes fundamentais da educação dos mais novos. Nesse sentido é feita a recomendação para a criação de um instituto para a infância e os jovens. Na mesma resolução é também recomendado que se criem mecanismos para que os jovens possam fazer intercâmbios entre países, incluindo estudos. (Cultural Resolution of the Hague Congress, 1948)

Ao nível dos direitos humanos - que são vistos como essenciais para a base daquilo que deverá ser o projeto europeu e que deve ser algo que todos os Estados-membros concordem *a priori* - e para assegurar esse mesmo cumprimento e salvaguarda para todos os cidadãos é recomendada a criação de um supremo tribunal com jurisdição supraestadual. (Cultural Resolution of the Hague Congress, 1948)

Em toda esta resolução existiam preocupações construtivistas, na medida em que se compreendia que o sucesso do projeto que deveria emergir teria de estar dependente da compreensão da diversidade dos seus membros. A Cultura era essencial, a formação de uma nova geração preocupada com a defesa da paz seria fundamental. Sendo por isso importante o intercâmbio cultural que fomentasse a livre circulação de pessoas e ideias. Estávamos a assistir àquilo que Adler definia no seu livro, “*Constructivism in International Relations: Sources, Contributions, and Debates*”, como uma mudança na cultura de práticas, através de uma nova institucionalização que estava a acontecer, fruto de um aprofundamento de conhecimentos.

O “Espírito Europeu”

Maria Manuela Tavares Ribeiro no seu livro, “*A ideia de Europa. Uma perspetiva histórica*” (2003), descreveu um cenário de decadência do Ocidente começado nas últimas décadas do século XIX e que culminaria em 1945, com profundas transformações em todo o continente europeu: a industrialização, a Primeira Guerra Mundial que levaria à queda dos impérios europeus ao aparecimento de repúblicas, a emergência de regimes

autoritários, o ressurgimento dos nacionalismos europeus, a revolução bolchevique como um movimento de alternativa ao capitalismo, a crise económica de 1929 e a Segunda Guerra Mundial. (Ribeiro, 2003, pp.49 a 52) Ficaria uma questão por responder: que ideia de Europa sobreviveria depois de todos estes acontecimentos?

No seguimento de 1945, nas conversações para a paz e para aquilo que seria a forma como a Europa iria reencontrar o papel e vocação no quadro da recuperação do seu estatuto após o fim da Segunda Guerra Mundial existiram várias iniciativas que tentaram recentrar a Europa a encontrar o seu espírito.

Robert Schuman, um dos pais fundadores da União Europeia, viria mesmo a dizer: “A Europa deve conceber uma alma. A Europa tem de voltar a ser um Guia para a Humanidade. A Europa não é contra ninguém. A Europa Unida é um símbolo da solidariedade universal do futuro. Antes da Europa se tornar numa aliança militar ou numa unidade económica, terá de ser uma unidade cultural no mais pleno sentido da palavra. A unidade da Europa não se fará, nem unicamente nem principalmente, através de instituições europeias; a sua criação seguirá a evolução dos espíritos.” (Robert Schuman, *Pour l’ Europe*, 1963)

Os Encontros Internacionais de Genebra em 1946 foram o primeiro passo dado para uma discussão sobre o que seria a Europa, findada a Segunda Guerra Mundial. Foi a hipótese dada aos intelectuais de poderem refletir o futuro do continente europeu, tendo os políticos atentos aos seus trabalhos, o que não deixava de ser uma exceção grande na História. Que espírito europeu restava no meio dos destroços da Segunda Guerra? Haveria algo a levantar?

É importante destacar a reflexão levada a cabo pelo filósofo francês Julien Benda. Defendia a tese de que a Europa nunca tinha estado enquanto um todo, ou seja, nunca tinha existido unidade europeia. Opunha-se à ideia de que a Europa tinha sido o cérebro de um vasto corpo, isto porque esse corpo nunca tinha existido aos seus olhos. Para Benda existia uma diversidade de partes que nunca foram bem-sucedidas com grandes entendimentos. A sua insistência nessa falta de unidade que tinha existido ao longo da História, era não mais do que um aviso à navegação daquilo que poderiam ser as dificuldades para a persecução dessa unidade ou, por outras palavras, a construção europeia. Como tal, a falta de unidade poderia ser vista em dois planos importantes, no político e espiritual. Benda acreditava que qualquer forma de procurar unidade política

na Europa poderia ser sempre encarada como artificial, até porque não é possível encontrar uma História comum da Europa, isto é, a Europa foi sempre heterogênea e os cidadãos da Europa não procuravam a homogeneidade, ou pelo menos não demonstravam essa intenção. No entanto, Benda propunha uma solução para o problema da dificuldade em atingir a unidade espiritual europeia. Existiam três meios para isso acontecer: uma reforma acentuada no ensino da História, que consiga entender a mudança de paradigma e com isso de valores. Ao mesmo tempo, um incentivo claro à sobreposição de uma língua comum em todo o espaço europeu em relação a todas as outras línguas nacionais. Por fim, uma priorização da ciência pelo seu caráter universal face à literatura que é local. Ou seja, Benda apontava que o espírito europeu se forjaria perante a escolha da razão sobre o sentimento. (Baltazar, p. 112, 2007)

Por outro lado, importa realçar, que Francesco Flora, um escritor e historiador italiano, divergia da ideia de Benda referente ao espírito europeu. Flora admite a existência do espírito europeu. Este considerava que a existência do espírito europeu estaria para além da Geografia, estando no domínio da História. A História ultrapassava a Geografia. O espírito europeu seria fruto de uma tradição que se estendia desde a civilização grega e romana, que eram já fruto de encontros e sínteses. Como tal, para Flora, o espírito europeu só poderia ser o espírito de Orfeu e o espírito da antiguidade Clássica. Descobrir o espírito europeu seria encontrar a essência do verdadeiro Humanismo. A chave da descoberta do espírito europeu estaria no encontro do verdadeiro humanismo com o espírito da antiguidade Clássica. Considerava que seria urgente reencontrar o espírito europeu. (Flora, *'The European spirit' from Il nuovo Corriere della Sera*, 24 September 1946)

Por outro lado, para Paul Valéry a Europa ficaria marcada pela civilização grega e romana e também pelo cristianismo. De acordo com Valéry, os valores humanistas que percorriam todo o continente, eram reflexo e marca da herança cristã e que isso determinava o espírito europeu. Como tal, a Europa tinha uma “natureza espiritual” que fazia dela uma referência para toda a Humanidade. Por outro lado, o filósofo francês, Jean Guéhenno, reconhecia também que a existência desse espírito europeu estaria para lá da vontade dos políticos, isto é, seria um espírito sentido pelos povos da Europa. Aliás, reconhecia que os políticos e os diplomatas estariam quase sempre um passo atrás do sentido dos povos. Guéhenno referia que a forma como a Europa se encontrava no pós-guerra, não era mais do que: “O passado foi o mais forte. Aos governos sempre falta presença de espírito”. No entanto, a Europa era vista como uma necessidade, embora

todas as chances de construir a Europa, tivessem fracassado. Ainda assim, apesar disso, o espírito europeu teria sobrevivido. Contudo, enfrentava uma crise estrutural, “a renúncia à verdade”. A reconstrução do espírito europeu dependeria da força e da vontade de se sair de certas contradições que estariam a ameaçá-la estruturalmente. Guéhenno ia mais longe dizendo que o reencontro do espírito europeu, só poderia acontecer com o regresso ao espírito de verdade. A Europa só poderia ser salva com a conciliação do pensamento europeu com a política europeia. Finalizava dizendo que a salvação europeia só poderia estar naquilo que considerava ser um “humanismo militante”. (Baltazar, pp. 113 e 114, 2007)

A Orquestra Jovem da União Europeia de alguma maneira tem em atenção preocupações semelhantes àquelas que levaram às discussões sobre o Espírito Europeu em 1946. Desde logo pelo comprometimento com a missão de trazer músicos de todos os países da União Europeia para formar uma orquestra. Ao juntar jovens músicos de toda a Europa confronta-os com o repertório da tradição da música clássica, isto é, de alguma maneira poderá ser visto como a História a ultrapassar a Geografia, numa ótica semelhante à de Francesco Flora. Tendo como um dos seus objetivos a utilização da Orquestra como um instrumento ao serviço do desenvolvimento da sociedade ou na formação de uma próxima geração de líderes europeus dentro da Música Clássica, poderá encaixar na definição de “humanismo militante” levada a cabo por Guéhenno.

No entanto, faltaria ainda salientar Karl Jaspers, o filósofo e psiquiatra alemão, que foi chamado a responder sobre o que considerava ser a Europa, tendo dado a seguinte resposta: “A Europa é a Bíblia e a Antiguidade. A Europa é Homero, Ésquilo, Sófocles, Eurípides, é Fídias, é Platão e Aristóteles e Plotino, é Virgílio e Horácio, é Dante e Shakespeare, é Goethe, Cervantes, Racine e Molière, é Leonardo, Rafael, Miguel Ângelo, Rembrandt, Velásquez, é Bach, Mozart, Beethoven, é St.º Agostinho, St.º Anselmo, S. Tomás, Nicolau de Cusa, Espinosa, Pascal, Rousseau, Kant, Hegel, é Cícero, Erasmo, Voltaire. A Europa está nas suas catedrais, seus palácios e suas ruínas, é Jerusalém, Atenas, Roma, Paris, Oxford, Genebra, Weimar. A Europa é a democracia de Atenas, da Roma republicana, dos Suíços e dos Holandeses, dos Anglo-Saxões. Nunca acabaríamos se quiséssemos enumerar tudo o que é grato ao nosso coração, uma inesgotável riqueza de espírito, de moralidade, de fé”. Estava subentendida nesta resposta a ideia de uma Europa marcada pela diversidade cultural, histórica e social. Seria dentro desta ideia de diversidade que seriam encontradas as respostas para aquilo que a Europa deveria ser no

seguimento dos escombros da Guerra. Seria dentro desta ideia de diversidade que ficaria marcado todo o futuro do projeto europeu, dando inclusivamente azo ao ideal “unidade na diversidade”. Ou seja, se a Orquestra Jovem da União Europeia poderia ser vista como um encontro com a História de Flora, ou pela lente do “humanismo militante” de Guéhenno, era sobretudo um encontro com a diversidade que Jaspers explica. Isto é, o desafio de colocar jovens de mais de 20 países diferentes numa Orquestra.

As conclusões de Isabel Baltazar (2007) não deixam de ser importantes para a presente dissertação. Isto porque, começa por reconhecer que uma Europa que esteja perdida sobre si própria poderá encontrar na Cultura as respostas para se reencontrar consigo. Através do contributo de vários autores, percebeu-se que a Europa é rica em diversidade de pensamento e cultura, mas em última análise essa diversidade poderá fortalecer essa unidade. A Europa tem a necessidade de encontrar novamente o seu espírito, pois será isso que garantirá a unidade europeia e a prevalência dessas realidades. Mais, sempre que a Europa atravessou crises ao longo da sua História, foi através do espírito europeu que conseguiu levantar-se. Até mesmo no fim da Primeira Guerra Mundial, houve noção da magnitude da crise material que se vivia, mas também da crise do espírito e isso só poderia ser resolvido pela recuperação das premissas comuns da consciência da Europa. Independentemente da crise, o espírito europeu permanece, para lá dessa crise. (Baltazar, p. 117, 2007)

O Papel da Cultura e das Artes na construção da Identidade Europeia

Karl Jaspers ao responder sobre o que considera ser a Europa, no âmbito da discussão sobre o Espírito Europeu, descreveu os vários elementos que compõem ou construíram a identidade europeia, e esclarecia que a Europa tinha chegado ao fim de um caminho sem saída. Para isso, bastaria voltar aos fundamentos históricos e para os valores de sempre. Por outro lado, Denis Rougemont esclarecia que a Europa era uma civilização não pré-estabelecida, que continha elementos que progrediram no tempo e no espaço.

Gerard Delanty no seu estudo sobre a ideia de identidade europeia reconhecia que, no século X, a ideia de Europa teria passado a ser mais do que uma expressão geográfica

para se tornar uma ideia cultural que teria de estabilizar para se tornar os alicerces de uma identidade europeia. Entre o século V e o VIII emergia a civilização europeia pela influência do Cristianismo. Sendo que Peter Heather considerava que seria pelo encontro do cristianismo e a sua unidade na Europa que seria formada a civilização europeia. (Daszkiewicz, *Greek and Roman Roots of European Civilization*, p.384, 2017)

O poeta Paul Valéry, que também tinha participado nas discussões sobre o espírito europeu e que tinha reconhecido a influência cristã e greco-romana, afirmava que a Europa tinha sido formada por três influências maiores que designaria por: Jerusalém, Atenas e Roma. De Jerusalém vinha o cristianismo, a moralidade, o exame de consciência e a Justiça Universal. De Atenas vinha o amor ao conhecimento e racionalidade, o ideal de harmonia. De Roma vinha o império, a organização de poder, a lei e as instituições políticas. (Todorov, *European Identity*, p.4, 2008)

Deve-se notar que a própria palavra Europa vinha precisamente da Grécia Antiga, sendo da autoria de Homero. Seria da influência grega que viria a preocupação com a beleza, nomeadamente com a beleza do corpo humano, com a literatura e o desenvolvimento das paixões e o dever, ou até da conceção da tragédia grega. Por outro lado, através da filosofia que iria mudar o paradigma de como o Homem se relacionava com os outros e da forma de ver o mundo. Pode-se dizer que o Helenismo se tornou universal e de acordo com Daszkiewicz seria mesmo considerado a essência do Europeísmo. (Daszkiewicz, pp.390 a 396, 2017)

Os romanos trouxeram para si a herança grega, com isso importou os valores da civilização grega e fez deles os seus. Impondo-se com um largo império territorial, os romanos foram capazes de unificar uma porção significativa de terra que ocupava a Europa, Ásia e África. Os romanos teriam uma influência para a história europeia sobretudo em três áreas específicas: na sua língua, o latim, a língua das elites romanas e do sistema político, que daria origem a múltiplas línguas europeias e que seria imprescindível como fator de estabilidade no período de transição para a idade média; a preservação da cultura antiga, sobretudo da tradição grega; e na construção do direito romano que seria fundamental para a Europa. (Mainka, *Os fundamentos da identidade europeia na antiguidade, na idade média e nos tempos modernos*, p.61, 2011)

Compreendendo os alicerces da identidade europeia, vale a pena regressar brevemente às discussões de Zurique de 1946, para termos o contributo do escritor suíço, Denis de

Rougemont, que acreditava que Hitler tinha tentado substituir-se aos antigos fundamentos da Europa dos gregos, romanos e dos cristãos, para negar tudo isso. Mais, que tinha embarcado por um nacionalismo levado ao extremo e pelo fanatismo político que tinha conduzido ao desastre. E, com isso, o reconhecimento de uma ideia de decadência europeia que já era acompanhada por vários pensadores europeus, confirmada pelo facto de terem sido dois impérios fora da Europa que tinham derrotado Hitler: a negação da Europa. Como tal, restava à Europa a herança de uma guerra e de uma derrota. A Europa estava por isso ausente, sendo condicionada por soviéticos e americanos. Como tal, se o espírito europeu existe, este teria de ser salvaguardado perante estes dois novos impérios. Esta salvaguarda não seria apenas para a Europa, mas naturalmente a pensar em toda a Humanidade. (Baltazar, p.115, 2007)

Como tal, se Hitler era a antítese da identidade europeia de Jerusalém, Atenas e Roma, se a sua queda se devia a dois impérios exteriores à Europa, se existia uma ideia pré-estabelecida e anterior à Segunda Guerra Mundial de que existia um decadentismo europeu e se era preciso a Europa dar uma resposta política e social para os povos devastados consecutivamente pela Guerra. Então, seria necessário reencontrar novas respostas para a Europa que ressurgiria, a identidade europeia seria uma questão essencial para o projeto europeu e que, como vimos anteriormente, tem vindo a ganhar cada vez mais relevância ao longo do tempo.

Se anteriormente já tínhamos abordado a relação da Cultura como uma das respostas encontradas pelos decisores políticos para a promoção da ideia europeia, da construção de um espaço público europeu e num desfecho de unidade europeia (Ribeiro, Rollo, Valente, Cunha; 2021), faltava-nos encontrar uma relação concreta entre a identidade europeia e a cultura europeia. Nesse sentido, torna-se importante referir a *European Cultural Convention* de 1954. Foi um primeiro momento levado a cabo pelo Conselho da Europa para atingir uma unidade mais aprofundada, reconhecendo à partida uma herança comum europeia. Sendo que o objetivo seria a promoção de um maior entendimento entre os cidadãos europeus. O documento seria composto por sete artigos e todos os Estados-membros tinham-se comprometido. (*European Cultural Convention*, Paris, 1954)

A análise de Caligaro (2014) no artigo “*From ‘European cultural heritage’ to ‘cultural diversity’? The changing core values of European cultural policy*” torna-se relevante para este efeito. Estão presente na ideia do Conselho da Europa as três dimensões de herança cultural: a material que se refere aos monumentos e artefactos; uma dimensão referente

ao inatingível, isto é, História, idioma, tradições e costumes; e uma dimensão política que inclui os princípios, os valores e as expressões políticas. Como tal, as discussões que antecederam a Declaração de Copenhaga (1973) tinham presente esta definição levada a cabo pela *European Cultural Convention*. Nesse sentido, tornam-se fundamentais as palavras da Baronesa Elles, que já tínhamos visto no capítulo anterior, e que foi quem propôs a criação da Orquestra de Jovens da União Europeia em primeiro lugar. Em 1974, Elles dizia que a intenção dos Chefes de Estado europeus para criar uma identidade europeia para a União Europeia, reiterada na Declaração de Copenhaga, não teria melhores alicerces do que a riqueza que transcendia os partidos políticos, todas as fronteiras nacionais e todos os séculos, que seriam a herança cultural comum a todos.

Caligaro defendeu a tese de que a herança cultural europeia, serviria como catalisador da identidade europeia. Essa seria a relação entre a Cultura europeia e a Identidade da União Europeia. Para isso recorria às discussões no Parlamento Europeu no ano de 1983, que referiam que a identidade cultural seria essencial para a perceção e definição de uma identidade da União Europeia. Seria para isso necessário uma consciência de que a cultura europeia seria essencial para dar substância à identidade europeia. Nesse sentido é interessante o trabalho de Jacinthe Ruel que analisou os subsídios distribuídos para os monumentos europeus, antes de uma política institucionalizada para a cultura. Ruel prova que a maioria dos edifícios escolhidos estariam ligados ao Cristianismo, sendo que logo a seguir viriam locais relacionados com os Romanos e Gregos. (Caligaro, p.68, 2014)

Dos diversos documentos analisados, surgiu uma questão complexa de resolver. Seria necessário distinguir a utilização da expressão identidade europeia nas diversas fontes. Isto porque, no primeiro capítulo da dissertação analisa-se a identidade europeia para a União Europeia. Isto é, os decisores políticos que tinham preocupações sobre como criar uma identidade europeia que pudesse sustentar e legitimar o projeto da União Europeia. Por outro lado, no segundo capítulo tenta-se responder ao que é a identidade da Europa, isto é, o que era a civilização europeia que já poderíamos reconhecer como única a partir do século X. Esta distinção torna-se fundamental para o objeto em análise na dissertação, porque, de alguma maneira, e como haveremos de ver mais adiante, a Orquestra de Jovens da União Europeia, tenta dar uma resposta a estas duas noções de identidade.

Enquanto no primeiro capítulo poderíamos definir a identidade europeia da União Europeia como algo possível de dividir em duas variantes: uma identidade política que reconhecia um conjunto de valores e ideias que os Estados-membros se revêm, e uma

identidade social que seria o reconhecimento de pertença ao projeto europeu tanto por cidadãos como por Estados-membros. (Pinto, 2014); no segundo capítulo constatamos pelas palavras Valéry que a identidade da Europa era formada por três influências de maior: Jerusalém, Atenas e Roma, explicando o que é que cada uma tinha trazido. (Todorov, 2008)

Na Declaração de Copenhaga (1973), os dois conceitos estão presentes à identidade da Europa que analisámos anteriormente, e que passaria a ser designada como herança comum a todos os estados-membros. Por outro lado, o objetivo do documento seria a formação de uma identidade para toda a Comunidade Económica Europeia. Ou seja, se assumirmos a ideia de identidade da Europa como a herança comum, ou como Caligaro (2014) refere de herança cultural europeia, então podemos colocar a premissa defendida por este. Ou seja, a herança cultural europeia deveria ser um catalisador para a identidade europeia. Por outras palavras, poderíamos dizer que, no fundo, a identidade da Europa poderia ser um dinamizador da identidade da União Europeia.

Como tal, a partir deste ponto na dissertação, para o conceito de identidade da Europa iremos referir como herança cultural europeia, sendo que identidade europeia será exclusivamente utilizada como referência para a identidade da União Europeia. Para além disso, a herança cultural europeia ficaria dentro daquilo a que chamaríamos de políticas culturais da União Europeia e que analisaremos subsequentemente.

O Papel da Cultura na União Europeia.

A União Europeia foi o projeto político que resultou de um profundo debate tido entre diversas personalidades da época, na junção dos decisores políticos, dos intelectuais e dos economistas. Da convergência entre a Cultura, a Política e a Economia. Do entendimento das nações que pretendiam reconstruir a Europa após o fim da Segunda Guerra Mundial, afirmando-se como um espaço onde prevaleceria a Solidariedade, a Paz, a Dignidade Humana, a Liberdade, a Democracia e o Estado de Direito. Todos estes valores estavam assentes no segundo artigo do Tratado da União Europeia de 1992. A compreensão da integração europeia e os passos que foram dados tinham como inspiração estes valores acima referidos, sendo por isso mais do que um projeto económico, sendo mais do que um projeto político, tendo o propósito de construir uma comunidade de cidadãos. Por exemplo, como visto no primeiro capítulo, o artigo 9º do Tratado da União Europeia deixa

claro que a cidadania europeia seria um complemento à cidadania nacional funcionando esta como um elo comum entre todos os cidadãos pertencentes ao espaço da União Europeia.

Contudo, Jean Monnet (1888-1979) viria a admitir quando escreveu as suas memórias que embora estivesse satisfeito com a evolução da União Europeia e tendo sempre defendido a tese de que a integração deveria partir da economia, admite que talvez devesse ter começado tudo pela Cultura. (Moreira, 2019). Embora seja polémica a veracidade dessa frase, isto porque de acordo com Sassatelli (2007) essa frase não passaria de um mito que persistiria, mais que não fosse para legitimar a consubstanciação de uma política cultural da União Europeia. Ou seja, deixando de lado a discussão da veracidade da frase, era incontestável o peso que essa frase assumiria nos contornos europeus.

Tendo presente a constatação atribuída a Monnet, a primeira referência à cultura no quadro da União Europeia apareceu no Tratado que institui a Comunidade Europeia (TCE) em 1957, posterior à *European Cultural Convention* de 1954 em Paris. O artigo 151 do TCE admite então que a Comunidade Europeia incentivaria ao desenvolvimento da cultura dos países pertencentes, no sentido de promover um maior conhecimento da cultura dos povos europeus e com o intuito de ajudar na sua preservação. Esse artigo previa que existisse uma cooperação no domínio da cultura entre os diferentes Estados-membros, a existência de intercâmbios na cultura que promovesse a criação artística e cultural, um estreitamento de laços entre organizações internacionais dando o exemplo concreto do Conselho da Europa.

No entanto, só depois de 1992 e com o Tratado de Maastricht é que a Cultura passaria a ser reconhecida como uma das áreas da competência da União Europeia e que estaria ligada com a política externa do projeto europeu, isto sobretudo num contexto de fim da Guerra Fria e após a queda do muro de Berlim. Isto porque a União Europeia poderia desempenhar um papel no plano internacional e tinha um conjunto de valores, normas e capacidade de influência dentro do seu espaço comum, como na sua vizinhança. (Silva, 2014)

Há, no entanto, um medo associado à cultura e artes no centro do debate político europeu, isto porque alguns interpretam a possibilidade de assistirmos à intromissão por parte de Bruxelas nas culturas nacionais de cada Estado-membro e à criação de um

multiculturalismo europeu que se sobreponha à identidade de cada nação. (Silva, 2014) Contudo, é importante referir que é por essa razão que, mesmo na conceção do artigo 128, resultante no Tratado de Maastricht, a União Europeia não se sobrepõe aos Estados como uma entidade cultural, mas antes como um elemento que complementa a ação dos Estados, que interliga os vários Estados, numa noção muito mais de cooperação do que de afirmação interna. (Treaty on European Union, 1992)

Mónica Sassatelli, no seu artigo *The Arts, the State, and the EU: Cultural Policy in the Making of Europe* (2007), confirma que a política cultural da União Europeia, retirou aos Estados-membros o monopólio das políticas de cultura dos seus países. Isto é, foram introduzidos novos atores nessa dinâmica. Em primeiro lugar devido ao processo de descentralização levado a cabo nos últimos 30 anos, por outro, fruto do processo de europeização que foi previamente visto no I capítulo da dissertação. O artigo de Sassatelli (2007) considera o desenvolvimento de uma política europeia para a cultura como uma forma de fazer a Europa. Como tal, as preocupações com a cultura começaram nos anos 70, sendo que, foi durante essa década até ao princípio dos anos 90 que a ação cultural e as competências que a União Europeia teria nesta área foram sendo desenvolvidas. Esse desenvolvimento culminaria com o Tratado de Maastricht. Na década de 90 foram aplicados novos programas culturais como: o Caleidoscópio para cooperação cultural, o Raphael para herança cultural comum, e o Ariane para publicação e leitura. (Sassatelli, 2007)

O programa Caleidoscópio foi lançado a 29 de março de 1996. Vinha já com o novo espírito das disposições do Tratado de Maastricht para a área da cultura. O Caleidoscópio promovia a criação artística e cultural bem como a sua divulgação dentro do espaço europeu. Por um lado, pretendia auxiliar no aperfeiçoamento de artistas e de outros agentes culturais, por outro pretendia apoiar projetos culturais que visassem a criatividade e que promovessem a dimensão europeia. (Jornal Oficial das Comunidades Europeias, Março, 1996) O programa Raphael seria lançado em 1997 para durar até ao dia 31 de Dezembro de 2000. O programa pretendia conservar os aspetos da herança cultural comum europeia, encorajar a cooperação transnacional entre instituições e operacionais na área da cultura para desenvolverem as melhores práticas para a preservação. Ao mesmo tempo, era pretendido promover junto dos cidadãos europeus um espírito ativo na preservação na defesa e salvaguarda desta herança cultural. (<https://cordis.europa.eu/article/id/9322-raphael-a-cultural-heritage-programme-for->

[europe](#), European Commission). Por fim, o programa Ariane foi lançado para o ano de 1997 e 1998, com um orçamento programado de 7 milhões de euros. O programa estava desenhado para promover o desenvolvimento de parcerias que facilitassem a disseminação de livros e que fomentassem a leitura no espaço europeu. (<https://cordis.europa.eu/article/id/9267-ariane-programme-support-for-books-and-reading>, European Commission).

Posteriormente seria criado o programa Cultura 2000 que pretendia juntar os três programas, o Caleidoscópio, o Raphael e o Ariane. A Comissão Europeia sugere que deve ser tomada uma nova abordagem à Cultura perante os novos desafios presentes com a Globalização. O programa Cultura 2000 destinava-se a continuar a realizar os objetivos destinados nos três primeiros programas, juntando a isso a valorização da relação entre a cultura, as indústrias ligadas ao ramo cultural e o emprego. O programa Cultura 2000 estava orçamentado em 236,5 milhões de euros e programado para ser de 2000 a 2006. (<https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/culture-2000-programme.html>, Eur-Lex)

Em “*Cultural Governance and the European Union, Protecting and Promoting Cultural Diversity in Europe*” a autora Evangelia Psychogiopoulou explora a noção de Cultura e Diversidade como conceitos fundamentais para a unidade europeia e por consequência para a sua identidade.

Psychogiopoulou explica como é que a União Europeia utilizou o conceito de Cultura e atuou no campo. Atores supranacionais podem adotar ideias e conceitos sem ter de ser passivos e não ativos perante ideias pré-discursivas. O desenvolvimento da política para a Cultura da União Europeia tem sido algo complexo e afetado pelo desenvolvimento das competências para a Cultura do projeto europeu. Durante anos a União Europeia limitava-se a promover uma política de promoção cultural transnacional, com objetivos de cooperação, sobretudo através do financiamento e do auxílio em projetos culturais levados a cabo pelos Estados-membros. A principal motivação da União Europeia para esta política de atuação prende-se com o desejo da emergência de uma consciência europeia coletiva que levasse para a solidariedade e para os valores europeus. (Psychogiopoulou, p. 238, 2015) O pensamento construtivista estava aqui alicerçado à ideia de que era necessário poder construir uma nova cultura, isto é, os pilares para uma nova construção social. O desenvolvimento de uma consciência europeia coletiva seria

um aprofundamento do conhecimento que introduzisse uma mudança de prática e por isso levasse à construção de uma identidade, tal como visto com Emanuel Adler.

No artigo *A Europa das Capitais* (2021) de Cristina Robalo Cordeiro, a autora aborda uma das iniciativas mais relevantes para compreender o papel da União Europeia no desenvolvimento de uma consciência europeia coletiva: as capitais europeias da cultura. A ideia surge em 1983 num restaurante em Atenas onde a Ministra da Cultura da Grécia e o Ministro da Cultura francês conversaram, isto dois anos antes do segundo relatório de Adonnino, que será analisado mais abaixo. (Cordeiro, 2021)

A partir de 1985, o Conselho da União Europeia começou a selecionar a Capital Europeia da Cultura. O processo de decisão começa por recomendações do Parlamento Europeu e da Comissão Europeia de uma ou mais cidades, para receberem o prémio de capital europeia da cultura. O objetivo do projeto seria criar exemplos de integração europeia, promovendo a União Europeia como uma marca atrativa. Isto é, a diversidade cultural e de tradições existente em todo o espaço europeu conjugada com uma noção europeia de cultura e dos seus valores. Um dos objetivos do programa visa a descoberta de novas cidades da cultura que possam ganhar relevância internacional, graças à originalidade e autenticidade. Outra das características seria a promoção de um Europeísmo aberto e de uma ambição de implementar uma estratégia cultural criativa, aberta à diversidade europeia e com um foco numa reformulação. É igualmente de salientar a herança cultural como um dos fatores decisivos para a Capital Europeia da Cultura, pequenas cidades que tivessem sido determinantes em momentos históricos da Europa. (URBANČÍKOVÁ, *European Capitals of Culture: What are their individualities?*, 2018)

Ao promover uma política de interação e intercâmbio cultural, sobretudo a partir dos anos 90, depois do Tratado de Maastricht e tendo como exemplos concretos o caso das Capitais Europeias da Cultura, os decisores políticos da União Europeia acreditavam que estariam a promover o mercado interno europeu. Isto porque contribuíam para uma maior compreensão da diversidade cultural da União Europeia. Por outro lado, os decisores acreditavam que podiam estar a promover a mobilidade dentro das fronteiras da União Europeia e por isso entre cidadãos de diferentes Estados-membros. Simultaneamente, acreditavam que o aprofundamento do conhecimento de diferentes culturas iria naturalmente levar a um maior e mais diversificado consumo de produtos e serviços e por isso, alavancaria o mercado interno. Havia espaço para uma multiplicidade de objetivos nas políticas culturais, a promoção de um diálogo intercultural, da diversidade cultural,

da salvaguarda da herança cultural, melhoria do acesso à cultura por parte do cidadão, um fortalecimento da circulação de artistas e dos seus trabalhos artísticos. E, ao mesmo tempo, enaltecer o papel da Cultura no desenvolvimento económico e no encorajamento do processo de integração europeia. (Psychogiopoulou, p. 238, 2015)

Contudo, é importante referir que uma das preocupações das instituições europeias estaria numa eventual falta de legitimidade descrita por Wolfram Kaiser no seu artigo *Limits of Cultural Engineering: Actors and Narratives in the European Parliament's House of European History Project*. (2016), uma das razões que terá levado a uma maior preocupação com as políticas culturais. Os primeiros 25 anos do projeto europeu foi caracterizado por um consenso permissivo que lhe permitia progredir na integração europeia sem praticamente nenhum obstáculo, no entanto, este estava a ser substituído por uma progressiva falta de consenso, complementada por um crescimento do euroceticismo. Essa mudança de circunstâncias obrigava a União Europeia e as suas instituições a um certo ativismo que moldasse uma identidade coletiva dentro dos cidadãos. Esse ativismo começou com um fortalecimento da cultura, que seria essencial para a continuação da integração europeia a partir dos anos 80. Seria necessário enfatizar a Identidade Europeia para que esta fomentasse a legitimidade das instituições europeias. Se no princípio esse ativismo era sobretudo como um reforço do simbolismo da própria organização, nos anos seguintes materializar-se-ia em ações levadas a cabo pelo Parlamento Europeu e pela Comissão para formar políticas transnacionais.

Kaiser (2016) aborda o caso da Casa da História Europeia, situada perto do Parlamento Europeu, como sendo um dos exemplos que ia ao encontro com o desejo das instituições de fortalecimento dos alicerces para uma cultura de integração expressado a partir dos anos 80. Sendo que, neste caso, uma das razões fundamentais prendia-se com a preocupação pelo alargamento de países para a União Europeia em 2004 e a sua integração. Como tal, a ideia de contar a história europeia num museu não é um acaso, na medida em que um museu tem a capacidade de ser um mediador na sociedade e no debate político, sendo que também serviria para a formação e disseminação de narrativas assim como o fortalecimento de uma identidade comum. O caso da Casa da História Europeia mostraria como a conjugação de vontades entre políticos, a academia e a cultura podem resultar em projetos europeus culturais de grande expressão. (Kaiser, p. 520, 2016)

Por outro lado, não deixa de ser importante realçar, a intervenção política da União Europeia na esfera da Cultura sempre se prendeu com um dilema profundo entre a

promoção do mercado livre e os seus princípios, ou, por outro lado, a consciência de uma identidade comum e por isso de uma cidadania europeia. (Psychogiopoulou, p. 46, 2015) Os cidadãos europeus deveriam compreender que fazem parte de uma cultura comum, apesar das diferentes nacionalidades. O relatório de Adonnino sobre os cidadãos da Europa, em 1985, fazia menção à sugestão da criação de símbolos comuns que os cidadãos pudessem identificar como uma bandeira da União Europeia ou a criação de um hino europeu. Não poderia apenas existir uma preocupação com a parte ligada ao mercado do sector cultural, mas essencialmente com os fundamentos que levaram à criação do projeto europeu em primeiro lugar, o designado sentido de identidade europeia. (Psychogiopoulou, p. 27, 2015)

Adonnino foi um eurodeputado italiano que, após um Conselho Europeu em junho de 1984, foi chamado a trabalhar sobre algumas preocupações manifestadas pelos países da Comunidade Económica Europeia. Formou um grupo de trabalho que ficaria designado como Comité Adonnino. Este comité iria desenvolver dois relatórios para os Estados membros: um primeiro para um Conselho Europeu em março de 1985 e o segundo para junho do mesmo ano, novamente para um Conselho Europeu em Milão. (cvce.eu/en, 2023) Para os propósitos desta dissertação, interessa-nos as conclusões do segundo relatório chamado *Report to the European Council from Ad Hoc Committee, “On a People’s Europe”*.

O relatório de Adonnino tem como base o Encontro de Copenhaga em 1973 e a sua subsequente declaração sobre a Identidade Europeia e o Conselho Europeu de Dezembro de 1974 em Paris, sendo que ambos tinham sido previamente analisados no primeiro capítulo da presente dissertação. O Comité Adonnino estava dedicado às “Pessoas da Europa”, um termo que vinha sendo discutido desde os anos 70 com a Declaração de Copenhaga, e que foi ganhando uma nova força nos anos 80. Sendo que pouco antes do Conselho Europeu de Milão em 1985, os chefes de Estado ou os governos dos Estados-membros queriam dar um sinal de fortalecimento da identidade da Europa para os seus cidadãos e para o mundo. O relatório de Adonnino é a consequência dessa vontade. (cvce.eu/en, 2023) O documento apresenta um conjunto de propostas sobre direitos dos cidadãos europeus, cultura, comunicação, juventude, educação, desporto, fortalecimento da identidade da Comunidade Europeia, entre outros. (Report to the European Council, 1985)

São apresentadas propostas importantes no relatório no que diz respeito aos cidadãos europeus, entres as quais as eleições para o Parlamento Europeu e como para tal seria requerido um procedimento para a implementação de um método que permitisse a cada cidadão da Comunidade Económica Europeia poder votar em candidatos do seu próprio país. Por outro lado, deveria ser fortalecido o direito de o cidadão poder recorrer ao mecanismo da petição para as instituições europeias. Em matéria de direitos políticos, seria neste relatório que começaria a discussão da participação e direito ao voto de cidadãos europeus em eleições locais em outros Estados-membros que não os seus. (Report to the European Council, 1985)

Por outro lado, o Comité Adonnino felicitou a decisão da iniciativa para a existência de uma capital da cultura da União Europeia todos os anos, sendo que a primeira foi Atenas em 1985. Igualmente propõe a criação de uma Academia Europeia para as Ciências, Tecnologias e Arte, de uma euro-lotaria com o objetivo de financiar projetos culturais e de promover uma ideia de Europa. Ao mesmo tempo, o comité concluiu que os cidadãos europeus recebiam pouca informação sobre a construção da Europa e os passos que estavam a ser dados. (Report to the European Council, 1985)

No âmbito da educação, o relatório propunha ainda uma colaboração estreita entre universidades estrangeiras dentro do espaço da Comunidade Económica Europeia, foi colocada a possibilidade de um sistema europeu de transferência de créditos, *European Academic Credit Transfer System*, que seria efetivamente implementado. Simultaneamente, no âmbito da mobilidade, era proposto diversos programas de intercâmbio entre jovens europeus pelos diferentes Estados-membros. A intenção por de trás destes programas de intercâmbio seria para a criação e fortalecimento de uma identidade comunitária. (Report to the European Council, 1985)

Por fim, o relatório enaltece as referências do Conselho Europeu a propostas com pendor simbólico e que pretendiam fortalecer a Comunidade Económica Europeia, a sua imagem e identidade. O reconhecimento da necessidade da utilização de uma bandeira e um emblema para ser utilizado em eventos nacionais e internacionais. O comité recomendava ao Conselho Europeu a utilização em eventos adequados do “*Hino da Alegria*” retirado do quarto andamento da nona sinfonia de Ludwig van Beethoven, composta em 1824, porque considerava que era representativa de uma ideia de Europa. (Report to the European Council, 1985)

Os aspetos económicos, sociais, culturais e políticos são efetivamente considerados na definição da política cultural da União Europeia. (Psychogiopoulou, p. 238, 2015) O que não deixa de ser um paralelismo interessante com as discussões que foram tidas nos primórdios do projeto europeu, como as do Movimento Europeu, que concebiam um projeto político para a Europa que contivesse traços económicos, políticos e culturais.

Contudo, Evangelia Psychogiopoulou, ao fazer uma avaliação do impacto das políticas concebidas pela União Europeia na área da Cultura, admite que o aspeto económico ganhou uma preponderância muito superior em relação aos outros dois aspetos. Como tal, tem sido dado um enorme foco ao peso da Cultura no mercado interno. (Psychogiopoulou, p. 238, 2015) Em matéria de Cultura, a União Europeia tem a competência de apoio e pode emitir recomendações para os Estados-membros. Existe um conjunto de medidas levadas a cabo pela União Europeia com uma visível dimensão cultural, no entanto, são consideradas medidas harmonizadoras.

Mesmo assim, é possível afirmar que a Cultura tem sido uma área que tem ganho uma relevância cada vez maior no processo de integração europeia e também para o funcionamento das instituições europeias.

Para a concretização da integração económica ser bem-sucedida, as barreiras nacionais culturais e os escudos contra a competição estrangeira tiveram de ser deitados abaixo. Esta foi uma das razões fundamentais para a persecução daquilo que ficou designado como Agenda Cultural da União Europeia. A relação da Cultura com uma União Europeia de competências cada vez mais diversificadas, através de uma política para a Cultura cada vez mais completa e na incorporação de uma dimensão cultural na ação da União Europeia pela defesa dos direitos humanos. A diversidade cultural é vista como uma espada de dois gumes, por um lado, poderá representar um desafio acrescido nos processos de integração, por outro, deverá sempre ser considerado uma mais-valia para a União Europeia. Essa diversidade foi vista como uma oportunidade para as sociedades europeias de realizarem encontros participativos e criativos, para a promoção da solidariedade e respeito por valores estruturais, sendo visto como uma ferramenta para o processo de construção de identidade comum. (Psychogiopoulou, p. 238, 2015)

A Agenda Cultural da União Europeia é apresentada pela primeira vez em 2007 e após a conclusão do Programa Cultura 2000 que tinha terminado em 2006. No documento de apresentação da Agenda Cultural da União Europeia, (*Comunicação sobre uma Agenda*

Europeia para a Cultura num mundo globalizado, 2007) compreende-se que um dos sucessos fundamentais para a União Europeia estaria na capacidade desta em respeitar as diferentes línguas, histórias e culturas dos seus membros. Sendo que estaria aí a chave para a garantia da paz, solidariedade e prosperidade, objetivos estruturais do projeto europeu. O documento começava por citar Denis de Rougemont: “Cultura são todos os sonhos e trabalhos que tendem para a total realização do homem. A cultura requer um pacto paradoxal: a diversidade deve ser o princípio da unidade, aprofundando as diferenças não para dividir, mas para enriquecer a cultura ainda mais. A Europa ou é uma cultura ou não existe”. Seria com o espírito da afirmação de Rougemont que a *Comunicação sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo globalizado*, 2007, salientava a relação da citação com o próprio ideal da União Europeia: *Unidade na Diversidade*. Os objetivos para a concretização de uma Agenda Europeia para a Cultura ficavam desde logo definidos: promover a diversidade cultural e o diálogo intercultural; promover a cultura como catalisador da criatividade; promover a cultura como elemento importante nas relações internacionais da União Europeia. Dentro destes três objetivos principais eram delineados diversos objetivos secundários que visavam à concretização destes principais. Por fim, a Agenda Europeia para a Cultura foi uma forma encontrada pela Comissão para convidar o Parlamento Europeu, o Conselho, o Comité das Regiões e o Comité Económico e Social Europeu a reagir aos objetivos traçados. (*Comunicação sobre uma Agenda Europeia para a Cultura num mundo globalizado*, 2007)

Por ocasião da celebração do 60º aniversário do Tratado de Roma, a Comissão Europeia tomou a iniciativa de desenvolver uma nova Agenda Europeia para a Cultura. A apresentação da nova Agenda Europeia para a Cultura, em dezembro de 2017, vinha no seguimento de uma Comunicação da Comissão Europeia, intitulada *Reforçar a identidade europeia através da educação e da cultura*. Era desta forma que a Comissão Europeia contribuía para a Cimeira de Gotemburgo de novembro de 2017. Esse documento seria importante para a nova agenda europeia para a cultura. A Comissão mostrava preocupações com as perspetivas do fim da crise económica, o crescimento das desigualdades sociais, o populismo, a radicalização e o terrorismo. Sendo que considerava que a Cultura poderia dar uma resposta a estes desafios. A nova agenda europeia para a Cultura era assente em três objetivos principais, novamente divididos subsequentemente. Um primeiro que visava uma dimensão social, requerendo um aproveitamento da cultura e da diversidade cultural para a promoção da coesão social e do bem-estar. Um segundo

que visa a dimensão económica, requerendo um aproveitamento da criatividade com base na cultura nos aspetos da educação, inovação, emprego e crescimento. Um terceiro que visava uma dimensão externa, dando foco no aprofundamento das relações culturais internacionais. (*Uma Nova Agenda para a Cultura*, Bruxelas, 2018)

Apesar de todos os desenvolvimentos ao longo da história da construção europeia, apesar do reconhecimento da Cultura como um elemento essencial para o projeto europeu, compreende-se que existe ainda uma certa limitação de poderes e uma curta esfera de atuação da União Europeia nesta área. Por sua vez, nos últimos anos, o Conselho da Europa tem sido particularmente ativo em alertar para a importância da Cultura para a sustentabilidade dos processos democráticos e tem formulado um conjunto de políticas que encorajam o diálogo intercultural. A Cultura continua a ser vista como um elemento que fortalece uma cidadania ativa e uma coesão social dentro do espaço da União Europeia e como tal, é promovida a participação dos cidadãos em atividades culturais. A gestão da diversidade cultural é considerada como fortalecedora para a economia criativa e a indústria cultural. A ação da União Europeia na esfera da Cultura poderá até inspirar os Estados-membros nas suas próprias políticas nacionais na Cultura. (Psychogiopoulou, p. 246, 2015)

III capítulo- A Orquestra Jovem da União Europeia, a formação e promoção da Identidade Europeia.

A Orquestra Jovem da União Europeia

A Orquestra Jovem da Comunidade Europeia que, mais tarde, logo após a assinatura do Tratado de Maastricht passaria a ser chamada de Orquestra Jovem da União Europeia, seria estabelecida em 1976 como consequência da junção de esforços de Lionel Bryer (1928-2006) e Joy Bryer (1930-2018), responsáveis pela *International Youth Foundation of Great Britain*, por Claudio Abbado (1933-2014), um importante maestro italiano, pelo político britânico do partido conservador e ex-primeiro ministro Edward Heath (1916-2005) e pela eurodeputada britânica do partido conservador, Baroness Elles (1921-2009).

De acordo com Lionel Bryer, Chairman do *International Festival of Youth Orchestra Foundation of Great Britain* e primeiro Chairman da *European Community Youth Orchestra* (ECYO), a ECYO era o resultado de uma filosofia fundamental de cooperação internacional, de entendimento numa procura pelo desejo de viver a paz, a harmonia com a justiça social, com base no projeto da *International Festival of Youth Orchestra Foundation of Great Britain* que juntava anualmente músicos e dançarinos de todo o mundo, de diversas origens étnicas, sociais, religiosas e políticas, com o desejo de trabalhar em conjunto, cooperação e respeito. É com base no sucesso deste festival internacional que nasce a ideia de uma orquestra europeia inspirada pelo ideal de uma unidade europeia. (ECYO, *Spring and Summer tours*, 1978, p. 18)

Para começar a compreender a Orquestra Jovem da União Europeia, é necessário entender a relação desta com o *International Festival of Youth Ochestras Foundation of Great Britain*. A fundação foi pensada no decorrer dos anos 60 por Blyth Major, Diretor Musical da Midland Youth Orchestra, por Lionel Bryer e Joy Bryer tendo sido fundada a 1969. À época ficaria como Presidente da fundação, o ex-primeiro ministro britânico, Edward Heath. Os promotores da iniciativa desejavam promover um diálogo internacional de respeito e colaboração, com um objetivo cultural comum, querendo colaborar com pessoas originárias de várias realidades socioeconómicas, diferentes contextos, religiões, etnias e ideologias políticas. Os promotores queriam encorajar um diálogo de harmonia através do interesse pela música como denominador comum. (ECYO, *Summer Tour*,

1980, p.16) O primeiro projeto em que estariam envolvidos seria o *International Festival of Youth Orchestras and Performing Arts*, que seria organizado em St. Moritz na Suíça. O sucesso desse festival seria assinalável e, como resultado, conseguiriam angariar fundos para mais dez festivais diferentes. Lionel Bryer e Joy Bryer seriam o grande elo entre a Orquestra da Comunidade Económica Europeia e o International Festival of Youth Orchestras. O casal Bryer tinha uma grande capacidade de angariação de fundos que era uma característica muito importante para o seu trabalho, seriam responsáveis pela fundação de diversas orquestras de jovens, nomeadamente em Itália, Grécia e na Ásia. (The Herald, https://www.heraldscotland.com/default_content/12494259.lionel-bryer/) Seria também nesse sentido que o casal Bryer, através do International Festival of Youth Orchestras Foundation of Great Britain, cooperaram e começaram desde o princípio a desenhar a proposta inicial que viria a ser submetida pela Baroness Elles.

A Orquestra Jovem da União Europeia queria aparecer como um exemplo de um equilíbrio dentro do projeto europeu entre a pertença ao país e a pertença à própria União Europeia, isto porque concebe o respeito por cada Estado-membro e é nesse espírito de representatividade que se afirma como um projeto próprio e plural. Torna-se essa a própria identidade matricial da EUYO. O processo de criação da Orquestra da Comunidade Económica Europeia acabaria igualmente por estar associada à adesão do Reino Unido à CEE que se tinha dado no ano de 1973. Sendo que a proposta para a formação da orquestra dar-se-ia pouco depois, sendo que esta até seria uma das primeiras iniciativas britânicas no contexto europeu. O objetivo era bastante claro: a criação de uma orquestra que simbolizasse o ideal europeu, de uma comunidade de cidadãos que partilham um espaço político, económico e social comum e que procuravam a consolidação da paz social e da compreensão.

A 20 de fevereiro de 1973, o *International Festival of Youth Orchestras Foundation* faria circular uma proposta para a formação da Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia, sendo que seria enviada ao grupo conservador europeu do Parlamento Europeu. A 14 de junho de 1973, a Baronesa Elles apresentava esta proposta ao Comité Europeu de Assuntos Culturais e de Juventude do Parlamento Europeu que demonstrou desde logo um grande interesse neste projeto britânico que promovia a cooperação de jovens talentos da Comunidade Económica Europeia. Como tal, em julho de 1974, a proposta seria apresentada aos Parlamento Europeu, sendo esta o resultado da proposta inicial do International Festival of Youth Orchestras que tinha chegado ao

Comité por intermédio de Elles, e que depois seria trabalhada pelo próprio Comité Europeu de Assuntos Culturais e Juventude. (European Parliament, Committee on Cultural Affairs and Youth, julho 1974)

Apesar da proposta ter sido inicialmente apresentada pela Baronesa Elles do partido conservador britânico, a Lady Fisher de Rednal do partido trabalhista britânico daria seguimento à proposta.

Posteriormente, um relatório do Parlamento Europeu de 2 de março de 1976 (*Document 537/75*), explica a existência de três razões subsequentes com a proposta para a criação de uma orquestra europeia: juntar jovens de todos os países da Comunidade Económica Europeia, de várias realidades económico-sociais, de diferentes religiões, raças e ideologias políticas; encorajar uma cooperação harmoniosa e criativa durante o tempo em que estes jovens estivessem a viver em conjunto, fomentado pela música clássica e a performance como o seu interesse em comum; e desenvolver uma compreensão internacional entre os jovens do mundo inteiro, que promovesse o respeito pelo próximo. (European Parliament, *Document 537/75*, 1976, p.5)

Os promotores da iniciativa ambicionavam proporcionar uma experiência que serviria para o alargamento de horizontes dos jovens para as necessidades da comunidade e do mundo, mais do que as suas realidades nacionais. Como consequência de uma visão clara desde o princípio, as finalidades da Orquestra ficariam desde logo definidas neste documento. O documento apontaria que a Orquestra deveria ter cerca de 108 membros. Reconhecia-se que era importante a convivência entre os músicos selecionados para o desenvolvimento de amizades, isto porque ajudaria no desenvolvimento de uma Orquestra Sinfónica de elevada qualidade artística. Paralelamente o *International Festival of Youth Orchestras* disponibilizava as suas instalações para que os músicos selecionados para a Orquestra pudessem estudar e ensaiar, sendo estimulados por um ambiente que promovesse a excelência, mas ao mesmo tempo, a tolerância e o respeito.

No futuro poderá ser importante compreender a influência do Reino Unido no processo de criação da Orquestra Jovem da União Europeia. (kadmusarts.com/festivals/2775.html, Junho, 2023). Seria interessante analisar se a forma como foi inicialmente pensada a Orquestra Jovem da União Europeia estaria relacionada com uma certa forma do Reino Unido de olhar para o seu papel no mundo, do impacto que a Cultura e Arte poderiam ter na construção da harmonia e da paz. Aliás, essas eram preocupações britânicas desde o

princípio do processo. Os britânicos já traziam consigo a experiência bem-sucedida da *National Youth Orchestra of Great Britain* que tinha sido fundada em 1948 e que continua a funcionar aos dias de hoje. Paralelamente, em 1945, foi fundada a *Jeunesses Musicales International* em Bruxelas, uma organização não-governamental ligada que pretendia que os jovens se desenvolvessem através da Música, e que cooperava com a UNESCO. Ou seja, no fim da Segunda Guerra Mundial, apareceriam algumas iniciativas que queriam utilizar a Música como algo importante para a reconstrução europeia e mundial. Por outro lado, já num momento posterior, em 1986/1987, uma outra Orquestra de jovens que atualmente é relevante no quadro europeu, a *Gustav Mahler Jugendorchester*, seria fundada, ou seja, oito anos após a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia estar em atividade. Esta Orquestra destacar-se-ia por ser aberta a jovens de todos os países da Europa e de ter sido fundada também por Claudio Abbado, tendo uma forte influência germânica e austríaca. Aliás o próprio nome da Orquestra tinha como referência o compositor Gustav Mahler do século XIX, de origem checo-austríaca.

Fruto também desta influência britânica, Londres receberia a sede da Orquestra Jovem da União Europeia e tal só acabaria por mudar com a sua saída da União Europeia, algo que se consumaria a 31 de janeiro de 2020.

Desde o princípio estava também presente a ideia de que a Orquestra deveria anualmente atuar nas principais cidades da Comunidade Económica Europeia, como forma de mostrar o exemplo de cooperação e de personificação de tudo aquilo que deveria ser o projeto europeu para toda a Comunidade. Os promotores da proposta também procuravam uma forma de colocar os jovens a trabalhar com os melhores maestros mundiais e viam na Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia uma oportunidade para isso mesmo. De realçar que a proposta da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia seria votada na sessão de trabalhos do Parlamento Europeu de dia 8 de março de 1976 e seria aprovada por unanimidade por todos os grupos parlamentares.

A resolução do parlamento europeu (OJ C 79, 5.4.1976, p. 8) sairia no *Official Journal of the European Communities*, a 5 de abril de 1976. Antes de mais, era explicado que Lady Fisher tinha apresentado um relatório pela parte do Comité de Assuntos Culturais e Juventude para a concretização de uma moção para uma resolução do Parlamento Europeu que deveria ser apresentada por Kellett-Bowman. Nesse sentido, o Parlamento Europeu reconhece a iniciativa do *International Festival of Youth Orchestras Foundation* no seu desejo de criar e organizar uma Orquestra da Comunidade Económica Europeia

para jovens. Paralelamente, o Parlamento Europeu enfatizava que os fundos necessários seriam angariados por fontes privadas e que tudo o que seria preciso era o patrocínio da Comunidade Europeia. O Parlamento Europeu explica ter também tido em consideração a moção para a resolução apresentada Kellett-Bowman (Doc.453/75) e o relatório do Comité de Assuntos Culturais e Juventude (Doc. 537/75). Com base nisso, é pedido à Comissão Europeia que tome as medidas necessárias para assegurar que a Comunidade Europeia patrocinará esta Orquestra. É também pedido que o Comité de Assuntos Culturais e Juventude mantenha o contacto com o projeto e informado dos seus desenvolvimentos. (Official Journal of the European Communities No C79/8, 1976, p. 8). Como tal, desde o princípio compreendia-se que a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, não seria um projeto formulado por iniciativa das instituições europeias, mas antes, seria da iniciativa de uma organização privada, o *International Festival of Youth Orchestras Foundation*, ao qual as instituições europeias decidiram apoiar dando o seu patrocínio.

Finalmente, a 22 de abril de 1976, a Comissão Europeia daria o seu patrocínio oficial à Orquestra e simultaneamente esta assumiria o papel de embaixadora cultural da Comunidade Económica Europeia, mesmo não sendo com propriedade um organismo da CEE. O papel assumido de embaixador cultural da Comunidade Económica Europeia assentava em mostrar a riqueza e a diversidade da cultura europeia, ser canal de promoção de novos talentos europeus, contribuir para o conhecimento da herança musical europeia e para a mobilidade de jovens europeus. (<https://euyo.eu/about-euyo/history/>, acessido junho 2023) e (European Parliament, (2018) 2017/0163 (COD) PE-CONS 5/1, Brussels). Recentemente num artigo de opinião intitulado, “Harmony in Diversity”, para a Brochura da Orquestra Jovem da União Europeia de 2022, a atual Presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, destacava a ideia de que a Orquestra Jovem da União Europeia é uma extraordinária embaixadora cultural da Europa, que representa os valores da União Europeia, fazendo a ligação com o papel que a Orquestra teria em despertar os europeus para as causas atuais, dando o exemplo das alterações climáticas. (European Union Youth Orchestra, Year Book, 2022, p.5)

Apesar do primeiro projeto da Orquestra Jovem da União Europeia ter sido apresentado em 1973 e de ter sido votada em 1976, a primeira edição da Orquestra aconteceria apenas em 1978. Houve um compasso de espera entre a apresentação da proposta inicial e a concretização da primeira edição da Orquestra Jovem da União Europeia. Esse compasso

de espera seria mais tarde explicado por Joy Bryer na primeira brochura anual da Orquestra, no ano de 1978. Joy Bryer explicava que o impasse na concretização da proposta de uma Orquestra passava pelo seu financiamento. Em 1973, a proposta colocava o ónus do financiamento no Parlamento Europeu. Como tal, durante o processo de negociação e desenvolvimento do projeto, que durou mais de três anos, foi ficando cada vez mais nítido que o impasse passava pela questão da responsabilidade financeira do projeto. Assim que o *International Festival of Youth Foundation* assumiu para si a responsabilidade de assegurar a independência financeira do projeto, rapidamente a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia seria aprovada no Parlamento Europeu.

No entanto, apesar da aprovação ter acontecido em 1976, demoraria ainda dois anos até estarmos perante a primeira edição da Orquestra. Bryer explica que assim que o projeto foi aprovado no Parlamento Europeu, o *International Festival of Youth Foundation* teria de procurar financiadores que assegurassem o projeto. Esse processo de angariação de fundos demoraria algum tempo, passando por um enorme esforço de Joy Bryer através de várias viagens aos nove países da Comunidade Económica Europeia. Bryer reforçaria ainda a facilidade que teve em obter o apoio financeiro de Estados-membros como a Holanda, Itália e Reino Unido. No entanto, teria um pouco mais dificuldades em outros Estados-membros, mas no final acabou por conseguir obter o apoio de todos, assim como do sector privado. Este apoio materializar-se-ia também pela própria Comissão Europeia que acabaria por anunciar uma contribuição monetária de 25 000 EUA (European Units of Account), Bryer explicaria mais tarde que as restantes contribuições monetárias viram da IBM Europe, uma empresa multinacional ligada ao ramo da tecnologia. (ECYO, 1979, p. 50) Ou seja, no fim, a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia seria concretizada através da junção de vontades das instituições europeias, dos Estados-membros, do sector público e do sector privado.

Depois deste processo, estaríamos perante a primeira edição da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia que seria em 1978. Para a primeira edição da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, escolher-se-ia a 6ª Sinfonia de Mahler como a obra musical que os músicos seleccionados seriam chamados a interpretar sob a direção musical do Maestro, Claudio Abbado. (ECYO, Spring and Summer tours, 1978, p. 41) Abbado explicaria subsequentemente que a escolha da 6ª sinfonia de Mahler, prendia-se com a experiência prévia que tinham com o *International Festival of Youth Foundation*,

onde a escolhas de repertório penderiam para programas particularmente exigentes para os músicos profissionais de qualquer geração. A razão por detrás prendia-se com a vontade de dar aos jovens músicos desafios que os retirasse da sua zona de conforto e elevar desde o princípio a fasquia da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia. (ECYO, Spring and Summer tours, 1978, p. 20).

Por sua vez, James Judd, o assistente do Diretor Musical da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, ficaria responsável por fazer a seleção dos músicos que integrariam a primeira edição da Orquestra. Numa primeira fase os nove países da Comunidade Económica Europeia foram convidados a organizar concursos nacionais para a seleção de candidatos para a Orquestra. Os candidatos teriam entre 14 a 20 anos e seriam estudantes de conservatório que ainda não possuíssem uma grande experiência em orquestra. Após a seleção dos candidatos dos nove países, realizou-se uma semifinal em Itália, com a composição de um júri internacional e reconhecido. Na semifinal os candidatos selecionados seriam convidados a interpretar uma peça à sua escolha e um excerto orquestral escolhido da 6ª sinfonia de Mahler. Os candidatos que passavam à final eram chamados a interpretar um excerto orquestral de dificuldade acrescida novamente da 6ª sinfonia de Mahler e finalmente ficava fechada a edição da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, com 135 músicos. (ECYO, Spring and Summer tours, 1978, p. 44)

Pelo processo explicado por Judd, percebemos que estaríamos perante uma orquestra com jovens músicos de excelência dos nove países da Comunidade Económica Europeia que tinham ultrapassado várias etapas até integrarem Orquestra. Por Abbado compreendemos que, pela escolha de repertório, a fasquia seria colocada a um patamar muito elevado. O desejo de uma Orquestra de excelência, a interpretar repertório de uma grande exigência, a representar o ideal europeu explicado por Marshall.

É interessante observar os objetivos iniciais delineados pelos promotores da Orquestra, em comparação com os objetivos estratégicos apontados atualmente pela Orquestra, estando divididas em quatro áreas fundamentais: Cultura, Sociedade, Músicos, Públicos.

Do ponto de vista da Cultura, a atual Orquestra Jovem da União Europeia propõe-se a aumentar o acesso e divulgação da atividade cultural ao nível nacional e europeu, fazer o reforço da capacidade do sector cultural e criativo de operar transnacionalmente. Simultaneamente, pretende promover a herança cultural local, regional e a cultura

européia de produção musical e ajudar ao fortalecimento e desenvolvimento de organizações europeias e redes de contacto.

Ao nível da Sociedade, a Orquestra deverá servir para evidenciar os ideais da União Europeia e ser um embaixador cultural da mesma. Por outro lado, uma orquestra é um instrumento que poderá ser utilizado para o avanço da sociedade e isso é desde logo reconhecido pela própria Orquestra Jovem da União Europeia e, como tal, também ajudará na formação de uma nova geração de europeus para estarem ativos no desenvolvimento da sociedade.

Do ponto de vista dos Músicos, é tido como objetivo a formação de uma nova geração de líderes europeus na música clássica, a expansão do número de músicos que passam pela experiência da Orquestra de Jovens da União Europeia, contribuir para o desenvolvimento das carreiras dos jovens músicos, tanto das suas oportunidades como ao nível da empregabilidade.

Por outro lado, ao nível do Público, é descrito como objetivo a participação em vários festivais internacionais e em diversos concertos. É visto como necessário o desenvolvimento de novas estratégias para envolver os públicos que assistem aos concertos. Sendo ao mesmo tempo necessário pensar no envolvimento das novas gerações, na forma como irão participar e disfrutar da música clássica. A Orquestra Jovem da União Europeia não esquece a preocupação com as plataformas digitais como algo com um potencial de conseguir fazer o envolvimento com novos públicos. (<https://www.euyo.eu/about/the-euyo/mission/>, maio 2023)

Desenvolvimento da Proposta para a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia e o funcionamento da Orquestra

Compreendidos os propósitos dos impulsionadores da proposta e a relação com os atuais objetivos da Orquestra, é importante compreender como pensaram que iria funcionar a Orquestra e como é que esta se organiza atualmente. Em primeiro lugar, seria formado um comité especial para a Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia que estaria sob alçada da *International Festival of Youth Orchestras*. Esse comité ficaria com a responsabilidade da seleção dos músicos que iriam compor a Orquestra. Os músicos seriam escolhidos entre todos os países membros da Comunidade Económica Europeia.

Simultaneamente ficaria encarregue da seleção do repertório artístico a executar, dos maestros convidados e de toda a logística de recursos humanos necessários durante o ano. Desde logo ficaria determinado que a Orquestra participaria no festival anual da International Festival of Youth Orchestras em Aberdeen. Este festival aconteceria sempre nas primeiras duas semanas de agosto em todos os anos.

Na segunda semana desse festival estava previsto que muitos dos membros da Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia fossem selecionados para se juntarem ao Festival Internacional de Orquestra sob a direção artística do maestro Cláudio Abbado. O primeiro período formativo terminaria com um concerto em Londres e Dublin. Posteriormente haveria um segundo período formativo por altura das celebrações do Natal que incluiria concertos em Roma, Paris, Luxemburgo e Bruxelas. Por fim, haveria um terceiro período que seria nas férias da Páscoa e aí a Orquestra atuaria em Haia, Bonn, Copenhaga e Estrasburgo. Depois disto deveria ser formada uma nova edição da Orquestra para o verão seguinte e através de um processo de seleção. (European Parliament, Committee on Cultural Affairs and Youth, 1974, p.7)

O processo de seleção partia da premissa de que deveria existir uma representação igual dos nove países da Comunidade Económica Europeia, partindo do pressuposto dos 108 músicos para perfazer uma orquestra sinfónica, o que daria 12 músicos por cada Estado-membro. A proposta considerava que os músicos deveriam estar sobretudo em idade escolar, sugerindo terem entre os 15 anos e os 20 anos, por considerarem ser os melhores anos formativos para passarem por uma experiência como esta. Para o processo de seleção ficava definido que os nove países da Comunidade Económica Europeia deveriam submeter os nomes e detalhes dos 25 melhores músicos jovens que pudessem integrar a Orquestra no seu primeiro momento formativo em Aberdeen. Dentro dos 25 músicos selecionados, deveriam constar 1 flautista, 1 oboísta, 1 clarinetista, 1 trompista, 1 trompetista, 1 tubista, 2 percussionistas, 1 harpista, 6 violinistas, 3 violoncelistas e 2 contrabaixistas. Haveria um painel de jurados do Comité estabelecido para a Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia que iria viajar a cada um dos países para avaliar em audição todos os músicos selecionados, fazendo a seleção final que culminaria com os músicos escolhidos para a edição da Orquestra. Inicialmente já estaria previsto que os organizadores da Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia colaborariam com a Jeunesses Musicales, nos anos 70, organização que já contava representantes em todos os países da Comunidade Económica Europeia com

exceção da Irlanda. A Jeunesses Musicales estaria também presente e contribuiria no processo de seleção dos candidatos a integrar a Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia. Para atingir essa cooperação tinha sido agendada uma reunião entre Joy Bryer e Hadelin Donnet em Bruxelas, onde se discutiria o projeto e as possíveis formas de cooperação entre estas duas entidades. (European Parliament, Comité on Cultural Affairs and Youth, 1974, p. 9 a 11)

Adiante descrever-se-á a proposta com detalhes. Os promotores da iniciativa acreditavam que uma Orquestra seria algo que poderia demonstrar aos jovens europeus que existia uma herança cultural comum que eles partilhavam entre si. Sendo que o exemplo de uma Orquestra mostrava que existe uma Europa que não seria apenas um projeto económico, mas mais do que isso. (European Parliament, *Document 537/5*, 1976) A iniciativa de uma Orquestra para os jovens músicos da Comunidade Económica Europeia, estava em linha com a Declaração de Copenhaga, analisada no primeiro capítulo da dissertação. Ou seja, estávamos perante a materialização da consciência europeia expressa na Declaração de Copenhaga e na herança cultural comum europeia que se aspirava preservar. No entanto, o projeto da Orquestra, mais do que querer proteger a herança cultural comum europeia, partia disso mesmo para querer estreitar as relações entre jovens músicos europeus fazendo disso um exemplo para toda a Comunidade Económica Europeia.

Por outro lado, a criação de uma orquestra de jovens europeia poderia servir como uma excelente oportunidade para a apresentação e afirmação de jovens compositores. Isto é, seria a oportunidade ideal para estes poderem mostrar o seu trabalho. Aliás, o Comité dos Assuntos Culturais e Juventude, sugere mesmo que haja um equilíbrio nos programas de concertos escolhidos, tendo em consideração os novos compositores que ainda procuram uma aceitação. Ao mesmo tempo, o Comité dos Assuntos Culturais e Juventude explica que este projeto deveria cooperar de perto com a *Fédération Internationale des Jeunesses Musicales* pela experiência reconhecida desta organização nesta área.

As conclusões deste documento explicavam o período difícil que viviam as artes e de como era necessário reforçar estas iniciativas dentro do espaço da Comunidade Económica Europeia. Simultaneamente, o Comité dos Assuntos Culturais e Juventude recomendava que as instituições europeias, nomeadamente a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu fizessem um esforço nesse sentido. (European Parliament, *Document 537/5*, 1976)

Posteriormente, foi apresentada a 17 de dezembro de 1975 uma moção para uma resolução que desenhasse 25 regras de procedimento da Orquestra Jovem da União Europeia. Esse documento seria redigido por Kellett-Bowman, uma deputada inglesa do partido conservador britânico, que esteve na delegação inglesa como deputada ao Parlamento Europeu em 1975 e que mais tarde seria eleita como deputada europeia nas primeiras eleições europeias em que o Reino Unido participou em 1979.

Desse documento ficaria salientado que o Parlamento Europeu reconhecia a necessidade da existência de uma maior cooperação na Europa entre os Estados-membros, sobretudo entre as gerações mais jovens e compreendendo o impacto que a Música poderia ter nesse propósito. Simultaneamente, era reconhecida a necessidade de serem desenvolvidas mais atividades para os jovens até porque muito pouco teria sido feito até àquela altura no âmbito da CEE. O futuro da CEE estaria dependente da forma como os jovens iriam cooperar em conjunto. (European Parliament, Doc 453/75, 1975)

A proposta inicial apresentada em 1974, já continha um orçamento detalhado dos custos anuais do projeto que não tinha sido alterada no documento de 1975. Nesse orçamento estavam contidos os custos do processo de seleção, durante o período do Festival em agosto, durante o estágio do Natal e da Páscoa. Tudo somado custaria 56 450 libras o que hoje seria aproximadamente o equivalente a 752 710 libras esterlinas ou 886 513,12 euros. Os promotores do projeto da Orquestra de Jovens da Comunidade Económica Europeia tinham consciência de que estariam abertas as possibilidades para muitos outros projetos artísticos e com impacto dentro da Comunidade Económica Europeia.

Como forma de compreender a realidade atual do financiamento da Orquestra Jovem da União Europeia, vale a pena referir um caso mais recente. Em 2016, a EUYO esteve em risco de dissolver-se por falta de financiamento. No entanto, a Comissão Europeia acabaria por atribuir um fundo de 600 mil euros para aquele ano, o que seria suficiente para o funcionamento da Orquestra. Este processo foi particularmente complexo, tendo-se resolvido com a Comissão Europeia a propor ao Parlamento Europeu e ao Conselho Europeu uma solução de longo prazo que fizesse com que a Orquestra não tivesse de ficar preocupada com o seu financiamento. Um dos aspetos a salientar nesta questão foi o apoio que a EUYO acabaria por receber por parte dos Estados-membros da União Europeia, dos seus ministros da Cultura e até do Presidente da Comissão Europeia. Jean-Claude Juncker, o presidente da Comissão Europeia na época, acabaria por afirmar que durante o seu período de atividade nos últimos 40 anos, a EUYO era um símbolo da diversidade

cultural da Europa. Como tal, Junker comprometia-se a arranjar uma solução permanente dentro da Comissão Europeia para a EUYO. (“Europa salva a última hora a su Joven Orquesta”, ABC Cultura, 2 junho 2016) Como solução permanente, Jean-Claude Junker faria incluir no programa Creative Europe de 2014-2020 (Regulamento 1295/2013), uma verba financeira anual destinada à EUYO que deveria rondar os 80% dos custos totais do seu orçamento, mas que não poderia ultrapassar os 600 mil euros. (European Commission, *2020 annual work programme for the implementation of the Creative Europe Programme*, 2019) Mais tarde, no programa Creative Europe de 2021-2027, esse financiamento já viria contemplado e o financiamento da Orquestra estará assegurado até ao ano de 2027 no mesmo sentido que estava no programa Creative Europe anterior. Simultaneamente, é possível consultar os fundos de apoio recebidos pela Orquestra entre 2020 e 2021 por parte das entidades públicas italianas. Em 2020 a EUYO receberia por parte do Ministério da Cultura Italiano e da Associazione Ferrara Música um total de 381 903,82 euros e em 2021 receberia 430 mil euros por parte das mesmas entidades italianas. (euyo.com, 2023)

Breve contextualização da atividade artística da Orquestra Jovem da União Europeia

Como foi referido anteriormente, a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia teria o seu ano de estreia em 1978. Na época de estreia, contou com alguns apoios importantes tanto na área da Música Clássica, como nas esferas representativas da política. Houve várias personalidades que enviariam a sua mensagem de apoio e tal apareceria na Brochura anual da Orquestra, por exemplo, o Presidente da República Helénica, Constatine Tstatsos, o violinista e maestro norte-americano, Yehudi Menuhin ou o maestro argentino, Daniel Barenboim. Na sua temporada de estreia, estavam previstas duas digressões da Orquestra, a primeira na época da Páscoa e a segunda no Verão. O primeiro concerto da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia seria em Amesterdão, no dia 28 de março pelas 20:15 na Concertgebouw; seguir-se-iam concertos em Bonn, Paris, Luxemburgo, Bruxelas, Milão, terminando a primeira digressão em Roma no dia 5 de abril. Por sua vez, no Verão, a segunda digressão começaria em Londres com um concerto no Royal Albert Hall, no dia 6 de agosto, seguir-se-iam concertos em Aberdeen, Dublin e terminaria a segunda digressão em Copenhaga no dia 16 de agosto. Se a 6ª Sinfonia de Mahler seria a grande obra de cartaz na digressão

da Páscoa, na digressão de Verão, a Sinfonia Fantástica de Berlioz seria a obra de destaque. (ECYO, Spring and Summer tours, 1978).

Um dos fatores mais interessantes de analisar seria a escolha de repertório artístico para as duas digressões: na digressão da Páscoa foi dada preponderância a uma obra musical descendente da tradição germano-austriaca, por outro lado, na digressão do Verão, essa preponderância foi dada a uma obra musical descendente da tradição francesa. Esta poderá ser uma das questões futuras que poderá ser estudada: será que a Orquestra Jovem da União Europeia que tem certas particularidades que a tornam única no contexto de uma Orquestra, procura de alguma maneira, atingir certos equilíbrios na escolha de repertório? Será isso um critério fundamental?

Na brochura da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia de 1979, é possível começar a compreender o impacto que a Orquestra tinha obtido no seu ano de estreia de 1978. O primeiro-ministro da Irlanda à época, John Lynch, descreveria a visita da Orquestra à Irlanda no ano anterior, como um momento de afirmação do projeto no quadro da Música na Europa, tendo sido um grande momento introdutório, aguardando desde logo pela visita da Orquestra no ano de 1980. No mesmo sentido foram as palavras do Presidente do Conselho de Ministros italiano, Giulio Andreotti, que classificava a primeira temporada da Orquestra como um sucesso extraordinário, entendendo o projeto como uma oportunidade de unir os europeus num propósito comum. Andreotti faria ainda menção às eleições europeias que iriam dar-se em 1979 com o objetivo de reduzir a distância entre os europeus e as instituições europeias, e como projetos como o da Orquestra seriam contributos valiosos. Roy Jenkins, Presidente da Comissão Europeia à época, diria também que mais do que um sucesso, a primeira temporada da Orquestra foi um triunfo. Jenkins expressava desde logo o compromisso e apoio de toda a Comissão Europeia para com a Orquestra. (ECYO, Summer tour, 1979)

Na temporada de 1979, a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia começaria por atuar em Avinhão, no Palácio dos Papas, no dia 8 de agosto. Seguir-se-iam concertos em Veneza, Salzburgo, Berlim, Copenhaga, Gent e terminaria a 19 de agosto em Londres, novamente num concerto no Royal Albert Hall. O repertório escolhido passaria por uma combinação entre a sétima Sinfonia de Bruckner, o quarto concerto para piano de Beethoven e a abertura do Prometeus, igualmente do mesmo compositor. Estávamos perante um repertório totalmente de influência austriaca. Nesse ano, Joy Bryer assinalava que o concerto de Berlim ao ser transmitido pela ZDF tinha representado um

momento histórico na concretização de um dos principais objetivos da Orquestra: trazer a mensagem de cooperação e unidade europeia para a casa de milhões de europeus. O futuro passaria por espalhar a mensagem de unidade europeia pelo mundo, era esse o desejo de Bryer. (ECYO, Summer tour, p. 48, 1979)

Como particularidade relevante, a primeira influência portuguesa na Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, apareceria em 1980, através de uma mensagem do Presidente da República Portuguesa, António Ramalho Eanes, para a edição da Orquestra daquele ano. Ramalho Eanes considerava que a Orquestra seria um belo exemplo daquilo que deveria ser uma Europa unida e solidária, com uma dimensão espiritual e com um elemento humanista. Tendo ido mais longe, ao afirmar que os músicos da Orquestra não seriam apenas os depositários desta herança cultural comum, mas sim como os mensageiros dessa herança. (ECYO, Summer tour, p. 16, 1980)

O ano de 1980 ficaria marcado na história da Orquestra porque o maestro Herbert von Karajan dirigiria a Orquestra pela primeira vez. Karajan dirigiria a Orquestra num concerto em Salzburgo, tendo como repertório a Sinfonia nº 41 de Mozart e um Concerto para Violino de Beethoven. Por outro lado, o ano de 1981 seria também importante na história da Orquestra. Nesse ano seria fundada a *Chamber Orchestra of Europe*, uma Orquestra de Câmara composta por um grupo de músicos jovens que tinham feito parte da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia. Ou seja, podemos afirmar que a *Chamber Orchestra of Europe* é um projeto que descende diretamente da experiência que os jovens tiveram com a ECYO, tendo novamente Claudio Abbado como um dos seus mentores mais relevantes. A *Chamber Orchestra of Europe* funciona atualmente e é considerada uma das Orquestras mais proeminentes da Europa, com uma atividade artística regular e atualmente com muitos dos mais conceituados artistas europeus. (Chamber Orchestra of Europe, 2022)

Em 1982, haveria dois acontecimentos importantes na história da Orquestra, desde logo a primeira digressão fora da Europa, pois a Orquestra da Comunidade Económica Europeia tinha sido convidada para atuar no México. A Orquestra daria quatro concertos no México no prestigiado Festival Internacional Cervantino. No mesmo ano, os músicos da Orquestra seriam recebidos numa audiência particular pelo Papa João Paulo II no Vaticano. A brochura da Orquestra de 1982 dava-nos um indicador importante para o futuro. Cerca de 4000 jovens provenientes de todos os Estados-membros da Comunidade Económica Europeia realizaram audições, tendo sido aceites 145 músicos. Sabia-se

também que desses 145, 40 a 50% dos músicos já tinham participado em edições anteriores da Orquestra. (ECYO, Summer tour, 1982)

Entre 1984 e 1991, a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia, continuaria a afirmar-se no panorama internacional tendo feito digressões na China, Índia, Estados Unidos, Japão e na Rússia. Destas digressões, destacar-se-iam duas em particular: China, 1984 e Rússia, 1991. Pela brochura de 1984, percebia-se que a digressão da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia era também vista como uma oportunidade de apresentar a Comunidade Económica Europeia à República Popular da China. A Orquestra era composta por 110 membros dos dez países da CEE, isto porque a Grécia tinha aderido à CEE em 1981. A digressão seria composta por oito concertos nas cidades de Cantão, Shangai e Pequim. Um dos sinais que demonstraria uma aproximação entre a Orquestra e a República Popular da China seria o convite feito ao violinista chinês Wang Xiao Dong para tocar a solo com a Orquestra. A obra escolhida seria o Concerto nº1 para Violino e Orquestra de Mendelssohn. (ECYO, *China Tour*, 1984)

A digressão da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia à Rússia em dezembro de 1991 seria marcada por dois acontecimentos em particular. Primeiro, em dezembro de 1991 a União Soviética seria dissolvida, segundo porque em 1992 seria assinado o Tratado de Maastricht que daria um novo papel à Cultura e Arte na União Europeia. À semelhança daquilo que foi feito na China, seria novamente convidada uma violinista solista da Rússia para participar na digressão da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia. Como tal, Viktoria Mullova juntar-se-ia à Orquestra para interpretar o Concerto nº1 de Shostakovich para Violino e Orquestra. Para além do concerto para violino de Shostakovich, juntar-se-ia a 5ª Sinfonia de Mahler. A digressão começaria no dia 11 de dezembro em Berlim, seguida de dois concertos em Moscovo e terminaria com um concerto em São Petersburgo. A digressão à Rússia contaria com músicos soviéticos, elementos da Gustav Mahler Jugendorchester e os músicos da Orquestra da Comunidade Económica Europeia. A Orquestra contaria com a presença de um violinista português, André Cabral da Fonseca, sendo que Aníbal Cavaco Silva, primeiro-ministro português, deixaria uma mensagem de apoio à Orquestra. O primeiro-ministro português destacaria a Europa como uma comunidade de valores com um espírito comum, caracterizado pela diversidade artística e riqueza cultural, como também representavam a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia e a Gustav Mahler Jugendorchester. (The Youth Orchestra for United Europe, Russia tour, 1991)

Regressando um pouco atrás, tanto para a História de Portugal e Espanha, é relevante mencionar a edição de 1986 da Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia. Isto porque marca a entrada tanto de Portugal e Espanha no projeto europeu. Logo nesse ano foram realizadas audições para a Orquestra tanto em Portugal como em Espanha, tendo desde logo tido participantes dos dois países na edição da Orquestra desse ano. Há dois aspetos importantes a realçar, desde logo a Orquestra fez uma digressão que incluiu Espanha e Portugal, tendo realizado concertos em Granada, Madrid, Valência, Barcelona, Porto, Faro e Lisboa. Em Portugal os concertos seriam realizados no Teatro Rivoli, no Cine-Teatro Santo António e no Coliseu dos Recreios. O repertório dessa digressão ficaria marcado pelo 2º Concerto de Beethoven para Piano e Orquestra e a 9ª Sinfonia de Mahler. Novamente a Orquestra de Jovem da Comunidade Europeia convidaria um solista internacional, dando desta vez a oportunidade à pianista portuguesa, Maria João Pires. Por outro lado, um sinal importante foi a oportunidade dos vários líderes políticos dos Estados-membros e das instituições europeias de saudarem a adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia. A História da Orquestra Jovem da Comunidade Europeia associar-se-ia desta forma à entrada de novos países no projeto europeu. (ECYO, Spring Tour, 1986) e (ECYO, Summer Tour, 1986)

Em 1988, um relatório da Comunidade Económica Europeia, já nos dava algumas informações relevantes sobre os 11 anos de história da Orquestra. Ao longo dos 11 anos de funcionamento da Orquestra, já tinham passado maestros relevantes como Georg Solti, Yuri Simonov e Antal Dorati. O presente documento já entendia a Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia como a melhor embaixadora da Comunidade Económica Europeia, experiência da Orquestra em performances nos Estados-membros, mas também em digressões na China e México.

Por outro lado, sendo um dos propósitos iniciais dos promotores da Orquestra Jovem da União Europeia ligar os seus participantes ao sector cultural e artístico europeu, já existia uma noção de que mais de 60% dos participantes na Orquestra Jovem da União Europeia, conseguiam encontrar um trabalho permanente como músicos em Orquestras conceituadas na Europa. O relatório de 1988 tinha como principal objetivo propor a extensão da Orquestra Jovem da União Europeia para a Ópera, querendo abrir-se para cantores líricos com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos. A base da proposta estava alicerçada pelos resultados obtidos pela Orquestra Jovem da Comunidade Económica Europeia. Era proposto que esta extensão para a Ópera funcionasse num

sistema de bolsas compartilhado pelos 12 Estados-membros, pela Comunidade Económica Europeia que deveria financiar um terço do orçamento e por fim, por participações do sector privado. (*Extension of The European Community Youth Orchestra to Opera*, Brussels, 1988) No entanto, é importante salientar que tal extensão para um projeto de Ópera nunca chegaria a avançar, tendo ficado apenas pelo papel.

Em 1994, Bernard Haitink assumiria a direção musical da então Orquestra Jovem da União Europeia, em substituição de Claudio Abbado. Em 1996, como forma de celebrar o acordo alcançado do Mercosul, a Orquestra iria fazer uma digressão pela América do Sul. Em 1998 a EUYO é convidada a atuar para o Fórum Económico Mundial, em que a Orquestra, sob a direção musical do Maestro Ivan Fischer, interpretaria a Sinfonia nº29 de Mozart e as danças romenas de Bartók. Mais tarde, no ano 2000, o Maestro Vladimir Ashkenazy passaria a diretor musical da Orquestra, em substituição de Haitink. (euyo.eu, 2023)

Em 2004 a EUYO regressaria ao Brasil para realizar uma digressão comemorativa dos 450 anos da fundação da cidade de São Paulo. Mais tarde, em 2008, a EUYO faria uma nova digressão ao Japão e China sendo que desta feita iria também atuar na Coreia do Sul. Em 2010, a Orquestra faria um concerto na Expo de Shanghai, como forma de representação do talento europeu. Pouco depois, em 2012 a EUYO regressaria ao Estados Unidos para uma segunda digressão. No ano seguinte, a Orquestra faria a sua estreia oficial em Malta, o único país da União Europeia onde a EUYO nunca tinha atuado. Simultaneamente, Joy Bryer seria apontada como Presidente da Orquestra e Marshall Marcus seria designado como Diretor Executivo e Artístico da Orquestra. Em 2013 a Orquestra era composta por cerca de 140 músicos, provenientes dos 27 países da União Europeia e de milhares de candidatos que prestaram provas. (EUYO Spring Tour, 2013) Por sua vez, o ano de 2014 seria relevante para a Orquestra por dois motivos: marcava a entrada dos músicos croatas na EUYO, assim como aconteceria a primeira digressão da Orquestra em Abu Dhabi.

Fruto do referendo realizado no Reino Unido sobre a permanência deste dentro da União Europeia, a Orquestra seria obrigada a uma mudança profunda no seu funcionamento. Com o resultado do referendo, a Orquestra de Jovens da União Europeia que estava sediada em Londres muda-se para Itália. (*Classic FM*, 2017) No processo de decisão o Diretor Executivo e Artístico da Orquestra Jovem da União Europeia, Marshall Marcus descreve que seria impensável a Orquestra de Jovens da União Europeia estar sediada

num país que não pertencesse à União Europeia. (*Classic FM*, 2017) A decisão de mudança de local da sede da orquestra demorou pouco mais de um ano, sendo que o referendo do Brexit foi a 23 de junho de 2016 e a decisão sobre o local onde se sediaria a Orquestra foi anunciada a 11 de outubro de 2017. A cidade italiana escolhida para receber a Orquestra foi Ferrara, isto porque correspondia à cidade natal de um dos seus fundadores, o maestro italiano Claudio Abbado. Como consequência do processo de saída desencadeado pelo Brexit, os alunos do Reino Unido deixaram de poder candidatar-se à Orquestra Jovem da União Europeia. Atualmente, podem concorrer à Orquestra Jovem da União Europeia todos os estudantes de música com passaporte proveniente de um dos 27 Estados-membros da União Europeia. (*euyo.eu*, 2022). Ainda a propósito da notícia lançada pela Classic FM, uma estação de rádio do Reino Unido dedicada à música clássica, dava-se conta das declarações do Diretor da Royal Opera House, Antonio Pappano, que afirmava ter-se tornado muito difícil para os estudantes de música clássica do Reino Unido terem oportunidade de trabalhar em orquestras europeias, devido ao Brexit. (*Classic FM*, 2017) O Brexit para a história da Orquestra Jovem da União Europeia significava a primeira vez que estudantes de um país que pertencera outrora à União Europeia, deixariam de poder concorrer à Orquestra.

Mais tarde, o ano de 2018 também ficaria marcado por duas razões: primeiro, a EUYO associava-se à União Europeia na celebração do ano da herança cultural europeia. Segundo, pela primeira vez na sua história, a Orquestra mudava a sua residência de Londres para Ferrara em Itália, fruto do resultado do referendo que ditaria o Brexit no Reino Unido. Em 2022, a EUYO lançaria uma série de concertos que ficaria designada por *Peace in Europe*, com o propósito de solidarizar-se com todas as vítimas de violência e como forma de angariação de financiamento para a *Youth Symphony Orchestra of Ukraine*. No mesmo ano, a Orquestra anunciaria uma nova mudança de sede administrativa, desta feita deixaria Ferrara, reconhecendo que foi essencial num período crítico de transição da Orquestra, para partir para a Áustria, onde permanece desde o princípio do ano de 2023, num pequeno município chamado de Grafenegg. A EUYO manteria a sua relação estreita com Itália, nomeadamente a sua residência artística em Bolzano, no Festival Bozen. A Orquestra Jovem da União Europeia já vinha a desenvolver laços com Grafenegg há 13 anos, tendo-se tornado uma Orquestra residente daquele município e simultaneamente desenvolveu uma parceria com a Áustria que

culminaria com um projeto chamado: Music Hub Austria. Este projeto pretendia colocar jovens músicos dos países da União Europeia a fazer música em conjunto com músicos profissionais austríacos. (Papageno, 2022, *EUYO announces a new home in Austria*, <https://papageno.hu/english/news/2022/12/euyo-announces-a-new-home-in-austria/>)

O processo de audição para a Orquestra Jovem da União Europeia e o perfil do Músico da Orquestra Jovem da União Europeia

Para compreender melhor a amostra que iremos analisar é necessário compreender o processo de audição dos músicos para a entrada na Orquestra Jovem da União Europeia. No fundo, estaremos a responder à questão: quem é que são os músicos que integram a Orquestra e que responderam ao questionário desta dissertação? Ou, como é que estes músicos chegaram à Orquestra Jovem da União Europeia?

Em primeiro lugar será necessário perceber quem é que está em condições de concorrer para a Orquestra Jovem da União Europeia, sendo que alguns destes critérios mudaram ao longo do tempo. Só podem concorrer à Orquestra Jovem da União Europeia, candidatos que sejam cidadãos dos 27 Estados-membros da União Europeia, com idades entre os 16 anos e os 26 anos. Podem concorrer à Orquestra: violinistas, violoncelistas, contrabaixistas, flautistas, oboístas, clarinetistas, fagotistas, trompetistas, trombonistas, tubistas, percussionistas e harpistas.

A Orquestra Jovem da União Europeia tem parcerias com organizações de quase todos os 27 estados-membros. Geralmente, essas organizações são responsáveis pela primeira fase de audições. No caso português, o parceiro estratégico é a Direção-Geral das Artes. Em alguns Estados-membros podem existir duas rondas de audição por razões geográficas, logísticas ou pelo elevado número de candidatos. No caso português, existe uma audição no Porto e outra em Lisboa. Os candidatos bem-sucedidos desta primeira ronda de audições passam diretamente para uma segunda ronda final onde está presente no júri um membro destacado da Orquestra Jovem da União Europeia. No entanto, para assegurar que a prova seja avaliada de forma justa e imparcial, a ronda final será gravada, sendo igualmente avaliada por um painel de membros especialistas no instrumento musical do candidato, fazendo a comparação com os restantes candidatos na final de toda a União Europeia.

Por outro lado, é importante salientar que um candidato que, por exemplo, tenha ficado na lista de reserva em 2021 ou 2022, fica habilitado a passar diretamente para a ronda final de audição em 2023, sem com isso precisar de fazer uma primeira audição. Ou seja, todos os candidatos que cheguem à lista de reserva, mesmo que não tenham sido chamados à Orquestra, ficam automaticamente habilitados a passar à ronda final nos dois anos subsequentes.

Todos os candidatos apresentam uma peça musical à sua escolha que demonstre o melhor possível das suas habilidades técnicas e musicais; posteriormente haverá excertos orquestrais obrigatórios para todos os candidatos. Os excertos são específicos para cada instrumento musical e podem variar ao longo dos anos. Ou seja, os excertos orquestrais de um candidato trompetista serão diferentes de um candidato violinista.

Todos os anos concorrem milhares de candidatos à Orquestra Jovem da União Europeia, como tal muitos não são aceites, o nível de exigência é muito elevado. É importante igualmente referir que todas as edições da Orquestra contam com músicos provenientes dos 27 Estados-membros e com o mesmo número de homens e mulheres. Esta informação seria confirmada nas entrevistas realizadas ao Diretor de Ensaio da EUYO, Peter Stark e ao Diretor Executivo e Artístico da Orquestra, Marshall Marcus. O processo de audição é transparente e está divulgado no site da Orquestra Jovem da União Europeia, <https://www.euyo.eu/apply/auditions/overview/> .

Todos aqueles que responderam ao questionário desta dissertação, que iremos apresentar de seguida, passaram por um processo de audição para poderem integrar a Orquestra Jovem da União Europeia. Mais, parte dos músicos que responderam ao questionário participaram em mais do que uma edição da Orquestra e parte significativa dos elementos da Orquestra Jovem da União Europeia tiveram na sua participação na Orquestra o primeiro momento de intercâmbio cultural das suas vidas.

A compreensão do impacto que a Orquestra Jovem da União Europeia tem para o músico selecionado foi algo importante de compreender desde o princípio. Nesse sentido, o contributo de Lenard Liebert, antigo membro da Orquestra Jovem da União Europeia, seria bastante importante. Liebert desenvolveria uma dissertação com o título “*The Influence of Youth Orchestras for Their Participants’ Lives. – A Study of the European Union Youth Orchestra EUYO*” (2012). Liebert começa por explicar que ao longo da atividade de mais de 35 anos da Orquestra Jovem da União Europeia, até à época mais de

2700 músicos tinham ingressado na EUYO. Liebert desenvolveu um questionário que chegou a mais de um terço de todos os músicos que tinham participado na EUYO até então. O principal objetivo do questionário seria medir o impacto e a influência que a EUYO tinha tido para as carreiras dos músicos participantes. O questionário seria respondido por cerca de 202 músicos, sendo que cerca de 92% destes tornar-se-iam músicos profissionais. Em média a participação dos músicos na Orquestra Jovem da União Europeia seria de 2,2 anos. A dispersão de nacionalidades também foi um fator interessante de observar, com uma preponderância do Reino Unido (26%), Alemanha (20%), França (9%) e Holanda (8%). Liebert apontava para uma preponderância do Reino Unido, talvez explicada pela sede da Orquestra estar em Londres até muito recentemente. Simultaneamente, reconhecia que a dispersão de nacionalidades na EUYO não estava de acordo com a proporção do número de habitantes por cada Estado-membro. Por outro lado, o estudo concluía que a EUYO teria sido a única experiência em Orquestras juvenis para 28% dos inquiridos e 31% tinha participado na EUYO e em mais uma Orquestra Juvenil. No entanto, 63% dos inquiridos tinham participado na EUYO e em Orquestras Juvenis nacionais. Liebert concluía que mais de 92% dos participantes da EUYO, em mais de 35 anos de atividade, estavam a trabalhar como músicos profissionais naquele momento. Isto era um número superior em comparação com todos os estudantes de música formados em universidades da Alemanha. (Liebert, 2013, “*The Influence of Youth Orchestras for Their Participants’ Lives. – A Study of the European Union Youth Orchestra EUYO*”)

A relação do Construtivismo com a Orquestra Jovem da União Europeia e os seus objetivos

Tendo escolhido a teoria do Construtivismo para a presente dissertação, parece-nos importante compreender a relação, ou possíveis relações, entre a Orquestra Jovem da União Europeia e o Construtivismo.

Desde logo a conceção da Orquestra Jovem da União Europeia como uma embaixadora cultural da União Europeia - sendo marcadamente reconhecido tanto pelo Maestro Peter Stark, como pelo Diretor Executivo e Artístico, Marshall Marcus, como um símbolo da União Europeia - é um dos traços característicos do construtivismo, confirmado por Kauppi (2017).

Havia uma consciência clara de que uma Orquestra Europeia de jovens de todas as nacionalidades da União Europeia a tocar repertório clássico, que tem uma grande história no continente europeu, seria um símbolo importante do ponto de vista externo e interno: ao ser uma Orquestra, demonstrava como a arte poderia ser um elemento conciliador de vontades; ao ser de jovens, demonstrava como o projeto europeu tem futuro e está ligado às novas gerações; ao tocar repertório clássico com uma grande vocação europeia, ou seja parte de uma herança comum, de certa forma ligava o passado europeu ao presente, e ao ser de jovens fazia a tal invocação de um futuro. Ao ser para todas as nacionalidades da União Europeia demonstrava como todas as nacionalidades poderiam cooperar num propósito comum. Se o projeto europeu pretendia que as nações confluíssem em valores comuns e objetivos semelhantes, como a paz, a prosperidade e a democracia, uma orquestra com jovens de todos os países da União Europeia, contaria com todos para o mesmo objetivo: a arte, a música e o belo.

Na entrevista realizada com Marshall Marcus a 31 de março de 2023 possível de consultar em anexo, o próprio apontava para esta razão matricial de que a Orquestra Jovem da União Europeia deveria ser um espelho daquilo que são os mais altos valores fundacionais da União Europeia, isto é, a Orquestra deveria representar tanto quanto possível os mais altos ideais culturais da União Europeia, se não o fizesse, poderia até perder razão para a sua existência.

Por outro lado, na entrevista realizada a Peter Stark a 6 de abril de 2023, este apontava para um outro aspeto interessante deste paralelismo entre a Orquestra Jovem da União

Europeia e a própria União Europeia. Stark falava da construção da edição anual de cada Orquestra e dessa relação com o projeto europeu. Ou seja, como princípio, a Orquestra pretende contar com elementos de todos os países da União Europeia, mas isso exige um certo esforço. Havia países que anualmente contavam, por exemplo, com 600 candidatos e outros com cinco. O país com muitos candidatos teria orquestras juvenis e o país com cinco candidatos não teria nenhuma. Como tal, isto implicaria um esforço para colocar membros de todos os países, que no fundo poderia resultar que candidatos altamente qualificados pudessem ficar de fora. Não sendo completamente meritocrática, Stark reconhecia que teria de existir um compromisso para com todas as partes, no fundo na mesma dinâmica que existia na relação dos vários países dentro da União Europeia.

Nesse sentido, Marshall e Stark reconhecem a Orquestra Jovem da União Europeia como um símbolo da União Europeia e explicam a razão. Para Stark, a União Europeia tem países grandes e países mais pequenos, na Orquestra Jovem da União Europeia também existem países com uma grande representação de membros e outros países com representações mais modestas. Apontavam até para o facto de que existiam dois países com representações demasiado fortes, como o caso dos espanhóis e italianos, contrastando com 11 países que o ano passado apenas tiveram um membro na Orquestra. Por exemplo, no estudo que levamos a cabo com membros de várias edições da Orquestra Jovem da União Europeia, tivemos uma pessoa da Eslovénia que não se sentiu confortável em responder ao questionário, porque no seu ano de participação foi a única pessoa do seu país a participar e, como tal, as suas respostas deixariam de ser anónimas.

Por outro lado, Marshall explicava que a Orquestra Jovem da União Europeia nunca, mesmo que quisesse, poderia deixar de ser um símbolo da União Europeia. Isto porque o público quando assiste a um concerto da Orquestra não sabe que, ao contrário do programa ERASMUS+, a Orquestra Jovem da União Europeia é uma organização independente na medida em que apesar de ser financiada pela União Europeia, nomeadamente pelo programa Creative Europe, é também financiada através de doações particulares, ou seja, não é uma entidade interna da União Europeia. Para além disso, a Orquestra Jovem da União Europeia tem autonomia para determinar as suas digressões e os seus concertos. Contudo, apesar dessa autonomia, a Orquestra Jovem da União Europeia mantém o seu papel de embaixadora cultural da União Europeia.

Acresce ainda o facto que, tanto para Risse (2004), como para Kauppi (2003) ou para Sousa (2022), a Cultura tem uma elevada importância para o desenvolvimento de práticas,

símbolos, ou aspetos discursivos. Todos entendem o processo de integração europeia à luz da teoria construtivista, que via na cultura este fator de relevância para uma identidade comum. Desde o princípio do projeto legislativo que se percebe a intenção de uma Orquestra de jovens europeia que seja, por um lado, um símbolo do projeto europeu e, consequencialmente por ser um símbolo, que possa funcionar como embaixadora cultural da UE. Ou seja, por quase 50 anos, a Orquestra Jovem da União Europeia tem atuado como embaixadora cultural do projeto europeu e assume essa posição oficial nas suas plataformas. (www.euyo.eu, 2023)

Como parte do papel de embaixadora cultural, a Orquestra Jovem da União Europeia é chamada a representar a União Europeia em momentos de especial relevância como comemorações festivas, no dia da Europa, ou aquando das presidências rotativas do Conselho da União Europeia. Paralelamente, existe uma preocupação da Orquestra em procurar criar uma relação com as cidades europeias da cultura. Aliás, essa preocupação seria constatada e referida pelo próprio Diretor Executivo e Artístico da Orquestra, Marshall Marcus na entrevista concedida. Essa relação poderá ser construída através de performances e concertos da Orquestra Jovem da União Europeia nesses locais como em outros projetos. Aliás, Marshall Marcus explicava que, na edição de 2023, a Orquestra Jovem da União Europeia iria atuar na cidade de Timisoara na Roménia, que foi designada como cidade europeia da cultura para o presente ano. O Romania Insider escreveria mais tarde um artigo, *The Uncertain Four Seasons: How the European Union Youth Orchestra put Timișoara on the map of reimagined Vivaldi*, onde descreveria a passagem da EUYO por Timisoara como uma parte importante do Tour da Primavera da Orquestra Jovem da União Europeia, que incluiria concertos em Łusławice na Polónia, Belgrado na Sérvia, Skopje na Macedónia do Norte, Priština no Kosovo, e Thessaloniki na Grécia. (Romania Insider, 22 junho, 2023)

Apesar de manter este papel de embaixadora cultural, a Orquestra não é uma entidade formal da União Europeia, trabalhando como uma organização cultural independente. No entanto, recebe apoio e reconhecimento de Estados-membros e da União Europeia. Atualmente dos Estados-membros recebe um apoio logístico importante em primeiro lugar para ajudar no processo de audições, existindo parcerias com entidades de quase todos os países da União Europeia e em segundo para a programação dos concertos. Das instituições europeias recebe o apoio financeiro fundamental para a sua concretização, desta feita ao abrigo do Creative Europe Programme. Nesse sentido, é importante referir

que está formalizada a European Union Youth Orchestra Association com sede operacional e legal em Grafenegg na Áustria e que tem como missão supervisionar todas as atividades da EUYO. Está também ainda em funcionamento a European Union Youth Orchestra Foundation com sede operacional e legal em Roma e que tem como responsabilidade a supervisão de toda atividade da EUYO em Itália. Para além disso, como responsável da European Union Youth Orchestra Foundation, está a International Youth Foundation (of Great Britain) que continua como última responsável de todos os assuntos da EUYO. É preciso mencionar que esta Fundação continua operacional e que está registada na Charity Commission for England and Wales. (<https://register-of-charities.charitycommission.gov.uk/charity-search/-/charity-details/281420/charity-overview> , 2023). Ou seja, apesar da sede física e operacional da EUYO ter saído do Reino Unido, é uma associação do Reino Unido que tem a última decisão na sua gestão, o que é um contrassenso, sendo a EUYO uma embaixadora cultural da União Europeia.

Apresentação do Estudo

Definição do problema

No âmbito desta dissertação focada na Orquestra Jovem da União Europeia e a sua relação com a construção de uma identidade europeia, foi escolhido como instrumento de recolha de dados o questionário fechado. O questionário foi elaborado de raiz, ao encontro daquilo que são os objetivos gerais e específicos daquilo que se pretende investigar. O questionário está dividido em duas partes distintas, contendo uma parte de identificação pessoal com o intuito de perceber quem são, de onde vieram, a sua formação académica e musical e o contacto prévio com experiências de intercâmbio. Uma segunda parte aborda a perceção que os participantes de várias edições da Orquestra Jovem da União Europeia tinham sobre a União Europeia, os seus valores, a sua missão e de que forma a

Cultura e a Arte se relacionam com isso. O intervalo de edições da Orquestra Jovem da União Europeia varia entre 2013 e 2022, daqui abre-se uma exceção para o ano de 2020 que não foi considerado. Esta investigação pretende perceber o impacto que a Orquestra Jovem da União Europeia tem e compreender se cumpre os seus objetivos propostos, nomeadamente na perceção que gera nos seus participantes sobre a identidade europeia e o sentimento de pertença à União Europeia.

Desenho e Metodologia

A estrutura do estudo foi desenhada para obter resultados através de métodos de investigação quantitativa. Foi elaborado um questionário fechado com base nos objetivos propostos para o estudo e tendo em consideração a revisão de literatura efetuada. O questionário contém cerca de 20 afirmações no qual os participantes são convidados a classificarem-nas de 0 a 10, sendo que 0 significa “fortemente em desacordo” e 10 significa “fortemente em concordância”. Após a elaboração do questionário – em língua inglesa, para que todos os participantes pudessem responder – este foi aplicado, tendo sido obtidas 85 respostas. Posteriormente procedeu-se à análise estatística dos dados recolhidos para responder aos objetivos específicos do estudo e compreender as respostas tendo em vista encontrar possíveis relações. Dessa análise foi feita o devido estudo dos resultados e posteriormente retiradas as conclusões.

Em termos de estatística descritiva apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências e gráficos ilustrativos das distribuições de valores verificadas. As variáveis medidas em escala de Likert foram analisadas através das categorias apresentadas, enquanto que as variáveis quantitativas foram analisadas a partir dos valores medidos, apresentando-se alguns dados relevantes, abordados por Guimarães e Sarsfield Cabral (2010), como a média, para as questões numa escala de 1 a 10, um valor superior a 5,5 é superior ao ponto intermédio da escala, o desvio padrão que representa a dispersão absoluta, o coeficiente de variação que ilustra a dispersão relativa, os valores mínimos e máximos observados, e gráficos ilustrativos dos valores médios das respostas dadas às várias questões.

Instrumento de recolha de dados

Para a recolha de dados foi utilizado um questionário respondido por 85 participantes das várias edições da Orquestra Jovem da União Europeia.

Processo de validação do questionário

O questionário foi, numa primeira fase, apresentado aos diretores da Orquestra Jovem da União Europeia. Nessa fase foi proposto que o questionário fosse respondido pelos participantes das edições mais recentes, dos anos de 2020, 2021 e 2022. No entanto, compreendeu-se que devido à pandemia da Covid-19, o ano de 2020 não deveria ser considerado porque foi um ano atípico no habitual funcionamento de uma edição da Orquestra Jovem da União Europeia. Assim, excluímos a edição de 2020, substituindo-a pela edição do ano de 2019. Nesse sentido, começámos por enviar o questionário aos participantes destas três edições. Ainda nessa fase, a Orquestra Jovem da União Europeia colaborou na divulgação do questionário por todos os membros dessas três edições.

Numa segunda fase, foi utilizado o método de bola de neve, através dos contactos do autor do estudo.

Numa terceira fase, compreendeu-se que a amostra inicial das três edições não seria suficiente, pelo que se estendeu o estudo para os participantes das edições de 2013, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018, perfazendo uma década (excluindo o referido ano de 2020). O ano de 2013 marcava a entrada da Croácia na União Europeia, pelo que os músicos croatas foram os últimos a ingressar na Orquestra Jovem da União Europeia e também foram incluídos neste estudo. Paralelamente, considerámos ser importante contar com o contributo de participantes do Reino Unido neste estudo, isto porque foram participantes desde o início e, ao longo da revisão de literatura, constatou-se a sua importância na concretização do projeto da Orquestra Jovem da União Europeia.

Procedimentos:

Relativamente aos procedimentos de aplicação do questionário, é importante mencionar que de acordo com a linha temporal referida, de 2013 a 2018, contávamos 28 países Estados-membros da União Europeia o equivalente ao número de países participantes na Orquestra Jovem da União Europeia. De 2020 a 2022 passaríamos a ter 27 países na União Europeia, considerando a saída do Reino Unido. Para a aplicação do questionário procurámos incluir o maior número de participantes possível. Por um lado, queríamos uma amostra que tivesse uma grande diversidade ao nível das edições de participação na Orquestra Jovem da União Europeia, por outro, que incluísse o maior número de nacionalidades possível. Numa segunda dimensão de preocupação, pareceu-nos importante que, tratando-se de uma orquestra, seria relevante encontrar participantes das várias famílias de instrumentos musicais.

Por outro lado, tendo os responsáveis da Orquestra mostrado uma preocupação com a igualdade de género na seleção dos participantes da Orquestra, tentámos ter uma amostra equilibrada em relação ao género.

Tendo em consideração todos estes fatores, foram obtidas e validadas 85 respostas ao questionário, que serão analisadas seguidamente.

Análise do Estudo

Caracterização da amostra

No presente estudo participaram 85 músicos de mais de 22 Estados-membros da União Europeia e das edições anteriormente mencionadas. Não obtivemos resposta de pessoas da Estónia, Grécia, Malta, Roménia, Eslovénia e Eslováquia.

Apresentação e Análise dos resultados

Os dados foram recolhidos entre os dias 5 de abril e 24 de maio de 2023.

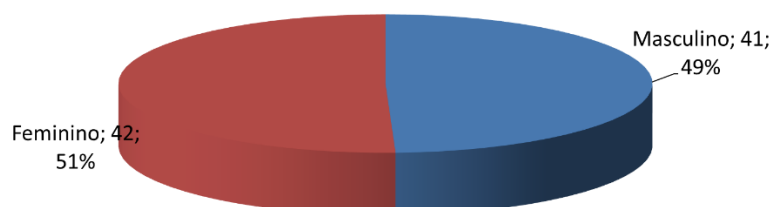
Informação Pessoal

Para uma melhor compreensão dos dados recolhidos, procurou-se pedir algumas informações pessoais aos participantes. Foi pedido que indicassem o seu género, o instrumento musical que tocam, a nacionalidade, o nível de estudos, a participação prévia em algum intercâmbio europeu e o ano de participação na Orquestra Jovem da União Europeia.

Género

Na presente amostra, 51% são do género feminino e 49% são do género masculino. Isso equivale a uma amostra de 42 pessoas que são do género feminino e 41 pessoas do género masculino. De salientar que duas pessoas não responderam à questão do género.

Figura 1: Género



Instrumento musical

As respostas apresentadas são relativas aos instrumentos musicais que tocam os músicos que participaram em edições da Orquestra Jovem da União Europeia. Duas pessoas não responderam à questão do instrumento musical. Na presente amostra, das respostas válidas, relativamente ao Instrumento Musical: 22,9% responderam “Violino”, 14,5% responderam “Viola”, 12,0% responderam “Contrabaixo”, 9,6% responderam “Violoncelo”, 7,2% responderam “Clarinete”, 6,0% responderam “Fagote”, 6,0% responderam “Flauta”, 4,8% responderam “Trompete”, 3,6% responderam “Oboé”, os instrumentos “Trombone Baixo”, “Trompa” e “Percussão” obtiveram 2,4% cada, e os instrumentos “Fagot”, Hautbois, Timpano e Percussão, Trombone e Tuba são indicados por 1,2% cada.

Tabela 1: Instrumentos

	N	%
Trombone baixo	2	2,4
Fagote	5	6,0
Violoncelo	8	9,6
Clarinete	6	7,2
Contrabaixo	10	12,0
Fagote	1	1,2
Flauta	5	6,0
Trompa	2	2,4
Hautbois	1	1,2
Oboé	3	3,6
Percussão	2	2,4
Tímpano e		
Percussão	1	1,2
Trombone	1	1,2
Trompete	4	4,8
Tuba	1	1,2
Viola	12	14,5
Violino	19	22,9
Total	83	100,0

Nacionalidade:

Relativamente à nacionalidade, dividiremos em três grupos de resposta. No primeiro grupo, todas as nacionalidades que superaram o valor de 10% na resposta, no segundo grupo todas as nacionalidades que têm um valor de resposta entre os 5% e os 9,9% e um terceiro grupo com um valor de resposta entre os 1,2 e os 4,9%.

No primeiro grupo e com um valor percentual superior a 10%: cerca de 18,1% dos inquiridos afirmaram serem espanhóis e 15,7% são italianos.

No segundo grupo e com um valor percentual entre os 5% e os 9,9%: cerca de 9,6% dos inquiridos são portugueses, 7,2% são holandeses, 7,2% são alemães, 6,0% são britânicos. É preciso considerar que um dos inquiridos afirmou ter dupla nacionalidade, Português/Irlandês, ou seja, se incluirmos esta resposta no grupo daqueles que responderam apenas “português”, então, os portugueses passariam automaticamente para o primeiro grupo.

Por fim no terceiro grupo e com um valor percentual entre os 1,2% e os 4,9%: cerca de 3,6% dos inquiridos são franceses, 3,6% dos inquiridos são belgas. Depois, os croatas, os búlgaros, os irlandeses e os suecos são 2,4% cada um. Sendo que, os cipriotas, checos, finlandeses, húngaros, letões e lituanos são cerca de 1,2%. Ainda referir que três pessoas afirmaram ter dupla nacionalidade e um outro caso que respondeu com a sua região e só depois a sua nacionalidade.

Tabela 2: Nacionalidades

	N	%
Austríaco	2	2,4
Belga	3	3,6
Britânico	5	6,0
Búlgaro	2	2,4
Croata	2	2,4
Cipriota	1	1,2
Checo	1	1,2
Dinamarquês	1	1,2
Holandês/		
Luxemburguês	1	1,2
Holandês	6	7,2
Finlandês	1	1,2
Francês	3	3,6
Galego (Espanha)	1	1,2
Alemão	6	7,2
Alemão/ Suíço	1	1,2
Húngaro	1	1,2
Irlandês	2	2,4
Italiano	13	15,7
Letões	1	1,2
Lituano	1	1,2
Polaco	3	3,6
Português	8	9,6
Português/ Irlandês	1	1,2

	N	%
Espanhol	15	18,1
Sueco	2	2,4
Total	83	100,0

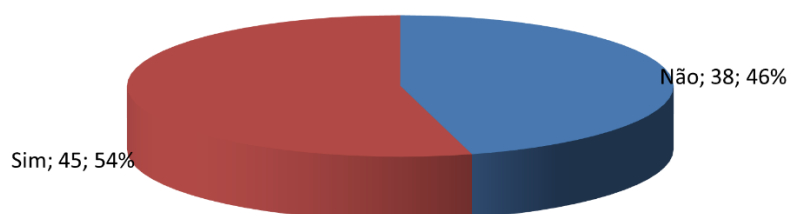
Nível de Estudos

Relativamente ao nível de estudos, 3,5% responderam ter completado o nível secundário, 28,2% responderam ter uma licenciatura, 67,1% responderam ter mestrado e 1,2% responderam ter um doutoramento como nível de estudos.

Participou previamente em algum projeto de intercâmbio europeu?

Oitenta e três pessoas responderam a esta questão e duas pessoas não responderam. Considerando as respostas válidas, 54,2% tinham participado num programa de intercâmbio europeu, que pode incluir o ERASMUS, antes de se candidatar à Orquestra Jovem da União Europeia e 45,8% nunca tinham participado num programa de intercâmbio europeu.

Figura 2: Participou previamente em algum projeto de intercâmbio europeu?



Ano de participação na Orquestra Jovem da União Europeia

Cerca de 10,6% dos inquiridos participou na edição de 2013; 4,7% na edição de 2014; 2,4% na edição de 2015; 4,7% na edição de 2016; 2,4% na edição de 2017; 3,5% na edição de 2018; 28,2% na edição de 2019; 12,9% na edição de 2021 e, por fim, 30,6% participou na edição de 2022.

Tabela 3: Anos de participação na EUYO

	N	%
2013	9	10,6
2014	4	4,7
2015	2	2,4
2016	4	4,7
2017	2	2,4
2018	3	3,5
2019	24	28,2
2021	11	12,9
2022	26	30,6
Total	85	100,0

Descrição dos participantes da EUYO e o contexto do Estudo

Durante a fase de recolha de respostas para o questionário, procurou-se alcançar o maior número de respostas possíveis dentro dos padrões estabelecidos para a amostra. Ao mesmo tempo, procurou-se ter atenção a fatores como o género, o ano de participação na Orquestra e a nacionalidade. Acabariam por ser considerados outros fatores que tornaram também a presente investigação singular como o instrumento musical do participante, ou a participação prévia num projeto de intercâmbio europeu. Tendo procurado uma amostra o mais eclética possível, pretendeu-se torná-la a mais diversificada e objetiva possível.

Por outro lado, é importante realçar que a amostra poderá sugerir que haja uma taxa maior de respostas quanto mais recente for a participação na Orquestra Jovem da União Europeia. No entanto, devemos afastar de imediato essa premissa, pelo facto de a recolha de respostas para o questionário ter sido feita em duas fases distintas, como tal consideramos que isso possa ter afetado a amostra. Na primeira fase, o estudo estava delineado para cobrir os anos de participação na Orquestra Jovem da União Europeia das edições de 2019, 2021 e 2022. Numa segunda fase, tal seria estendido para a obtenção de respostas dos anos de 2013 a 2018. Nesse sentido, é importante considerar que foram contabilizadas 61 respostas correspondentes às edições da Orquestra Jovem da União

Europeia de 2019, 2021 e 2022. Por outro lado, foram contabilizadas apenas 24 respostas correspondentes às edições da Orquestra Jovem da União Europeia de 2013 a 2018. No futuro, poderá ser interessante considerar a hipótese sugerida de que quanto mais recente a participação neste projeto, maior a adesão a um estudo desta natureza. No mesmo sentido, será importante continuar a aplicar o questionário aos jovens participantes da Orquestra Jovem da União Europeias das edições subsequentes à de 2022. Compreender as tendências de resposta, as possíveis variações ou as diferenças entre género, nacionalidade ou participação prévia em algum programa de intercâmbio europeu poderá dar um contributo importante para o trabalho desenvolvido pela Orquestra e pelo cumprimento dos seus objetivos estruturais.

Relativamente ao género, foi conseguida uma amostra equilibrada, com 42 respostas do género feminino e 41 respostas do género masculino. Este dado foi particularmente importante, na medida em que a Orquestra demonstra uma preocupação pelo equilíbrio entre géneros e oportunidades. Esta preocupação foi simultaneamente expressa nas entrevistas a Peter Stark e Marshall Marcus e foi encontrada expressa no site da Orquestra Jovem da União Europeia. Foi, por isso, desde o princípio da recolha da amostra, um fator em consideração para a verificação dos dados posteriormente.

Relativamente às nacionalidades dos participantes na Orquestra que responderam ao questionário, foram obtidas respostas de participantes de cerca de 21 nacionalidades diferentes de dentro da União Europeia, mais do Reino Unido. Por isso valerá a pena referir que se obteve cinco respostas do Reino Unido, três de músicos da edição de 2013, um músico da edição de 2016 e outro músico da edição de 2017. Por outro lado, é relevante salientar que três pessoas que responderam ao questionário afirmaram ter dupla nacionalidade, entrando por isso, numa das respostas a Suíça, embora esta não faça parte da União Europeia. É necessário igualmente referir que não conseguimos obter resposta de participantes da Estónia, Grécia, Malta, Roménia, Eslovénia e Eslováquia. Será sem dúvida uma das lacunas da presente dissertação e que pretende ser corrigida com o aperfeiçoamento do estudo e com a continuação da possível aplicação do questionário no futuro. Simultaneamente, uma pessoa recusou-se a responder ao questionário, justificando que as informações pessoais solicitadas, embora sendo anónimas, dariam para entender perfeitamente quem era pessoa e como tal não se sentiria confortável nesse exercício. Nesse sentido, embora tendo sido uma situação isolada, poderemos considerar como uma potencial lacuna um músico de um país mais pequeno da União Europeia, ou

que toque um instrumento musical que não seja muito requisitado em termos de número de instrumentistas numa Orquestra Sinfónica (ex. instrumentos de sopros ou de metal), possa sentir-se exposto num questionário desta natureza.

No estudo elaborado foram obtidas mais respostas por parte de espanhóis e italianos, que juntos ocupam cerca de 35% das respostas ao questionário. Este dado seria mais tarde corroborado na entrevista a Peter Stark que destacava a massiva participação de italianos e espanhóis. Em sentido contrário várias nacionalidades ficaram apenas representadas por uma única resposta, são exemplos disso: Chipre, República Checa, Dinamarca, Finlândia, Hungria, Letónia e Lituânia. Se, por exemplo, considerarmos a noção de Europa do Sul que recentemente foi utilizada para a Cimeira dos Países do Sul da União Europeia que envolveu os países do arco do mediterrâneo no fim de 2022, aqui consideramos: Portugal, Espanha, França, Itália, Grécia, Chipre, Malta, Eslovénia e Croácia. Destes países não foram obtidas respostas de Malta, Grécia e Eslovénia, ainda assim, a Europa do Sul ocupa 53% do número de respostas obtidas. Nesse sentido, apesar do primeiro indicador apontar para uma grande desproporcionalidade no número de respostas de italianos e espanhóis, se compararmos entre Europa do Sul e Europa do Norte, acaba por existir um certo equilíbrio na amostra.

No entanto, se considerarmos com os países que entraram na União Europeia desde 2004, lembrando que o último país entrou em 2013, contamos com mais 13 países, praticamente metade do número total de países da União Europeia. Desses 13 países não contamos com respostas provenientes da Eslovénia, Estónia, Roménia, Malta e Eslováquia. Ou seja, de todos os países que não conseguimos obter respostas para este questionário, apenas a Grécia entrou na União Europeia antes de 2004. Este dado poderá ser particularmente relevante para considerar o peso da integração dos participantes destes novos países dentro da Orquestra Jovem da União Europeia. Se considerarmos o peso estatístico total dos países que entraram desde 2004, obtemos o resultado de 14,4%. Se existe um equilíbrio entre o Norte e o Sul da Europa na representatividade da amostra, esse dado muda consideravelmente se tivermos em conta os países que entraram na União Europeia a partir de 2004, com os países que entraram antes de 2004. Poderá existir um número de razões muito grande para tal. A esse respeito, Peter Stark dava exemplos de alguns países não terem orquestras juvenis, orquestras profissionais ou falta de instituições de ensino da música. Esse dado dificultaria o processo de recrutamento e de equilíbrios na Orquestra Jovem da União Europeia. Será interessante nos próximos anos ver como é que este

indicador se desenvolverá, poderá ser particularmente relevante para o processo de integração europeia destes países.

Por outro lado, não sendo um dos critérios mais importantes na elaboração deste estudo, não deixa de ser importante fazer uma discriminação das respostas pelos instrumentos musicais dos músicos que responderam ao questionário. Sendo o violino o instrumento que tem o maior número de instrumentistas numa orquestra sinfónica, não é estranho ser o instrumento que apareceu no maior número de respostas ao questionário, 19. Sendo por isso representativo de 22,9% do número total de respostas ao questionário. No entanto, em sentido inverso, foi apenas obtida a resposta de um único fagotista o que é menos do que habitualmente são apresentados numa Orquestra Sinfónica. Um dado curioso foi a obtenção de mais respostas de contrabaixistas do que violoncelistas, uma vez que numa Orquestra Sinfónica existem mais violoncelistas do que contrabaixistas. Numa outra perspetiva, foram obtidas 49 respostas de instrumentistas de cordas (Violino, Viola, Violoncelo e Contrabaixo), 31 respostas de instrumentistas de sopros (Flauta, Clarinete, Oboé, Fagote, Trompa, Trompete, Trombone e Tuba), três respostas de instrumentistas de percussão sendo que dois dos participantes não responderam ao item do instrumento musical.

A participação prévia em algum intercâmbio europeu foi desde o princípio um critério que gostaríamos de analisar. Porque seria importante compreender se haveria alguma oscilação nas respostas entre quem tinha participado previamente em algum tipo de intercâmbio europeu, ou se ao participar na Orquestra Jovem da União Europeia estivesse a cumprir o seu primeiro programa de intercâmbio. Conseguimos uma representatividade equilibrada entre quem participou previamente em algum tipo de intercâmbio europeu e quem nunca tenha participado até integrar a Orquestra. Apesar disso não foi registada uma oscilação relevante que permitisse retirar conclusões para o questionário.

Este dado lança uma hipótese para o debate: a participação na Orquestra Jovem da União Europeia poderá não ser determinante para alterar a opinião do participante sobre a União Europeia nem sobre o seu país, mas poderá ser relevante para a construção de uma cultura de unidade na diversidade.

Parte 2. Opinião dos participantes que integraram a Orquestra Jovem da União Europeia:

Descrição do Questionário para os participantes da EUYO

Após a compreensão mais aprofundada da estrutura da amostra recolhida e dos vários critérios, parece-nos também relevante aprofundar a estrutura das 20 questões colocadas aos participantes na Orquestra e que estavam convidados a classificar quanto à sua concordância ou discordância com as mesmas. Podemos começar por dividir as 20 questões em dois grandes grupos. As primeiras 11 perguntas fariam parte de um primeiro grupo de perguntas que tenta compreender a cidadania europeia e o sentimento de pertença à União Europeia dos participantes no questionário. As últimas nove perguntas do questionário são questões concretas para classificar a Orquestra Jovem da União Europeia num sentido de compreendê-la como um símbolo, ou não, da União Europeia. Dentro do primeiro grupo, é possível dividi-lo em dois subgrupos importantes para a concretização do questionário. O primeiro subgrupo seriam as seis primeiras questões do questionário em que se tenta compreender a relação do participante da Orquestra com a União Europeia enquanto cidadão. O segundo subgrupo seriam as cinco últimas questões em que se tenta perceber o conhecimento das instituições europeias e do dia-a-dia da União Europeia. Esta divisão, sendo propositada, levantava desde logo quatro hipóteses de estudo:

H1 - O participante da Orquestra Jovem da União Europeia pode ter um elevado sentimento de pertença à União Europeia enquanto cidadão e ter um conhecimento aprofundado das instituições europeias e do seu funcionamento.

H2- O participante da Orquestra Jovem da União Europeia pode ter um elevado sentimento de pertença à União Europeia enquanto cidadão e não ter um conhecimento aprofundado das instituições europeias e do seu funcionamento.

H3- O participante da Orquestra Jovem da União Europeia pode não ter um sentimento de pertença à União Europeia enquanto cidadão e ter um conhecimento aprofundado das instituições europeias e do seu funcionamento.

H4- O participante da Orquestra Jovem da União Europeia pode não ter um sentimento de pertença à União Europeia enquanto cidadão e também não ter um conhecimento aprofundado das instituições europeias e do seu funcionamento.

Pelos dados obtidos, perceber-se-á que o participante da Orquestra Jovem da União Europeia tende a demonstrar um expressivo sentimento de pertença à União Europeia e isso é amplamente visível nos resultados às afirmações, mas um menor conhecimento das instituições europeias. O resultado aproxima-se mais da hipótese número 2. Ou seja, poderá depreender-se que o sentimento de pertença à União Europeia, expresso nos resultados obtidos, não está associado a um conhecimento aprofundado das instituições europeias.

No segundo grupo do questionário, ou seja, da questão número 12 até à questão 20, todas são relacionadas concretamente com a Orquestra Jovem da União Europeia. Neste segundo grupo, não fazemos nenhum exercício de divisão em duas partes. No entanto, compreendem-se os objetivos pretendidos com este segundo grupo: a relação da Orquestra Jovem da União Europeia com a formação de cidadãos da União Europeia.

A afirmação nº 12 só pode ser compreendida à luz das afirmações nº 13 e 15. Ou seja, se a Orquestra Jovem da União Europeia forma cidadãos da União Europeia, isso acontecerá de acordo com um determinado enquadramento de valores que a Orquestra e a União Europeia terão.

Ao nível dos valores da Orquestra Jovem da União Europeia e dos da União Europeia, achou-se por bem dividi-los em duas questões: Por um lado, queríamos perceber se a Orquestra partilha os valores da União Europeia e, seguidamente, se para além de os partilhar, a Orquestra representa os valores da União Europeia. Nesse sentido, será que poderemos considerar a Orquestra Jovem da União Europeia como um símbolo da União Europeia, sendo para colocada a afirmação nº 14: *“A Orquestra Jovem da União Europeia é um símbolo da União Europeia.”*

As afirmações nº 16 e 17 acabam por estar interligadas entre si, pela relação entre a identidade da União Europeia e o seu ideal, unidade na diversidade. Por um lado, pareceu-nos relevante compreender se de alguma forma a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia, e nesse sentido será que a Orquestra Jovem da União Europeia representa a ideia de unidade na diversidade. A afirmação nº 18 mede o impacto da Orquestra dentro da União Europeia a partir da opinião dos seus participantes.

Por fim, a afirmação nº 19 tenta compreender o impacto que um projeto como o da Orquestra Jovem da União Europeia tem para o participante e a questão nº 20 direciona-se para o impacto que projetos como este têm para a integração europeia.

Esta explicação prévia nesta secção é fundamental para compreender tanto o teor das respostas como para evitar a ideia de uma certa repetição das perguntas durante o questionário.

Da análise dos dados, podemos constatar que na maioria das afirmações colocadas existe uma concordância com a afirmação feita. No entanto, existem duas exceções: “3- *Sou cético em relação à União Europeia*” e “11- *A União Europeia é apenas um mercado único e livre*”. Nestas duas questões, houve uma prevalência de respostas discordantes com a afirmação colocada.

Ao estabelecer a divisão do questionário em dois grupos distintos compreende-se que as sete questões que obtiveram uma classificação média superior pertencem a este segundo grupo. Ou seja, existe uma maior concordância com as afirmações específicas sobre o impacto da Orquestra Jovem da União Europeia do que em relação ao primeiro grupo de questões que aborda o sentimento de pertença à União Europeia e o conhecimento sobre as instituições europeias. Como tal, uma das hipóteses que começa a confirmar-se a partir deste ponto é a de que apesar de existirem níveis de conhecimento das instituições europeia diferentes, assim como níveis de pertença à União Europeia distintos, existe uma maior concordância com a relevância da Orquestra Jovem da União Europeia. Como tal, é possível não ter um sentimento de pertença à União Europeia substantivo, e ainda assim considerar a Orquestra Jovem da União Europeia como um elemento positivo para a União Europeia.

As sete respostas que obtiveram as maiores médias são principalmente significativas para as conclusões desta dissertação e dão pistas muito seguras sobre os objetivos propostos. As afirmações nº 18, 16, 14, 20, 17, 15 e 13 oscilam entre uma média de 8,94 e 8,70 de 1 a 10 na escala de Likert. Todas estas afirmações são referentes ao papel da Orquestra Jovem da União Europeia e estão no segundo grupo do conjunto das 20 afirmações.

Deste segundo grupo relativo à Orquestra, ficariam de fora das afirmações com pontuações mais elevadas, sendo apenas duas: a nº 12 e a nº 19.

Análise e Discussão dos Resultados

No estudo, existiu uma tendência de concordância para 18 das 20 afirmações e duas afirmações mostraram uma tendência discordante, como demonstrado abaixo na Tabela n.º 4. Dentro da tendência para concordar, existem vários graus que devem ser distinguidos. Nesse sentido dividiremos em três grupos. As afirmações que tiveram um valor médio superior a 8,70, as afirmações que demonstraram uma tendência de concordância, mas abaixo do valor médio de 8,70, e as afirmações que demonstraram uma tendência discordante. No primeiro grupo e com as médias mais elevadas ficaram: “18- A Orquestra Jovem da União Europeia tem um impacto positivo dentro da União Europeia” (M=8,94), “16- A Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia” (M=8,89), “14- A Orquestra Jovem da União Europeia é um símbolo da União Europeia” (M=8,86), “20- Projetos como a Orquestra Jovem da União Europeia ajudam o processo de integração europeia” (M=8,83), “17- A Orquestra Jovem da União Europeia representa o moto: "Unidade na Diversidade" (M=8,81), “15- A Orquestra Jovem da União Europeia representa os valores da União Europeia” (M=8,73), “13- A Orquestra Jovem da União Europeia partilha os valores da União Europeia” (M=8,70).

No segundo grupo, com tendência de concordância, mas abaixo da Média de 8,70: “6- Sinto-me um cidadão da União Europeia” (M=8,44), “9- A União Europeia tem futuro” (M=8,15), “2- Considero-me um Europeísta” (M=8,14), “4- As eleições europeias são importantes.” (M=8,01), “5- Vou votar nas próximas eleições europeias” (M=7,89), “10- A Cultura e a Arte são valorizadas na União Europeia” (M=7,63) e “12- A Orquestra de Jovens da União Europeia forma cidadãos da União Europeia” (M=7,52), seguido por “1- Sinto-me satisfeito com a Democracia no meu país” (M=6,99), seguido por “7- Conheço as instituições mais importantes da União Europeia” (M=6,55), seguido por “8- Sinto-me bem informado em relação à União Europeia” (M=6,02) e “19- A minha visão da União Europeia mudou com a participação na Orquestra Jovem da União Europeia” (M=5,87), afirmações que têm um valor superior ao ponto intermédio da escala, o que significa concordância com as afirmações.

No terceiro grupo, onde o valor médio de frequência diminui para uma predisposição para discordar estão as afirmações: “11- A União Europeia é apenas um mercado único e livre” (M=4,07) e “3- Sou cético em relação à União Europeia” (M=3,45). Estas duas afirmações têm o valor mais baixo em relação ao conjunto de todas as afirmações.

Tabela 4: Opinião dos participantes

	N	M	SD	VC	Min	Max
1- 1-Sinto-me satisfeito com a Democracia no meu país.	85	6,99	2,70	39%	1	10
2- Considero-me um Europeísta.	85	8,14	2,21	27%	1	10
3- Sou cético em relação à União Europeia.	85	3,45	2,49	72%	1	10
4- As eleições europeias são importantes.	84	8,01	1,91	24%	1	10
5- Vou votar nas próximas eleições europeias.	84	7,89	2,62	33%	1	10
6- Sinto-me um cidadão da União Europeia.	85	8,44	2,17	26%	1	10
7- Conheço as instituições mais importantes da União Europeia.	85	6,55	2,23	34%	1	10
8- Sinto-me bem informado em relação à União Europeia.	85	6,02	2,08	35%	1	10
9- A União Europeia tem futuro.	84	8,15	1,95	24%	2	10
10- A Cultura e a Arte são valorizadas na União Europeia.	84	7,63	1,49	19%	4	10
11- A União Europeia é apenas um mercado único e livre.	84	4,07	2,13	52%	1	10
12- A Orquestra de Jovens da União Europeia forma cidadãos da União Europeia.	83	7,52	2,29	30%	1	10
13- A Orquestra Jovem da União Europeia partilha os valores da União Europeia.	84	8,70	1,57	18%	3	10
14- A Orquestra Jovem da União Europeia é um símbolo da União Europeia.	85	8,86	1,61	18%	4	10
15- A Orquestra Jovem da União Europeia representa os valores da União Europeia.	84	8,73	1,90	22%	3	10
16- A Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia.	82	8,89	1,63	18%	3	10
17- A Orquestra Jovem da União Europeia representa o moto: "Unidade na Diversidade".	85	8,81	1,64	19%	3	10
18- A Orquestra Jovem da União Europeia tem um impacto positivo dentro da União Europeia.	83	8,94	1,61	18%	2	10
19- A minha visão da União Europeia mudou com a participação na Orquestra Jovem da União Europeia.	84	5,87	2,89	49%	1	10
20- Projetos como a Orquestra Jovem da União Europeia ajudam o processo de integração europeia.	84	8,83	1,89	21%	1	10

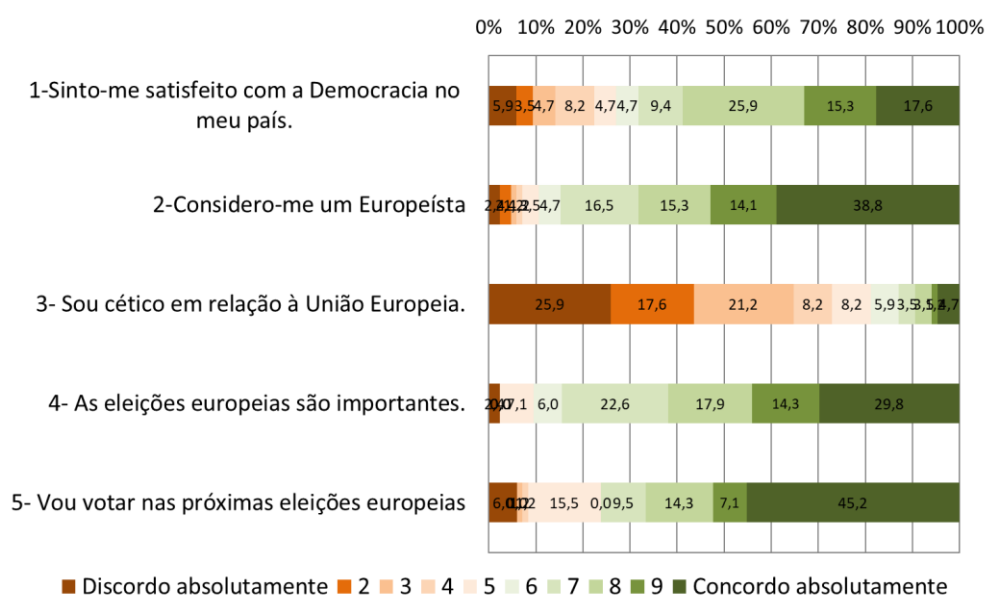
Como uma primeira impressão para a discussão de resultados, poderá dizer-se que de uma forma geral, em média, os participantes concordaram com a grande maioria das afirmações e discordaram de um número bastante residual. Isto é, concordaram, em diferentes graus, com 18 questões e discordaram de duas questões, questões essas, diga-se, diminutivas da UE, logo talvez a tendência registada para a resposta discordante.

Começando pelas afirmações com que discordaram, é possível começar a traçar um perfil de respostas. A discordância nas afirmações “11- A União Europeia é apenas um mercado único e livre” e “3- Sou cético em relação à União Europeia” começam por afastar totalmente a hipótese de uma União Europeia como apenas um mercado único e livre. Ou seja, a União Europeia é mais do que isso, parece ser esse o entendimento da maioria considerável da amostra. Por outro lado, o perfil de resposta dos participantes neste estudo afasta-se consideravelmente da ideia de um ceticismo face à União Europeia. Contudo,

apesar da média da afirmação nº 11 ser ligeiramente superior à média da afirmação nº 3, existem mais pessoas a estarem totalmente de acordo com a afirmação nº 3 do que com a nº11. Até se poderá afirmar de outra forma, 18,8% dos participantes do estudo são em algum grau céticos em relação à União Europeia, sendo que 4,7% dos inquiridos são totalmente céticos. Isto é, 16 participantes qualificaram a afirmação n.º 3 com pelo menos 6 na escala de Likert de 1 a 10, e quatro participantes desses 16 qualificaram a afirmação com 10. O grau de concordância com a afirmação nº 11 é ligeiramente inferior, sendo de 16,7%, dos quais 2,4% concorda totalmente com a afirmação.

Numa tendência diferente, a Figura 3 demonstra os resultados ao primeiro grupo de questões.

Figura 3: Opinião dos participantes: Da afirmação 1 à afirmação 5.



Em detalhe, a questão “1- Sinto-me satisfeito com a Democracia no meu país” obteve uma média de 6,99 na escala de Likert com cerca de 85 respostas. Os inquiridos tenderam a mostrar-se satisfeitos com a Democracia no seu país, cerca de 72,9% dos inquiridos concordou de alguma maneira com a afirmação. 17,6% dos inquiridos concordou totalmente com a afirmação. No entanto, 22,3% classificou a afirmação entre o 1 e o 4 na

escala de Likert, dando a entender que há uma inclinação a não estar satisfeito com a Democracia no seu país.

A afirmação “2- *Considero-me um Europeísta*” foi uma das questões que obteve uma média superior a 8 na escala de Likert, tendo obtido cerca de 8,14. Houve uma grande concordância com a afirmação por parte dos participantes do estudo, nesse sentido cerca de 89,4% tendeu a considerar-se como um Europeísta. 7,2% dos inquiridos classificou a afirmação entre o 1 e o 4 na escala de Likert, mostrando uma tendência para discordar da presente afirmação.

A afirmação “4- *As eleições europeias são importantes*” obteria uma média de resposta de 8,01. Sendo que consideramos que houve uma grande concordância com a afirmação, cerca de 90,6% dos inquiridos tenderam a concordar com a importância das eleições europeias. Um dos aspetos a salientar das respostas é que apenas 2,4% dos inquiridos considerou a resposta entre o 1 e o 4 na escala de Likert, sendo que 7% dos inquiridos classificou a afirmação com 5. Esta é a percentagem mais baixa em termos de discordância com a afirmação em todo o estudo.

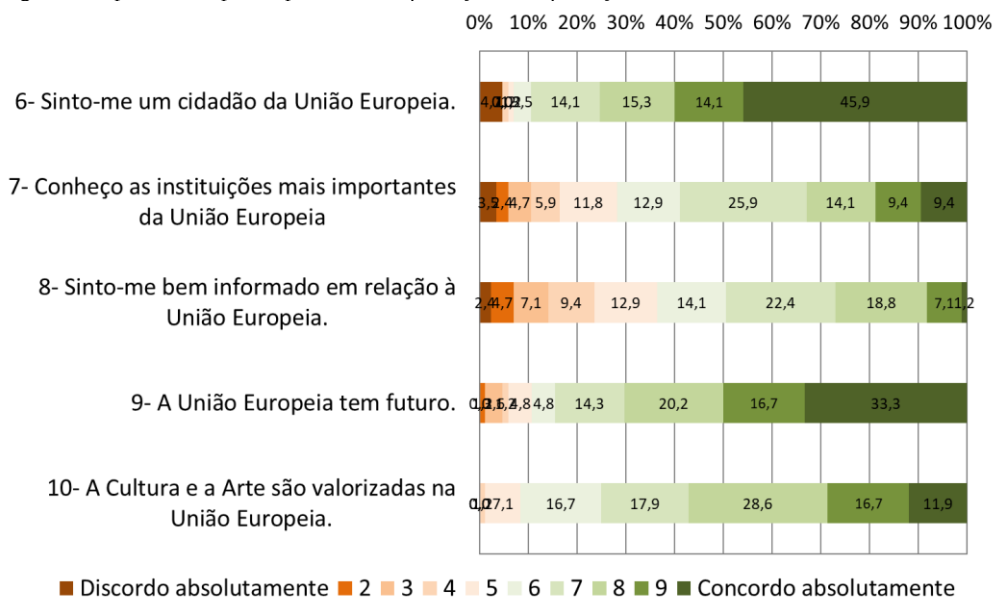
A afirmação “5- *Vou votar nas próximas eleições europeias*” deve ser analisada juntamente com a 4 sendo que, obteve uma média muito próxima desta última afirmação, com cerca de 7,89. Apesar de médias muito próximas, as distribuições na classificação foram muito diferentes. Desde logo 76,1% dos inquiridos inclinou-se a concordar com a afirmação, o que é uma mudança relativamente acentuada face ao número apresentado na afirmação 4. No entanto, apesar do número de inquiridos que tende a concordar com ambas as afirmações ter diminuído, o número de inquiridos que concordou totalmente com a afirmação, isto é, classificou-a com 10 na escala de Likert, foi cerca de 45,2%. Ao passo que na afirmação 4 tinham apenas concordado totalmente com a afirmação cerca de 29,8% dos inquiridos. Na afirmação 5, cerca de 15,5% classificaram com um 5 na escala de Likert, entendendo-se que poderá existir alguma indecisão. Para além disso, 8,4% dos inquiridos responder entre o 1 e o 4 dá a entender, em diferentes graus, que não pensam ir votar nas próximas eleições europeias.

A afirmação “6- *Sinto-me um cidadão da União Europeia*” teve uma média de resposta de cerca de 8,44. Uma expressiva maioria dos inquiridos tende a concordar com a afirmação, ou seja, cerca de 92,9%, dos quais 45,9% dos inquiridos tende a concordar totalmente com a afirmação, o que é quase o equivalente a metade dos inquiridos no

estudo. Ou seja, quase metade dos inquiridos sente-se totalmente um cidadão da União Europeia. Por outro lado, apenas 5,9% tenderam a discordar da afirmação, classificando-a entre o 1 e o 4 na escala de Likert.

Já em relação ao segundo grupo de questões, incluídas na Figura 4, a afirmação “7- Conheço as instituições mais importantes da União Europeia” obteve uma média de resposta de 6,55, sendo uma das respostas que obteria uma das médias mais baixas de todo o questionário, o que sugere uma falta de literacia sobre a União Europeia, o que é comum não apenas entre os jovens, mas pela generalidade dos cidadãos da UE. Cerca de 71,7% tendeu a concordar com a afirmação, no entanto apenas 9,4% concordou totalmente com a afirmação. Isto levanta uma questão curiosa: 45,9% dos inquiridos identifica-se plenamente como cidadão da União Europeia, no entanto, apenas 9,4% conhece completamente as instituições mais importantes da União Europeia, o que sugere uma separação de certo modo entre conhecimento da organização e identificação com a mesma. Por outro lado, 16,9% tende a discordar da afirmação e 11,8% dos inquiridos classificou a afirmação com 5 na escala de Likert.

Figura 4: Opinião dos participantes: Da afirmação 6 à afirmação 10.



No mesmo sentido, a afirmação “8- Sinto-me bem informado em relação à União Europeia” obteve igualmente uma das médias mais baixas de todo o questionário, cerca de 6,02. 63,6% dos inquiridos tendeu a concordar com a afirmação, no entanto, apenas

1,2% concordou completamente com a afirmação. 22,4% dos inquiridos classificou a afirmação com 7 na escala de Likert. Por outro lado, 23,6% tenderam a discordar da afirmação e, por isso, a considerarem que não estão bem informados em relação à União Europeia. Cerca de 12,9% classificaram a afirmação com 5.

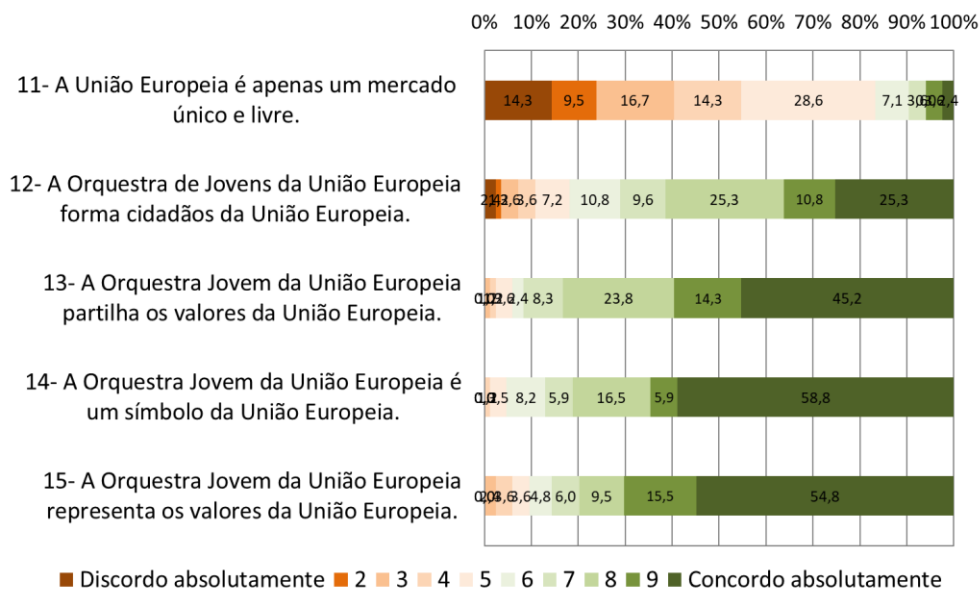
A afirmação “9- *A União Europeia tem futuro*” obteve uma média de 8,14. Há uma ideia expressa na grande maioria dos inquiridos de que a União Europeia tem futuro. Cerca de 89,5% dos inquiridos manifesta uma concordância com a afirmação, sendo que 33,5% concordaram absolutamente. Por outro lado, 6% dos inquiridos tendeu a discordar da afirmação, sendo que 4,8% classificaram a afirmação com 5 na escala de Likert.

Por fim, a afirmação “10- *A Cultura e a Arte são valorizadas na União Europeia*” teve uma média de resposta de 7,63. Apesar de não ser uma das respostas com maior média em todo o questionário, tem um dado relevante de mencionar: apenas 1,2% dos inquiridos tendeu a discordar desta afirmação e 7,1% classificou-a com 5 na escala de Likert. Ou seja, mesmo no universo de 18,8% de eurocéticos, existe quem considere que a Cultura e a Arte são valorizadas na União Europeia. 91,8% dos inquiridos tendeu a concordar com a afirmação, no entanto, apenas 11,9% concordou totalmente com a mesma.

Concretamente em relação à Orquestra (Figura 5), a questão “12- *A Orquestra de Jovens da União Europeia forma cidadãos da União Europeia*” obteria uma média de resposta de 7,52. Por um lado, 81,8% tendeu a concordar com a afirmação, isto é, terá classificado a afirmação com pelo menos um 6 na escala de Likert. No entanto, apenas 25,3% dos inquiridos concordou totalmente com a afirmação. Sendo que, cerca de 18% terá votado entre 1 a 5 na escala de Likert. Apesar de prevalecer uma ideia positiva de concordância relativamente à afirmação, não só existiu uma quebra no número de pessoas que tenderam a concordar com a afirmação, como houve, sobretudo, uma mudança significativa na intensidade com que se concordou com a afirmação 12. Ou seja, podemos concluir que a Orquestra Jovem da União Europeia é vista pelos seus participantes como um símbolo da União Europeia, que promove a sua identidade, que partilha e representa os seus valores,

mas não é considerada tão amplamente como capaz de formar cidadãos da União Europeia.

Figura 5: Opinião dos participantes: Da afirmação 11 à afirmação 15.



As afirmações nº 13 e 15 podem ser discutidas em conjunto, apesar de serem diferentes como foi previamente explicado. A afirmação nº 13 “*A Orquestra Jovem da União Europeia partilha os valores da União Europeia*” obteve uma média de resposta de 8,70 na escala de Likert. Ao passo que a afirmação nº 15 “*A Orquestra Jovem da União Europeia representa os valores da União Europeia*” obteve uma média de resposta de 8,73. A oscilação de valores é muito pouco significativa, o que levanta a possibilidade discutida previamente sobre os participantes terem observado nas duas questões uma certa repetição.

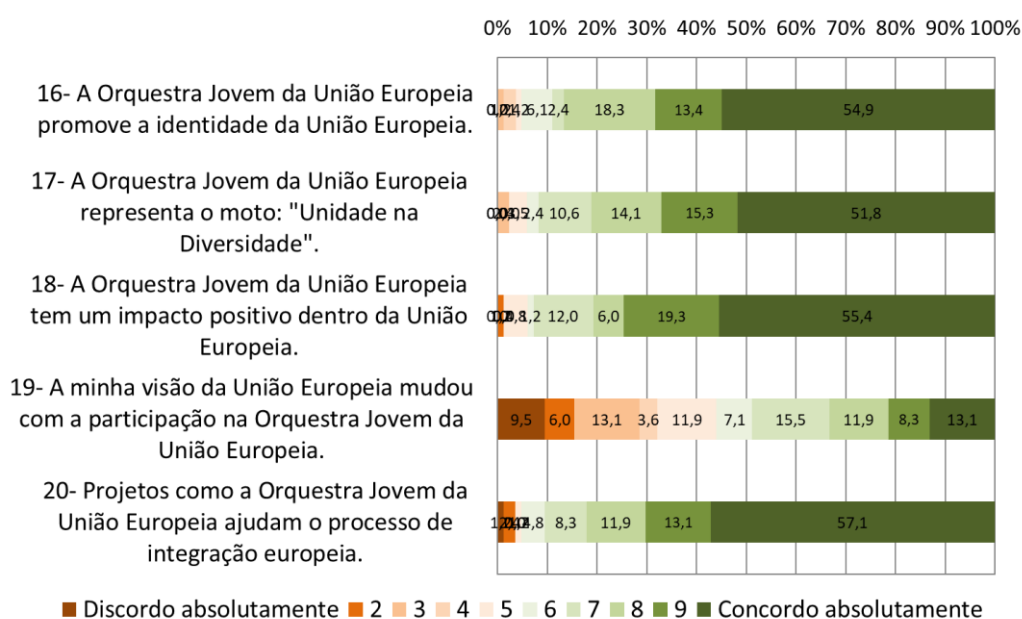
No entanto, apesar de a média de ambas as respostas indicar uma grande proximidade, a dispersão de respostas é significativa e vale a pena ter isso em consideração. Como tal, é relevante mencionar que 94% dos participantes mostraram uma predisposição a concordar com a questão nº 13 enquanto 90,6% dos participantes tenderam a concordar com a questão nº 15. A diferença entre as duas afirmações acentua-se mais entre aqueles que concordaram absolutamente com as duas afirmações, isto é, classificaram com 10 na escala de Likert. Se na afirmação nº 15 cerca de 54,8% dos participantes concordaram totalmente com a afirmação, na afirmação nº 13 essa percentagem desce significativamente para os 45,2%. Por isso, depreende-se que apesar de terem uma média

muito próxima a sua distribuição é efetivamente diferente. Em certo sentido, a concordância com a resposta nº15 e 13 acaba por ir ao encontro das palavras de Marshall Marcus, ao referir que a Orquestra Jovem da União Europeia deveria funcionar como um espelho daquilo que são os valores da União Europeia. (Marcus, 2023)

A afirmação nº 14 tenta compreender até que ponto a Orquestra Jovem da União Europeia poderá ser considerada um símbolo da União Europeia. Esta afirmação obteve a maior percentagem de concordância total em comparação com todas as 20 questões. Isto é, 58,8% dos inquiridos classificaram-na com 10 na escala de Likert. Mais do que isso, 95,3% tende a concordar com a afirmação. Se ao longo do estudo tínhamos visto que existia uma visão da Orquestra Jovem da União Europeia enquanto símbolo da União Europeia por parte dos políticos e da estrutura dirigente da Orquestra, estes resultados mostram um alinhamento quase total com os participantes das várias edições da Orquestra que participaram neste estudo.

A afirmação nº 16 (Figura 6) obteve a segunda pontuação média mais alta de todo o estudo, apenas atrás da afirmação nº 18. Ainda assim, vale a pena salientar que cerca de 95,1% dos inquiridos concorda que de alguma maneira a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia. 54,9% concorda totalmente com a ideia de que a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia. Salientar que apenas 4,8% dos inquiridos classificaram com menos de 6 na escala de Likert a afirmação nº 16. Este dado demonstra para já um elemento muito curioso, ou seja, apesar de termos 18,8% dos inquiridos que se consideram de alguma forma céticos em relação à União Europeia apenas 4,8% dos inquiridos tendem a não concordar com a ideia de que a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia. Ou seja, há céticos em relação à União Europeia que consideram que a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade da União Europeia.

Figura 6: Opinião dos participantes: Da afirmação 16 à afirmação 20.



Pelo analisado anteriormente, tanto nos capítulos I e II, compreendeu-se a ideia de uma União Europeia que adota o slogan, “Unida na Diversidade”, e que reconhece desde os seus primórdios que quer procurar a unidade europeia como forma de garantir a paz, mas que compreende a sua própria diversidade, que é uma das suas maiores características e que pode ser vista como uma força. Na entrevista realizada a Peter Stark, este descreve a Europa como a porção de terra relativamente pequena onde está concentrada a maior diversidade cultural do mundo inteiro. (Stark, 2023) Nesse sentido, se já tínhamos visto que os participantes no estudo acreditavam que a Orquestra Jovem da União Europeia promovia a identidade da União Europeia e se parte da identidade da União Europeia era o reconhecimento da procura da unidade compreendendo a sua diversidade, a resposta à afirmação nº 17 era fundamental para o presente estudo. Cerca de 94,2% dos participantes tendeu a concordar com a ideia de que a Orquestra Jovem da União Europeia representa o ideal “Unidade na Diversidade”, sendo que 51,8% inclina-se a concordar totalmente com esta ideia. Isto representa percentagens ligeiramente inferiores às afirmações discutidas anteriores, mas ainda assim com percentagens de concordância muito fortes.

A afirmação nº 18, foi aquela que obteve a maior média de resposta de todo o estudo. De acordo com a opinião dos participantes no estudo, a Orquestra Jovem da União Europeia tem um impacto positivo dentro da União Europeia. A classificação à afirmação nº 18 é de tal forma quase consensual que apenas 1,2% da amostra respondeu abaixo do valor de

5 na escala de Likert. Para além disso, 55,4% dos inquiridos atribuíram a máxima classificação a esta afirmação.

A questão “19- A minha visão da União Europeia mudou com a participação na Orquestra Jovem da União Europeia” foi a última a ter uma tendência de concordância por parte dos inquiridos, tendo obtido uma média de resposta de 5,87. De todos os inquiridos, 55,9% tenderam a concordar de alguma forma com a afirmação, sendo que apenas 13,1% concordaram totalmente com a afirmação. 44,1% de todos os inquiridos classificaram a afirmação entre 1 e 5 na escala de Likert. Apesar da média de resposta situar-se ligeiramente acima do 5,5 na escala de Likert, tanto a percentagem dos inquiridos que têm uma propensão a concordar com a afirmação, assim como a intensidade diminuiu. Ou seja, a participação na Orquestra Jovem da União Europeia tende a mudar a visão dos seus participantes sobre a União Europeia, mas tal não será a sua principal característica nem a principal conclusão deste estudo.

As respostas à afirmação nº 20 seriam também das mais importantes para compreender o impacto da Orquestra nos seus participantes. 95,2% dos participantes tende a concordar com a ideia de que projetos como o da Orquestra Jovem da União Europeia ajudam no processo de integração europeia. 57,1% concordam totalmente com esta ideia tendo atribuído um 10 na escala de Likert. Semelhante ao que vimos previamente, temos participantes que tendem a um certo ceticismo em relação à União Europeia, mas que concordam com a ideia de que projetos como o da Orquestra podem contribuir efetivamente para o processo de integração europeia, o que nos pode levar a uma questão maior de questionar se projetos como o da Orquestra podem, no limite, ajudar a combater o ceticismo em relação à União Europeia.

De salientar que tentou-se compreender se existiria algum tipo de relação entre a participação prévia em algum intercâmbio europeu e as afirmações da parte 2 do questionário. Não foi encontrada uma relação que fosse estatisticamente relevante de ser mencionada na presente análise. O mesmo seria testado em relação ao ano de participação na Orquestra Jovem da União Europeia, sem com isso ser encontrado algum tipo de relação estatística significativa que pudesse ajudar nas conclusões. Com uma base de dados mais abrangente poderemos, numa futura investigação, ter amostras mais

significativas e com resultados mais conclusivos em alguns aspetos, considerados relevantes na presente dissertação.

Conclusão

A presente dissertação pretendeu analisar a EUYO e o seu impacto dentro do espaço europeu, a sua relação com a integração europeia, a promoção da identidade europeia e a construção de um sentimento de pertença à União Europeia nos seus participantes.

A compreensão da identidade da União Europeia é algo que foi estando presente na mente dos decisores políticos europeus, e que foi expressa na Declaração de Copenhaga em 1973. Há uma procura de legitimidade que conseguisse atribuir um carácter de estabilidade por parte da Comunidade Económica Europeia, através do conceito de identidade, tal como definida pelo cientista político John McCormick. Por um lado, concebia-se a necessidade da sobrevivência do continente europeu, tendo como legitimidade a existência de um espaço civilizacional comum. Ao mesmo tempo, compreendia-se que a ideia inicial de uma integração económica que levaria à integração política não seria suficiente por si só.

Em 1974 dá-se a Cimeira de Paris que reúne os Estados-membros, na qual se considerou assinalável o processo de evolução da construção europeia e se evidenciou que o futuro passaria pela atribuição de direitos aos cidadãos dos Estados-membros. A ideia seria trabalhada ao longo dos anos e consubstanciar-se-ia no Tratado de Maastricht, pela criação da cidadania europeia que não se sobrepondo à cidadania nacional tinha a intenção de a complementar e, ao mesmo tempo, aproximar a União Europeia dos seus cidadãos. A cidadania europeia seria desenvolvida subsequentemente nos Tratados de Amesterdão e Lisboa. A cidadania atribui direitos específicos a todos os cidadãos da União Europeia, como o de residir em qualquer estado-membro. Olhando para a teoria construtivista e para Kauppi (2003), compreende-se a intenção por detrás deste passo, acreditando que através de símbolos e do poder discursivo se poderia continuar a desenvolver progressivamente o processo de integração europeia.

É possível olhar para a identidade da União Europeia, utilizando a divisão estabelecida por Pinto (2014) entre uma identidade política e uma identidade social. Definiu-se identidade social como a perceção ou sentimento de pertença à União Europeia, tanto de cada Estado-Membro, como de cada cidadão. Como tal, considera-se igualmente as características dos membros da União Europeia, tanto estados-membros como cidadãos e as suas particularidades. Ao mesmo tempo dentro da diversidade de Estados-membros,

reconhece-se um processo de influência mútua entre os Estados e as instituições europeias que têm impacto em ambos.

Por outro lado, a identidade política é o reconhecimento de um conjunto de valores políticos e sociais no qual todo o grupo se revê. Como tal, a própria filiação dos Estados-membros na União Europeia poderia ser considerada como elemento pertencente da sua identidade política. Ao pertencerem ao mesmo grupo, os Estados-membros aceitam um conjunto de normas, regras, princípios e papéis. A identidade política da União Europeia não é colocada em causa pelas identidades nacionais dos Estados-membros.

Compreendendo a necessidade de criação de uma identidade para o projeto europeu, seria necessário entender o papel da Cultura e das Artes nesse processo. Desde cedo ficou claro que o fim da Segunda Guerra Mundial resultaria numa mudança profunda na ordem internacional. Com a Europa em ruínas, houve um alinhamento da vontade política e da comunidade intelectual de procurar respostas que repensassem a vocação da Europa e o papel no mundo. Houve um entendimento que estas respostas teriam de vir do alinhamento da Cultura, Política e Economia.

Do alinhamento da vontade política com a procura intelectual, surgiram vários movimentos que pretendiam dar as respostas que a Europa e o mundo ansiavam. Destacou-se nesta dissertação a origem do Movimento Europeu, por considerarmos a mais relevante para o objeto de estudo: a Orquestra Jovem da União Europeia.

No alinhamento da Cultura, Política e Economia, caberia à Cultura reencontrar o Espírito Europeu. Esta procura pelo espírito europeu iria entusiasmar os intelectuais e políticos e nas discussões que foram tendo e que nos ajudam a compreender muitos sinais da realidade atual. Por exemplo, a divisa que começou a ser utilizada apenas no ano 2000, *Unida na Diversidade*, fazendo parte dos símbolos da União Europeia como o Hino, a Bandeira e o Dia da Europa, já tinha sido discutida pelos intelectuais europeus. Ou seja, já na segunda metade da década de 40 do século XX, compreendia-se que era necessário procurar a unidade na Europa, mas reconhecia-se que a diversidade estava presente. A diversidade era encarada simultaneamente como uma força e uma fraqueza, no sentido de poder ser um impedimento para avançar mais rapidamente na integração europeia. Este ponto é particularmente importante para a compreensão da Orquestra Jovem da União Europeia que procurou ao longo do tempo juntar jovens músicos de todos os países da União Europeia, precisamente vivendo esta unidade (de jovens músicos) na diversidade

(da história, cultura, língua e tradições dos seus respetivos países) e acabaria por acompanhar o processo de construção europeia até à atualidade.

As conclusões da *European Cultural Convention* em 1954 seriam importantes para começar a compreender o papel da Cultura e das Artes na construção da identidade europeia. No fundo, compreender-se-ia que a Cultura, a Arte e a herança europeia seriam os alicerces para a identidade europeia. O processo de fortalecimento da identidade europeia criaria uma maior legitimidade ao projeto europeu. Como tal, a Arte e a Cultura participavam ativamente no processo de legitimidade da Europa que saía arruinada da Segunda Guerra Mundial e que procurava restabelecer-se.

Apesar do reconhecimento da importância da Cultura desde o princípio das discussões para o futuro europeu, o papel que a Comunidade Económica Europeia teria na esfera da Cultura seria, no mínimo, muito tímido inicialmente. No fundo, as instituições europeias queriam apoiar os Estados-membros no sector da Cultura nos seus próprios territórios, com o objetivo de fazer a sua promoção e ajudar na sua preservação. Isto era o que estava previsto no Tratado da Comunidade Europeia. Este entendimento mudaria nos anos 70, nessa fase os decisores europeus entenderam que era necessário o desenvolvimento de uma política para a Cultura. Os decisores pretendiam a emergência de uma consciência europeia e estavam preocupados com uma eventual falta de legitimidade do projeto europeu. Os primeiros 25 anos do projeto europeu tinham sido marcados por um consenso permissivo, mas isso estava a alterar-se progressivamente e era cada vez mais difícil avançar no processo de decisão ao nível europeu.

Essa mudança de entendimento sobre o papel da Cultura seria contemplada em momentos como o da Declaração de Copenhaga, a Cimeira de Paris ou o Tratado de Maastricht. Nesse sentido, essa mudança de entendimento culminaria em ações como o Relatório Adonnino, as capitais europeias da cultura em 1985, os programas Caleidoscópio, o Raphael e o Ariane. Seria precisamente com essa mudança de entendimento quanto ao papel das instituições europeias relativamente à Cultura, que surgiria a primeira proposta para a criação de uma Orquestra de jovens europeia que partilhasse os valores europeus. Estes dois dados estão relacionados, sendo o êxito da aprovação da proposta para a criação de uma Orquestra de jovens europeia consequência da mudança de entendimento quanto ao papel das instituições europeias em relação à Cultura.

A ECYO foi fundada perante a circunstância da mudança de entendimento sobre o papel das instituições europeias face à sua intervenção na área cultural, pela influência britânica na realização da proposta, consumada pela entrada do Reino Unido na CEE e confirmada novamente pela persistência britânica nas várias fases do processo até à estreia da Orquestra em 1978, nomeadamente na fase crítica da recolha de financiamento para o projeto. Por um lado, os promotores da iniciativa queriam construir uma Orquestra que representasse os valores mais altos do projeto europeu e que incluísse todos os anos participantes de todos os Estados-membros. A Orquestra deveria ser um espelho daquilo que é a realidade do projeto europeu, como tal funcionar como um símbolo de uma Europa unida na diversidade. Por outro lado, a Orquestra deveria proporcionar aos participantes, uma experiência de cooperação, de formação de amizades e do respeito mútuo. Mais do que isso, a experiência na Orquestra deveria colocar os participantes a contactarem com Maestros conceituados, a atuarem nas mais prestigiadas cidades europeias, nas melhores salas de concerto, a interpretarem o repertório mais exigente da Música clássica.

Desde o princípio da ECYO que temos de olhar para estas duas dimensões do projeto: o caráter simbólico que representa para todo o projeto europeu e para aquilo que seria a experiência de uma vida para qualquer músico participante. Nesse sentido, a proposta para a criação de uma Orquestra europeia estava em linha com a ideia de reconhecimento de uma herança comum europeia, expressa na Declaração de Copenhaga. No entanto, mais do que isso, a experiência de intercâmbio seria feita tendo como fundamento a preservação da herança comum, mas também acreditando que o contacto com a mesma serviria o objetivo proposto: formar uma nova geração desperta para a consciência europeia. Estávamos perante a confirmação da ideia de Caligaro (2014) discutida no II capítulo: a Orquestra Jovem da União Europeia, tendo em conta a sua matriz, missão e objetivos, foi concebida para fortalecer a identidade da União Europeia.

O percurso histórico da ECYO que mais tarde passaria a designar-se por EUYO, demonstra desde logo duas ideias fundamentais: primeiro, o processo relativamente complexo de arranque da Orquestra; no entanto, assim que fundada, afirmar-se-ia no plano interno europeu, sendo imediatamente reconhecida como um símbolo dos altos ideais europeus. Naturalmente, pouco tempo depois, a Orquestra seria transportada para um plano externo, sendo chamada a fazer digressões tanto no México, China, Japão, Estados Unidos, Índia e Rússia. Como símbolo do projeto europeu, a Orquestra passaria

a ser também um excelente cartão de visita para a União Europeia. A Orquestra Jovem da União Europeia teria de refletir dois aspetos fundamentais: primeiro, a Orquestra era o resultado da junção de esforços das instituições europeias, Estados-membros e sector privado. Segundo, a Orquestra teria de ter os melhores músicos jovens de todos os Estados-membros da União Europeia. A aspiração aos altos ideais europeus era simultaneamente uma aspiração à excelência e isso explicaria o árduo processo de audição. Este processo exigiria uma concertação de esforços entre a Orquestra e várias organizações parceiras de todos os Estados-membros, seria necessário ouvir anualmente milhares de músicos de toda a União Europeia em várias fases de audição, fazer uma seleção criteriosa, construir uma Orquestra em média com 140 músicos (de acordo com o repertório previsto), e preparar uma temporada de concertos com todas as suas implicações.

À luz do Construtivismo tendeu a ficar claro os pressupostos que estiveram por de trás da criação da Orquestra Jovem da União Europeia e do seu papel para o projeto europeu, assim como a sua ação pode influenciar o fortalecimento da identidade europeia. Ao ser uma embaixadora cultural da União Europeia por mais de 40 anos, a Orquestra procura representar todos os Estados-membros da União Europeia e os seus valores. Na Orquestra, os Estados não estariam representados diferenciadamente pelo tamanho e relevância económica, mas de igual forma em cada um dos seus participantes, no mesmo espírito do discurso que Churchill proferia em 1946 na Universidade de Zurique a apontar o caminho daquilo que deveria ser o projeto europeu. É também por esta teoria das Relações Internacionais que se percebe a Orquestra pelo seu momento de fundação. Isto é, havia a consciência de que projetos como o da Orquestra Jovem da União Europeia, ajudariam a desenvolver o projeto de construção europeia noutras esferas, na medida em que a Orquestra, como um símbolo, contribuía para uma mensagem discursiva que tenderia a fortalecer a identidade da União Europeia.

Se, por um lado, era importante ter o enquadramento da Orquestra no âmbito da sua missão e objetivos, compreendida pela história da construção europeia, por outro, queríamos compreender o impacto desta experiência nos participantes da Orquestra, quem eram estes músicos, de onde vinham, como é que sentiam em relação à União Europeia e, sobretudo, como percecionavam a participação na Orquestra com a identidade europeia. Isso seria essencial para os propósitos desta dissertação.

Após a aplicação do questionário, ao longo da análise de dados e da discussão de resultados, conseguiu-se perceber quem eram os músicos que participaram na Orquestra Jovem da União Europeia entre 2013 e 2022. Tendo conseguido uma representação significativa, os objetivos da investigação foram atingidos, tendo sido possível retirar conclusões relevantes.

De acordo com os dados recolhidos, o participante da Orquestra Jovem da União Europeia assume-se como um Europeísta e sente-se um cidadão da União Europeia, que não olha para a União Europeia apenas como um mercado único, que tende a sentir-se feliz com o estado da Democracia no seu próprio país e acredita que a União Europeia tem futuro. Tendo uma larga maioria recusado a ideia de um euroceticismo, muitos consideram importante a próxima eleição europeia, mas apesar de uma larga maioria já saber que irá votar nas próximas eleições, há uma percentagem considerável de indecisos e alguns que tendem a afastar-se da ideia de ir votar. Apesar disso, muitos ainda não conhecem as principais instituições europeias ou se sente bem informado em relação à União Europeia, apesar de existir uma maioria que considera conhecer as instituições e está bem informado. Existe um largo consenso sobre o papel importante que a União Europeia tem na valorização da Cultura e da Arte.

Relativamente à Orquestra Jovem da União Europeia, os inquiridos tenderam a considerar a Orquestra como um símbolo da União Europeia que promove a sua identidade e o processo de integração europeia, que representa e partilha dos valores da União Europeia e do ideal “unidade na diversidade”. Houve uma maior dispersão de classificação quanto à ideia de que a participação na Orquestra Jovem da União Europeia muda a visão sobre a União Europeia. Isto sugere que muitos tendem a ter posições sobre a União Europeia antes de ingressar na Orquestra Jovem da União Europeia e que não a mudam após a sua participação. Aliás, Peter Stark sugeria uma ideia muito semelhante a esta perceção, ao afirmar que muitos dos jovens da Orquestra Jovem da União Europeia consideram que a sua passagem pela Orquestra constituiu o melhor tempo das suas vidas, que vêm de todas as partes da União Europeia com diferentes enquadramentos culturais, religiosos e políticos, mas que seria muito ambicioso pedir que mudassem a sua perceção sobre a União Europeia a partir desta experiência. (Stark, p.16, 2023) No entanto, apesar disso, existe uma ligeira maioria de inquiridos que tende a concordar com a ideia de que a Orquestra Jovem da União Europeia mudou a sua visão sobre a União Europeia.

Apesar disso, será preciso ter em conta alguns dados que foram obtidos neste estudo. Desde logo, os 18,8% que tendem a ser céticos em relação à União Europeia, os 22,3% que não se sentem satisfeitos com o estado da Democracia no seu país, os 16,9% que tende a desconhecer as instituições europeias e os 23,6% que tende a não se sentir bem informado em relação à União Europeia. Todos estes dados poderão ser importantes para compreender alguns dos desafios que a União Europeia tem no presente e para o seu futuro, até porque, efetivamente 89,5% considera que a União Europeia é um projeto político com futuro.

O caráter inovador que foi procurado na elaboração desta dissertação constituiu o principal desafio para a sua concretização, mas também o ponto de partida para futuras investigações. A Arte e a Cultura podem construir pontes e constituir soluções para diálogos profundos, formas de comunicação eficazes e construtivas nas Relações Internacionais. A contribuição de Stark e Marcus foram absolutamente essenciais para começar a compreender a Orquestra Jovem da União Europeia e os resultados obtidos na investigação. Se Marshall explicava que a Orquestra Jovem da União Europeia só faria sentido se representasse os valores mais importantes da União Europeia, Stark referia que, para muitos jovens, a Orquestra Jovem da União Europeia será a melhor experiência de Orquestra que terão nas suas vidas. Para muitos, a Orquestra Jovem da União Europeia não junta apenas os melhores músicos do seu ano na Europa, mas sim forma uma das melhores orquestras a nível mundial. A Orquestra Jovem da União Europeia tenta assim ser a definição de combinação entre a excelência com os mais altos valores europeus, sendo por isso, de acordo com o antigo Presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, a melhor embaixadora da União Europeia.

No entanto, deve ser feita uma ressalva, a Orquestra Jovem da União Europeia sendo independente no seu funcionamento, continuará a ser uma Orquestra comprometida com esta missão, enquanto assim o desejar. Ao mesmo tempo, a Orquestra manterá a sua atividade se a Comissão Europeia continuar a financiar largamente este projeto como foi sendo feito até aqui. Nesse caso, a Orquestra Jovem da União Europeia estará dependente simultaneamente da vontade da administração da Associação da Orquestra Jovem da União Europeia que, apesar da designação, é totalmente independente da UE, e do financiamento da Comissão Europeia.

Respondendo finalmente à pergunta de partida desta dissertação, tendo em consideração tudo o que foi analisado, observando as razões que levaram à fundação da EUYO, do seu

desenvolvimento artístico e do seu trabalho enquanto embaixadora da União Europeia, podemos considerar que a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade política da União Europeia, de acordo com o conceito previamente estabelecido por Pinto (2014). Isto é, a Orquestra promove a identidade da União Europeia no seu papel de embaixadora, como, por exemplo, visto nas várias digressões fora da União Europeia, mas também na ajuda à integração de novos países no projeto europeu como aconteceu em 1986 com Portugal e Espanha. Para além disso, com o questionário, percebe-se que um grande número de inquiridos considera importante as eleições europeias e vai votar nas próximas eleições em 2024.

Por outro lado, o questionário serviria também para compreender se a EUYO promoveria a identidade social da União Europeia descrita por Pinto (2014), isto é, também a ideia de um sentimento de pertença à União Europeia sobretudo da parte dos seus participantes. Nesse sentido, os resultados alcançados demonstram que a EUYO promove a identidade social da União Europeia. Isto é, os participantes demonstram desde logo uma grande afinidade pela Orquestra, sendo que muitos mencionam querer repetir a experiência, associando paralelamente a EUYO a um símbolo da União Europeia. Sendo isso desde logo um indicador extremamente positivo. Os resultados demonstram muito claramente um grande sentimento de pertença dos participantes à EUYO e simultaneamente à União Europeia. Há um grande consenso sobre o papel importante que a EUYO tem para a União Europeia, existe uma concordância de que a EUYO ajuda a uma mudança de visão sobre a União Europeia e que projetos como este fazem falta no espaço europeu.

Nesse sentido, de que forma a Orquestra Jovem da União Europeia promove a identidade europeia no espaço da União Europeia?

Através da criação de uma experiência única para todos os seus participantes, pela formação de uma Orquestra de excelência que junta anualmente jovens de todas as nacionalidades da União Europeia, que se deslocam às melhores salas de espetáculo das cidades europeias, a interpretar muito do repertório clássico que tem uma grande dimensão europeia. Essa experiência única é perceptível para o público que escuta a Orquestra e que facilmente consegue compreender as particularidades da EUYO. Isto é, a EUYO consegue comunicar uma mensagem clara sobre os seus propósitos, características e sobre aquilo que simboliza, que a torna única dentro da União Europeia. O impacto que a Orquestra teve na criação de uma geração de músicos europeus conectados entre si é um dado assinalável e que se percebe pelos inúmeros projetos que

surgiram a partir da experiência da EUYO, tendo sido destacado o caso bem-sucedido da Chamber Orchestra of Europe e da Gustav Mahler Jugendorchester.

Pelos dados recolhidos, pelos vários consensos estabelecidos, depreende-se que a participação na EUYO é uma experiência irrepetível como foi descrita anteriormente, que promove a identidade da União Europeia e que tem uma grande possibilidade de criar laços entre o músico da EUYO e o projeto europeu. Os objetivos fundacionais da Orquestra Jovem da União Europeia foram alcançados, mas mais do que isso, o desenvolvimento artístico da Orquestra foi levando em conta muitas das considerações dos promotores iniciais do projeto. Poderá dizer-se que a Orquestra Jovem da União Europeia, com mais de 40 anos de atividade, representa uma aproximação única entre os jovens, a cultura, a arte e o projeto europeu.

Bibliografia

Baltazar, Isabel (2007) “O “Espírito Europeu”: fundamentos para uma Europa Unida” Universidades Lusíada.

Baltazar, Isabel (2013) “A Europa dos Pequenos Passos. O aprofundamento na história da Construção Europeia (1948-1950)”. Debater a Europa Nº8 Janeiro/Julho, pp.7-29.

Barnett, Clive (2001). “Culture, policy, and subsidiarity in the European Union: from symbolic identity to the governmentalisation of culture.” *Political Geography* 20, pp. 405-426.

Bibu, Brancu, Teohari (2017). “Managing a Symphony Orchestra in Times of Change: Behind the Curtains” *Procedia- Social and Behavioral Sciences* 238, pp. 507-516. Romania.

Birukou, Aliaksandr., Blanzieri, Enrico., Giorgini, Paolo., & Giunchiglia, Fausto (2009). “A formal definition of “Culture.” University of Trento.

Calligaro, Oriane (2014). “From ‘European cultural heritage’ to ‘cultural diversity’?”. *Politique européenne* 2014/3 (nº 45), pages 60 à 85. L'Harmattan

Checkel, Jeffrey T; Katzenstein, Peter J; *European Identity*; Cambridge University Press. Cambridge.

Christiansen, Thomas; Jorgensen, Knud; Wiener, Antje. (2011). “The social construction of Europe.” Routledge, London

Coelho, Carlos (2017). *Europa de A a Z, Dicionário de termos europeus*. Aletheia Editores. Lisboa.

Coman, Ramona; Kostera, Thomas; Tomini, Luca; (2014). *Europeanization and European Integration, from incremental to structural change*. Palsgrave Studies in European Union Politics. England.

Cordeiro, Cristina Robalo (2021). “A Europa das Capitais.” Imprensa da Universidade de Coimbra, Editora da Universidade Federal do ABC 2021. pp. 11-18.

Daszkiewicz, Wojciech (2017) “Greek and Roman Roots of European Civilization” *Studia Gilsoniana* 6:3. pp.381-404

Duchesne, Sophie (2010).“L'identité européenne, entre science politique et science fiction.” *Politique européenne* 2010/1 n° 30. pp. 7-16.

Eriksen, Monika (2015). Europeanization of the Balkans within an identity-based framework. *Politeja*. pp.194-206.

Farrell, Mary; Fella, Stefano; Newman (2002). *European Integration in the twenty first century: unity in diversity?* Sage Publications. California

Flora, Francesco (1946). “The European spirit”. *Il nuovo Corriere della Sera*. Milano.

Fossum, John Erik (1999). Identity-politics in the European Union. *Journal of European Integration*. pp.373-406.

Gamberale, C. (1997) “European citizenship & political identity”. In *Space & Polity*, 1 (1). pp. 37-59.

Guimarães, R. C. e Sarsfield Cabral, J. A. (2010). *Estatística*, 2ª Edição. Verlag Dashöfer, 2010.

Havel, V. (2000). Is There a European Identity, Is There a Europe?, Project Syndicate. <https://www.projectsyndicate.org/commentary/is-there-a-european-identity-is-there-a-europe?barrier=accesspaylog>

Kaiser, Wolfram (2017). “Limits of Cultural Engineering: Actors and Narratives in the European Parliament’s House of European History Project.” *Jornal of Common Market Studies*, 2017, volume 55. pp. 518-534.

Kauppi, Niilo. (2003) “Elements for a Structural Constructivist Theory of Politics and of European Integration.” *Center for European Studies*.

Kellett-Bowman (1975). Motion for a Resolution to Rule 25 of the Rules of Procedure concerning an EEC youth orchestra. *European Parliament*.

Kymlicka, W. (1995) *Multicultural Citizenship: A Liberal Theory of Minority Rights*. Oxford: Clarendon Press

Liebert, Lenard. (2012) *The Influence of Youth Orchestras for Their Participants’ Lives. – A Study of the European Union Youth Orchestra EUYO*. (Dissertação de Mestrado na Hochschule für Musik und Theater München.) Munique.

- Mainka, Peter Johann (2011). “Os fundamentos da identidade europeia na antiguidade, na idade média e nos tempos modernos”. *Acta Scientiarum. Education* vol.33 pp.58-69.
- Maroco, João (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. 5.^a Edição. Edições ReportNumber.
- Mayer, F. & Palmowski, J. (2004) “European identities & the EU”. In *Journal of Common Market Studies*, 42 (3). pp. 573–598.
- Meijers, J Meijers (2017). “Contagious Euroscepticism: The Impact of Eurosceptic support on mainstream party positions on European integration.” SAGE
- Mole, R. C. M. (2007) *Discursive constructions of identity in European politics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Monet, J. (1972). *L’Europe Unie de L’Utopie à la Réalité*. Congrès International de la Friedrich-Ebert-Stiftung. Lausanne
- Moreira, Adriano (2019). “A Nossa Época Salvar a Esperança”. Edições Sílabo. Portugal.
- Morgado, Miguel (2021). *Soberania, dos seus usos e abusos na vida política*. D. Quixote. Portugal.
- Oborune, Karina (2015). “Becoming More European After Erasmus?” *Politeja*, No. 37 Quo vadis, Europo? : integrująca się Europa w procesie zmian. pp.75-94. Księgarnia Akademicka. Krakow.
- Olsen, Johan P. (2002). “The many faces of Europeanization*.” *Journal of Common Market Studies*. Volume 40. Number 5. pp.921-952.
- Pekel, Joris (2011). *Europeana: Building a European Identity*. (Dissertação de Mestrado na University of Amsterdam). Amesterdão.
- Pestana, Maria Helena; Gageiro; João Nuno (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais – A complementaridade do SPSS*. 5.^a Ed. Rev. e corrigida, Edições Sílabo, Lisboa.
- Petithomme, Mathieu (2008). “Is there a European Identity? National Attitudes and Social Identification toward the European Union.” *Journal of Identity and Migration Studies*. Volume 2, number 1, 2008.

Pinto, Ana Isabel dos Santos Figueiredo (2014). *A identidade política internacional da União Europeia: o caso do conflito israelo-palestiniano*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. (Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.) Repositório.

Psychogiopoulou, Evangelia (2015). *Cultural Governance and the European Union*. Palgrave Studies in European Union Politics. New York.

Ribeiro, Maria Manuela Tavares., Rollo, Maria Fernanda., Valente, Isabel Maria Freitas., & Cunha, Alice. (2021). “Cultura e Sociedade Pós 1945.” Imprensa da Universidade de Coimbra Editora da Universidade Federal do ABC.

Ribeiro, Maria Manuela Tavares; Valente, Isabel Maria Freitas; Rollo, Maria Fernanda; Cunha, Alice. (2018). “Cidadania, Política, Segurança e Cultura Científica.” Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX.

Ribeiro, Maria Manuela Tavares (2003); “A Ideia de Europa- Uma perspectiva história”. Quarteto Editora.

Rodrigues, Joana Rita Pimentel (2014). Work satisfaction and affective commitment of classical musicians: The European Union Youth Orchestra

Romania Insider, (22 Junho, 2023). The Uncertain Four Seasons: How the European Union Youth Orchestra put Timișoara on the map of reimagined Vivaldi concertos. Disponível em: <https://www.romania-insider.com/euyo-timisoara-vivaldi-jun-2023>

Rougemont, Denis de. (1948) “Commentaires de Denis de Rougemont sur l'identité de l'Europe”. CVCE.

Sassatelli, Monica, (2007). “The Arts, the State, and the EU: Cultural Policy in the Making of Europe”. Berghahn Books.

Sassatelli, Monica (2009). “European Cultural Space in the European Cities of Culture.” University of Ferrara.

Schmidt, Viven A. (2010). “The European Union in search of political identity and legitimacy: Is more Politics the Answer?”. Institution for European Integration Research.

Silva, Jorge (2014); *A Dimensão Cultural da Política Externa da União Europeia no Período Pós Maastricht*. (Dissertação de Mestrado na Universidade do Minho) Repositório.

Silvestre, António Luís (2007); “Análise de Dados e Estatística Descritiva”, Escolar Editora.

Sousa, Fernando de, et al. (2022). *Dicionário de Ciência Política e Relações Internacionais*. Almedina. Coimbra.

Spoon, Jae-Jae; Williams, Christopher (2017). “It takes two: how Eurosceptic public opinion and party divisions influence party positions.” *West European Politics*, Volume 40, pp.741-762.

Tassin, E. (1992) “Europe: a political community”. In Mouffe, C. (Ed.) *Dimensions of Radical Democracy*. Londres: Verso. pp. 169-192.

Tekiner, Ugur. (2020). “The European (Union) Identity”: An Overview.” *E-International Relations*.

Todrov, Tzvetan (2008); “European Identity”. *South Central Review*. Vol. 25, No. 3, *Intellectuals, Nationalisms, and European Identity*, pp. 3-15

Urbančíková, Nataša (2018). “European Capitals of Culture: What are their individualities?” *Theoretical and Empirical Researches in Urban Management*, Vol. 13, No. 4, pp. 43-55.

Valentini, Chiara (2005). “The promotion of European identity.” Em Petkova, Diana; Lehtonen, Jaakko; *Cultural Identity in an Intercultural Context*. (pp.178-196). University of Jyväskylä.

Fontes

ABC Cultura, “Europa salva a última hora a su Joven Orquesta” (2 junho, 2016). Disponível em: https://www.abc.es/cultura/musica/abci-europa-salva-ultima-hora-joven-orquesta-201606021153_noticia.html

Aberdeen International Youth Festival. Disponível em: <http://www.kadmusarts.com/festivals/2775.html> . Consultado em Maio de 2023.

Because of Brexit, the EU Youth Orchestra is moving from the UK to Italy. (2017) Disponível em: <https://www.classicfm.com/music-news/euyo-moves-to-italy/>

Boutsko, Anastassia. (novembro, 2020). EUYO awarded 2020 Cultural Brand Award. *DW Made for Minds*. Disponível em: <https://www.dw.com/en/2020-cultural-brand-award-goes-to-european-union-youth-orchestra/a-55733391> Consultado em junho de 2023.

Chamber Orchestra of Europe (2022), Orchestra Biography. Disponível em: <https://www.coeurope.org/wp-content/uploads/2021/02/COE-Biography-2021.pdf> Consultado em julho de 2023.

Charity Commission for England and Wales. Disponível em: <https://register-of-charities.charitycommission.gov.uk/charity-search/-/charity-details/281420/charity-overview> . Consultado em maio de 2023.

Churchill, Winston (1946), Speech delivered at the University of Zurich, 19 September 1946. Zurique.

Cimeira de Paris de Dezembro de 1974: Um marco para a História das Comunidades. (1974). Em “Keesing’s: Record of World Events”, Keesing’s World Wide, Cambridge, pág. 26981.

Council of Europe (1954). *European Cultural Convention*. Paris European Treaty Series-no. 18.

Congress of Europe (1948). *Cultural Resolution of the Hague Congress*. International Committee of the Movements for European Unity.

Declaration on European Identity, Copenhagen, (1973). Bulletin of the European Communities. December 1973, No 12. Luxembourg: Office for official publications of the European Communities. "Declaration on European Identity", pp. 118-122.

Declaração Schuman, maio 1950. Disponível em: https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/history-eu/1945-59/schuman-declaration-may-1950_pt. Consultado em fevereiro 2023.

ECB, The Monnet Method: its relevance for Europe then and now. Disponível em: <https://www.ecb.europa.eu/press/key/date/2017/html/ecb.sp170504.en.html>. Consultado em setembro de 2022.

ECYO Spring/ Summer Tours 1978 Brochure. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1978.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1979 Brochure. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1979.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1980 Brochure. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1980.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1981 Brochure. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1981.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1982 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1982.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1983. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1983.pdf . Consultado em julho de 2023.

ECYO China Tour 1984 Brochure. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_china-tour_1984.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1984 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1984.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1985 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1985.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Hiroshima Peace Concert Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_hiroshima-peace_1985.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1986 Brochure. Disponível em :
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1986.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1986 Brochure. Disponível em :
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1986.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1987 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1987.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1987- 10 years of ECHO Festival of Youth 87 - Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_frankfurt_1987.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1988 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour-usa_1988.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO USA Spring Tour 1988 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour-usa_1988.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Tour to India Brochure 1989. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour-india_1989.pdf Consultado em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1989 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1989.pdf Consultado
em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1990 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1990.pdf Consultado em
julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1990 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1990.pdf Consultado
em julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1991 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1991.pdf Consultado
em julho de 2023.

ECYO Russia tour December 1991 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_christmas-tour-russia_1991.pdf
Consultado em julho de 2023.

ECYO Europe Day – May 1992 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_europe-day_1992.pdf Consultado em
julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1992 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1992.pdf Consultado em
julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1992 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1992.pdf Consultado
em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1993 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1993.pdf Consultado em
julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1993 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1993.pdf Consultado
em julho de 2023.

ECYO Spring Tour 1994 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1994.pdf Consultado em
julho de 2023.

ECYO Summer Tour 1994 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1994.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 1995 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1995.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 1996 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1996.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO EU Parliament – May 1997 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_eu-parlament_1997.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 1997 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1997.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Spring Tour 1998 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_1998.pdf Consultado em
julho de 2023.

EUYO Summer Tour 1999 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_1999.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2000 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2000.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2001 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2001.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2002 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2002.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Spring Tour 2003 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_2003.pdf Consultado em
julho de 2023.

EUYO Spring Tour 2004 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_brazil_2004.pdf
Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2005 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2005.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2006 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2006.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2007 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2007.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2008 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2008.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2009 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2009.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Europe Day- May 2010 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_europe-day_2010.pdf Consultado em
julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2010 Brochure. Disponível em:
https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2010.pdf Consultado
em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2011 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2011.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2012 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2012.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Spring Tour 2013 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_spring-tour_2013.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2014 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2014.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2015 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2015.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2016 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2016.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Summer Tour 2017 Brochure. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2017.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Year Book 2018. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_summer-tour_2018.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Year Book 2019. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_yearbook-summer_2019.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Year Book 2020. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_yearbook_2020.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Year Book 2021. Disponível em: https://service.euyo.eu/documents/euyo-brochure_yearbook_2021.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYO Year Book 2022. Disponível em : https://service.euyo.eu/documents/EUYO_00190_Yearbook22-web.pdf Consultado em julho de 2023.

EUYOvideo (2021). *Bringing Europe Alive | This is the European Union Youth Orchestra*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hd7DnR-hg3Q&list=PLNQhFr0asI2FVxKaFwnitmZqSmVNenh0I>

EUYOvideo (2021). *Time to Deliver: What can the Arts do to help Europe's Recovery*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kzhhnvT4JOM&list=PLNQhFr0asI2FlRaV9CX8_7moxUaG7MGid

Erasmus Student Network. ESNsurvey XIV Edition (2022). Understanding the Experience & Needs of Exchange Students in Challenging Times.

Eurocid. Cidadania e Cidadania Europeia, disponível em: eurocid.mne/cidadaniaeuropeia. Consultado em Setembro de 2022.

European Central Bank. (4 de maio, 2017). The Monnet method: its relevance for Europe then and now. Disponível em: <https://www.ecb.europa.eu/press/key/date/2017/html/ecb.sp170504.en.html> . Consultado em março de 2023.

European Commission. (2007) Comunicação sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo globalizado. Bruxelas.

European Commission. (2018) Uma Nova Agenda para a Cultura. Bruxelas.

European Commission. (2019) 2020 annual work programme for the implementation of the Creative Europe Programme.

European Commission. RAPHAEL - A cultural heritage programme for Europe. Disponível em: <https://cordis.europa.eu/article/id/9322-raphael-a-cultural-heritage-programme-for-europe> . Consultado em março de 2023.

European Commission. ARIANE programme - support for books and reading. Disponível em : <https://cordis.europa.eu/article/id/9267-ariane-programme-support-for-books-and-reading> Consultado em março de 2023.

Eur-Lex. Programa "Cultura 2000". Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/PT/legal-content/summary/culture-2000-programme.html> . Consultado em março de 2023.

European Parliament (14 de junho, 1973). Committee on Cultural Affairs and Youth. PE/X/PV/73-5. Brussels.

European Parliament. (26 de julho 1974). Committee on Cultural Affairs and Youth. Proposal for the formation of a youth orchestra of the European Economic Community.

European Parliament. (17 de dezembro, 1975). Working Documents Doc. 453/75.

European Parliament. (2 de março, 1976) Report drawn up on behalf of the Committee on Cultural Affairs and Youth, Document 537/75.

European Parliament (16 de fevereiro, 1988). Extension of the European Community Youth Orchestra to Opera. Brussels.

European Parliament (21 de março, 2018). 2017/0163 (COD) PE-CONS 5/18. Brussels.

European Union Youth Orchestra website: <https://www.euyo.eu/>, consultado a 20-06-2021

Euro News (12 de maio de 2016). *A Orquestra de Jovens da União Europeia vai acabar*. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2016/05/12/orquestra-de-jovens-da-uniao-europeia-vai-acabar>

Magazine Platea. (6 de fevereiro de 2019). España es el país con más instrumentistas en la Joven Orquesta de la Unión Europea. Disponível em: <https://www.plateamagazine.com/noticias/6138-espana-segundo-pais-com-mas-instrumentistas-en-la-joven-orquesta-de-la-union-europea>.

Entrevista ao Diretor Executivo e Artístico, Marshall Marcus realizada dia 28 de março de 2023 à distância por Zoom, conduzida por José Matias (disponível em Anexo).

Entrevista ao Maestro Peter Stark realizada dia 6 de abril de 2023, à distância por Zoom, conduzida por José Matias.

Observador, (24 de março de 2021). Mais de 20 portugueses na nova temporada da Orquestra de Jovens da União Europeia. Disponível em: <https://observador.pt/2021/03/24/mais-de-20-portugueses-na-nova-temporada-da-orquestra-de-jovens-da-uniao-europeia/>

Observador, (10 março, 2023). Cinco músicos portugueses selecionados para Orquestra de Jovens da União Europeia. Disponível em: <https://observador.pt/2023/03/10/cinco-musicos-portugueses-selecionados-para-orquestra-de-jovens-da-uniao-europeia/>

Official Journal of the European Communities No C 191/1 (1992), Treaty on European Union.

Papageno (Dezembro, 2022). EUYO announces a new home in Austria. Disponível em: <https://papageno.hu/english/news/2022/12/euyo-announces-a-new-home-in-austria/>

Rednal, Lady Fisher of (1975-1976); “Report on the motion for a resolution submitted by Mrs Kellett-Bowman on the formation of an EEC Youth Orchestra”. European Parliament, Working Documents.

Report to the European Council, (Milão, 28 e 29 de Junho, 1985). Disponível em: https://www.cvce.eu/en/obj/report_by_the_committee_on_a_people_s_europe_submitted_to_the_milan_european_council_milan_28_and_29_june_1985-en-b6f17ee2-da21-4013-9573-c2b159f86ff5.html Consultado em Fevereiro de 2023.

Resolution of the European Parliament of 8 March 1976 on the motion for a resolution submitted by Mrs Kellett-Bowman on the formation of a European Community youth orchestra (OJ C 79, 5.4.1976, p. 8)

Schuman, Robert (1963). “Pour l’ Europe”. Les Edition Nagel SA.

The Centre virtuel de la connaissance sur l’Europe: <https://www.cvce.eu/en> . Consultado em Janeiro 2023.

Brown, Mark. (11 de outubro, 2017). “EU youth orchestra to quit UK for Italy over Brexit”. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2017/oct/11/eu-youth-orchestra-to-quit-uk-for-italy-over-brexit>

The Herald. (2006) Founder of the Aberdeen International Youth Festival; Born June 14, 1928; Died November 4, 2006. Disponível em: https://www.heraldscotland.com/default_content/12494259.lionel-bryer/.

The Sunday Times (2018). Joy Bryer obituary. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/joy-bryer-obituary-77np0pj6v>

Wasseenberg, Anya (24 de outubro, 2019) Interview | Violinist Blake Pouliot Talks About The Frenergy Tour With The NYO And EUYO. *Ludwigvan Toronto*. Disponível em: <https://www.ludwig-van.com/toronto/2019/10/24/interview-violinist-blake-pouliot-talks-frenergy-tour-nyo-euyo/>

Anexos

Anexo - Entrevista a Marshall Marcus – conduzida por José Matias - 28 de março - via Zoom

00:00:05

José Matias: So I will read just a small text. This interview is part of the dissertation of the Master's in Political Science and international relations with the team, the European Union Youth Orchestra and the construction of the European Identity. The main objective of the investigation is to understand and analyze the European Union Youth Orchestra in the promotion and construction process of the identity of the European Union. With this interview, we tend to understand the impact of the European Union Youth Orchestra on the internal level of its participants, understand the evolution of the European Union Youth Orchestra with the evolution of the European integration in terms of orchestra programming, tour planning, guest musicians and the orchestra's activity outside the European Union and identify the results of the EUYO in view of the objectives it propose. So thank you very much for being fine. And so my first question would be, how would you define Europe?

00:01:17

Marshall Marcus: Interesting question. So I'm going to define mean. Europe can obviously be defined in a very crude way as the countries, the 40 or so countries, 40 plus countries which are part of what we call Europe. But I'm actually I was thinking about this and I once read the most fantastic quotation from a writer called Neal Ascherson. And I'm actually going to be I'm going to be badly. I'm going to get to read what he said. One of the things he said, he said, "My own sense of the Europe we have is that it's like a sponge, a living sponge of squashy texture and uncertain outline. A rich and beautiful, collective creature into whose open pores countless visiting organisms swim or stay to breed. It will never be a clanking metallic superstate capable of instant peace and war decisions." And I. I've always liked that quotation because it gets over

to me something that I think is, is really, um, important about Europe, which is this extraordinary cultural diversity. And actually, if you look at a map of the world.

00:02:50

Marshall Marcus: Europe has a greater concentration of countries than any other place on earth. You know, much of it can fit into China. Well, it all could fit into China or into Canada. And so I think one of one of the real characteristics, not so much the definition, but the characteristics of Europe is this compressed diversity, which is very well expressed by that the slogan unity in diversity. So that's my rather, slightly less crude definition of what I see Europe as.

00:03:34

José Matias: Thank you so much. I will jump for the second question and ask you, why did you choose to work for the EUYO?

00:03:45

José Matias: How it came up?

00:03:46

Marshall Marcus: Yeah. Um, it happened for a number of reasons. I had been doing two very concentrated jobs for over a decade, and I left them. I left one of them, in order to do an extraordinary project in South America to do with El Sistema, which somebody who I've amazing respect for had asked me to do. And I enjoyed doing it, but I found because it was in Venezuela, I found it was a very dangerous place to be. And literally physically, Venezuela was in those days in 2012. And, at the same time it was a project that really opened my headspace. So I was in the midst of doing this amazing project where I was traveling a lot in South America, maybe more than a third of the year, and I decided I couldn't carry on with it because it was literally physically not a place I could roam around in, but I had to be guarded wherever I went. And somebody approached me about this European Union Youth Orchestra job. And I think the thing one of the things the two things were my immediate reactions. The first thing, because I knew about the European Union Youth Orchestra, many of my friends, I mean, I'm in my mid late 60s and many of my friends, colleagues and peers played in that orchestra when it was the European Community Youth Orchestra in the 1970s. So I knew about it and I knew it was this extraordinary thing which Abbado had begun. And the second thing was that the person who came to me, the headhunter, said to me, They want somebody who will bring change to the organization. And I've always been attracted by exploring the positive possibilities of change. So here I was doing something I found really interesting, but there were some logistical problems with it, not the job itself. I really enjoyed that and somebody was offering this thing, and the more I looked at the European Union

Youth Orchestra, I remember thought, this is the most extraordinary organization. It's wonderful. And I had in any case, been working a lot in El Sistema with young musicians. So I thought it could be an interesting I don't think in terms of career path, it's not that, but I just thought this could be an interesting thing to do. I had been working not only with El Sistema but with young players and an orchestra called The I Culture Orchestra, which was seven countries of Poland, Armenia, Azerbaijan, Moldova, Ukraine, Belarus and Georgia. And so I'd been working a lot around the world with various different young musicians and thought, well, this could be an interesting kind of place to go. So that's why I took the job. It was a really extraordinary organization. And, you know, if I was honest, I probably wouldn't quote this If I'm honest. I think it was an extraordinary organization which had stood still in the last few years and needed to kind of get back on a track. But I felt very in tune with this extraordinary woman, Joy Bryer, who was the co-founder of the orchestra. And who was she? She was the secretary general from 1976 to 2012. So she was the leader in that period. And interestingly enough, the person who told me about her many years before was Jose Antonio Abreu, who was the director of El Sistema that I was working for. He said she was one of the most interesting people he'd ever met. So I just thought to to kind of take the torch from her and carry it on and not changing what the orchestra is about, but bringing change in the way it operated was a really interesting job. So I went for it.

00:07:32

Marshall Marcus: Well.

00:07:33

José Matias: Thank you.

00:07:34

Marshall Marcus: Um, sorry. That was a long answer.

00:07:37

José Matias: No, no, no. It's. It's fascinating, really. So I want to ask you. Yeah? How would you describe the EUYO?

00:07:49

Marshall Marcus: The EUYO is an extraordinary combination of what I think of as two columns, two pillars which hold it. One of those is this incredible search for excellence, for joy, for hunger, for communication. As a young players orchestra. So as one, it's actually for me, when it's at its best, it's one of the greatest orchestras in the world, not just greatest orchestras of young players, but greatest orchestras. And the second aspect of it I think is really important, which marks it out as different from any other orchestra in the world, is that it's the only orchestra which is

specifically dedicated to the highest values of the European Union, which for me are about the importance of us working together rather than separately. And again, I just want to unpack that for a second because, um, you know, when the, when the European community began, of course it was about coal and steel, but actually underneath that, what it was about was saying, we've tried the Second World War, we've tried killing each other. That doesn't work. Now let's try working together instead of being in conflict. So right at the heart of this is an orchestra which is cultural Ambassador for the European Union stands for the positive values of working together rather than against each other. And I think these are the two columns. And interestingly enough, you see that in the formation of the orchestra, because I mentioned Joy Bryer and there was also a husband, Lionel, and they were the ones that began it with this extraordinary commitment to what the EU, what the heart, the DNA of the EU is about. And on the other hand, with the conductor, Claudio Abbado, who was always searching for excellence and for the best. So I think it's a fantastic combination of that and what it gives, which I think no professional orchestra seems to be able to give, is this unbelievable wellspring of passion, of joy, of hunger to communicate on stage. And that's what I get from the European Union Youth Orchestra. And that's why I'm still with it after being here for more than ten years.

00:10:32

José Matias: Well, in other words, I was going to ask.

00:10:40

José Matias: Is there a relation between the process of identity construction of the European Union and the EUYO? And if there is, how would you define that relation?

00:10:53

Marshall Marcus: That's a very interesting question, if I've understood it correctly. So the relationship of the identity construction between the EU and the EUYO. And I think the point is this, um, the EUYO has to be a mirror of the highest values of the EU. Now, what does that mean in terms of identity? It means that the, the wellspring for the sense of identity is the EU. And actually I couldn't do this job if I didn't think that there was some very valuable identity elements in the EU. So, I mean, funnily enough, the quote I, I read out by Neal Ascherson expresses some of this to me. It's about a generosity of spirit towards the other. It's about the value of working together. It's about the importance of aspiring for excellence. It's about the importance of diversity, inclusion, equity, you know, gender equality. All of these values are important ones. Now, some people might say, well, yes, but actually the EU stands for other values as well. And that's what come back to the quote from Neal Ascherson, where he says. It will never be a clanking metallic superstate. And the fact is that the EU does have a bit of a reputation also for being bureaucratic,

removed from the lives of people, you know, uncaring. I always remember, a woman called Martine Reicharts, who was the Director General of Directorate General for Education and culture at the European Commission in 2016. In April 2016, she addressed the opening of the European Cultural Forum in 2016, and she said she was talking about this new Creative Europe funding and she said it's all going well in many ways, she said, but we have not touched people. And, you know, that's a whole area that can be problematic with the EU, which is there are lots of lines of words, but they don't always touch people. So in terms of identity, my point is this I think the relationship of the EUYO to the EU is that the EUYO aspires to a sense of the identity of the individual, and the organization aspires to be a mirror of the positive values of the EU. But not those kind of negative bureaucratic connotations. Does that help to answer that question?

00:13:44

José Matias: Yeah, no, absolutely.

00:13:45

José Matias: Absolutely. It's really enlightening in a way. Yeah.

00:13:51

Marshall Marcus: I mean, in a way I see it that that the EUYO should be kind of tangible when you go to a concert. I remember once in 2013 or 14, in the summer, I was sitting in a concert and in the interval of the concert, an American woman in the audience who I didn't know and she didn't know me. She turned to her friend or the person she was with and she said, "Now I get what this Europe thing is about". And, you know, that's the point, which the EUYO shows when it works well. It makes the positive sense. The positive aspect of the identity of the EU. It makes it tangible in a way that's impossible for reading, you know, text on a page. And there are few politicians in the EU who can make that seem tangible. But many, if I'm honest, you know, sound like politicians giving a speech.

00:14:51

Marshall Marcus: And.

00:14:52

Marshall Marcus: Mean want to give a I want to give a positive example of that, you know Margaritis Schinas who interestingly is perhaps most intimately connected with this area amongst the commissioners, he's the Greek commissioner and he's one of his parts of his brief is to represent the European way of life. And he gave a fantastic speech a few weeks ago at the end of

a conference about something called the New European Deal for Culture. And he really, in my mind, I wrote down as he was speaking, he really, to me expressed that sense of touching people with what Europe is and who we should be. And that's the sense of Europe, of EU, that's the identity area of the EU, which I think the EUYO is striving to, to reproduce in a way that because it's a concert performing organization, when it works, it's tangible, it touches people.

00:15:49

José Matias: And I didn't I didn't write down this question, but now it came to my mind. So, I mean, if you don't want to answer it, it's fine.

00:15:58

Marshall Marcus: No, no.

00:15:58

Marshall Marcus: I didn't prepare these answers, so.

00:15:59

José Matias: That's fine. Okay. Um, I found out.

00:16:03

José Matias: Last year on my research that the EUYO did a concert in Moscow, if I'm not mistaken, in 1991.

00:16:11

Marshall Marcus: Yes.

00:16:13

José Matias: And the year after was the Maastricht Treaty. Oh, yes. Where it said that culture should be and can be used to create relationships with the countries outside of the European Union. So my question regarding to this would be and and I saw that the orchestra played many times outside the European Union, but this is quite, quite a strong coincidence. So I was going to ask if there is a relationship of the work of the EUYO with the development of the European Union, with the treaties, for example.

00:16:50

Marshall Marcus: Yeah, I find it difficult to answer that specific question because I don't look at the treaties, you know, and kind of, but, but actually, um, what I do is I do talk to the External Action Service, the EEAS, and I say, you know, where are the areas that are really important for

the EU in terms of international relations? Because, you know, sometimes we can arrange our projects to work with those. And of course this is an area we have to be very careful with because I always say this, I always say the European Union Youth Orchestra is not a political organization. It's a cultural ambassador, not a political ambassador. So we must be very careful not to be dragged into politics. But at the same time, we are wherever we go, we are seen as representing the EU and therefore there needs to be that relationship. And I give you again one example. Again, I'm not sure I should be saying this, but I will. Um, well, I'll give you two. I'll give you two examples. You know, I mean, in, in we had planned for a residency in Moscow in 2022. And it became increasingly obvious, certainly with the war, that that was not going to be possible. You know, the EUYO can't see itself as a separate entity and just go there even if it wanted to. And that's a reflection of the politics of the EU, a reflection of, um. And of course, it gave us some very tough questions to answer about, um, about what was our policy about the war, the Russian invasion of Ukraine. And so, for example, we, we also cancelled a Russian artist who we felt was too close to Putin.

00:18:59

Marshall Marcus: By asking our artists who came, what their view was, if they were willing to condemn the invasion. And on the other hand, we play Russian music because our feeling is except in places where they don't want Russian music and, you know, I had a very interesting conversation with A Ukrainian ambassador who came to a concert and he said, you know, it's great what the orchestra is doing for, you know, the Ukrainian situation. But he said, but why are you playing all this Russian music? And that's a difficult question. But for us, if it's, you know, if it's Tchaikovsky or Shostakovich or Prokofiev, none of them voted for the invasion of Ukraine, nor do I believe they would have done so. That's a slightly different thing from what you asked, but that's an area that's an example of this. But yes, we do go to some places and, wherever we go, I think we're seen as an ambassador and, you know, if I pull out from where I used to, I used to be on an organization with the, with the British Council and this is their work on soft power. And, you know, let's, let's put it back and let's be honest. I mean.

00:20:16

Marshall Marcus: You know, the, the, you know, art and music is an example of soft power. And the European Union Youth Orchestra is probably a good example of soft power.

00:20:30

José Matias: Thank you so much. I know I was really curious about this question. I was not sure if I was going to make it, but.

00:20:36

Marshall Marcus: Yeah, yeah.

00:20:37

José Matias: But thank you. Thank you. Um, so I would, I would ask.

00:20:41

José Matias: So, the EUYO

00:20:43

José Matias: Become a cultural ambassador of the European Union and could we consider the euro as a symbol of the European Union? And what is the role of the orchestra in the cultural plan of the European Union?

00:21:02

Marshall Marcus: Yes, I do think that the EUYO is a symbol of the EU. And interestingly enough, I think whether we wanted it or not, it is because it has the European Union in its title. One person when I started the orchestra advised me, he said, you should change the name of the orchestra. You should call it not the European Union Youth Orchestra. You should call it the Youth Orchestra of the European Union. And that's how it's seen. So I mean, when we go and play performances, people who listen, they have no idea whether we are a kind of formal in-house, you know, for example, Erasmus+, you mentioned Erasmus+ is, is, is a European Union formal organisation. The European Union Youth Orchestra is not, it's, it's its own organisation, but it is a symbol of the EU. What was the second part of your question.

00:21:52

José Matias: Was what is the role of the orchestra in the cultural plan of the European Union?

00:21:59

Marshall Marcus: Okay. So the, the place of the European Union Orchestra is working in the plan, the role within the plan. I think the way I would answer that is to say that the funding that we get from the European Union, which is certainly not you know, it's not the majority of our funding, it's actually much less than half our funding. But the funding that comes from the European Union comes from the Creative Europe programme and I would find it quite difficult to apply for that money, if I did not feel that the orchestra was in tune with the values of the of the European Union. So, you know, if I look at the funding in the first Creative Europe programme we did, which was from 2014, there were values like entrepreneurship and engaging audiences. And that was a new area and I thought that was good. We should be doing that. If I looked at, for example, the current Creative Europe programme, there are questions about diversity, about, you know, inclusiveness,

about the Green Deal, about climate sustainability, about the UN Sustainable Development Goals. And these are all things which are part of our work now. And they are the EU's agenda. If you look at the agenda for the work that cultural organisations do, they're part of that. And so in that sense the work we do mean, let me give you a very concrete example. In 2020, Ursula von der Leyen, the president of the commission, announced a new initiative called the New European Bauhaus. And she was talking about the way in which culture should reflect beauty, sustainability and, you know, within projects that cultural projects do. And it obviously uses the Bauhaus, which was this cross-genre arts movement, which brought high art and craftspeople together. And so we looked at that and thought it was really interesting. And we started a project called Café Bauhaus, which really fits with our agenda because it's projects where we help to train players in the orchestra. We give out awards for projects which really the players make, which reflect, um, music, innovation, sustainability. And so those you can see on our website, the projects we've done and we're just about to announce six more of them. We have the first three are down there. And so that's a good example of us.

00:25:01

Marshall Marcus: Using the agenda of the EU. A value agenda. For projects driven by those same values. Okay. And that's just one example.

00:25:15

José Matias: Thank you.

00:25:18

José Matias: I think we have five minutes on these on.

00:25:21

Marshall Marcus: These seven.

00:25:22

Marshall Marcus: Minutes and 15 seconds.

00:25:24

José Matias: Okay.

00:25:25

Marshall Marcus: It shows on my screen at the top.

00:25:27

José Matias: Really? Okay. Yeah. I wasn't seeing. Yeah. Um, let me just check. We have a couple more questions. We're going to need, um, your the link. So I was going to ask you, how would you describe the impact of the EUYO within the musicians? Does the EUYO change the life of the musicians? Does the EUYO create a sense of belonging to the European Union and it promotes its identity within the musicians?

00:26:00

Marshall Marcus: Yeah, that's a very interesting question. Um.

00:26:03

Marshall Marcus: I wish I had a proper scientific evaluation or survey that could answer that question. And actually, I think we should have we should do something like that. I think we need to make a partnership with a university or something that does these things. Um, so my answer to your question is, is what I call an anecdotal reply. It's not based on hard evidence, but I certainly have seen many of the players in the orchestra who've said, you know, this orchestra's changed my life. If you look over the years, we have many quotations like that. And I think that for many of them it does help to give them a better, more developed, more informed sense of what Europe is, what the European Union is. Because, you know, in a way, the European Union Youth Orchestra is a kind of microcosm of the EU in practice. If you think about this, I always think this is so interesting. You may have, I don't know, a Romanian violinist who comes from rural Romania, and they come to this project and they sit down next to, I don't know, a French violinist from Paris. You know, one is in the midst of an extremely kind of deep, high arts French, you know, amazing cultural tradition. And the other is not urban, but actually has the most incredible natural musicianship. They also many of them are dealing with post-Soviet countries, so they have a difference. So there are lots of different senses of identity here. And, um, you know, I think they come together and they, they make music together, they eat together, they travel together. They party together. Oh, say together. It's like. It's like the Erasmus programme.

00:28:20

Speaker 1: I'm hyper.

00:28:22

Marshall Marcus: About. Plus, one person goes to another culture and they live for, I don't know, three, six months. So that's one country, one person from it with all the people from another place. This really brings people together. This is this is like Europe as a marketplace. And I see the most incredible cultural differences. It's in most of them. But call them kids who come together and you can't help.

00:28:55

Speaker 1: That it.

00:28:56

Marshall Marcus: Brushes off. Actually, we also construct our work to make that possibility, which is we start our major projects with two three weeks in the summer. We have a three week residency, so they're living together in Grafenegg on site without being with lots and lots of other people for three weeks. And so this sense of experiencing other parts of Europe is so strong that I think you can't help but lower it. And actually, you know, was I was remembering there was a there was a film last year, a documentary from France deux, the TV station. And they, they did a documentary about a couple of French players. And there's this fantastic moment when a French, Germans, Italians think they're arguing about who has the best food in Europe. And, you know, it's it that's to me how to understand the other. And, you know, this is my own personal view I believe that we have in the world. They are in ability people very so the EUYO bring people together and by its very nature helps them to understand people from completely different cultures. And that can't help but be a way of helping our sense, helping our own sense of European identity. Point about it. The last thing is so important. Is that and contrast this with perhaps some other cultures outside of the EU on Europe. This is not about bringing lots of different people together, so they all think in the same way.

00:30:48

Marshall Marcus: That's why this slogan that the EU has, which is unity in diversity, is so important. And the worst possible consequence would be to bring all these people together and they all go away and they all think in the same way. No, no, no, no. The Germans are still Germans and the Greeks are still Greeks and the Spanish are still Spanish and the Maltese are still Maltese. But what it is, is that they have brought into themselves a bit more understanding of people who are different from them. There is unity and there is also diversity. And I see that in practice because nobody loses their national identity in the EUYO. If we had a quiz, you know, sometimes we have a games and we play something. If we had a quiz and we put everybody into their national teams, boy there.

00:31:39

Marshall Marcus: So the point about this is really to the opinion of what the identity of of the EU is about, is that and you see it so much in these days. We're about we're about to stop at one of the most important moments.

00:31:57

Marshall Marcus: And.

00:31:59

Marshall Marcus: We'll pick up this. But if you look at all the culture wars that are going on, if you look at this terrifying polarization, which is happening in many places in the world, that to me is because people, instead of holding multiple identities, I am British my wife is Italian, my grand parents were from Lithuania and Belarus. My kids are half Italian. I lived in Venezuela for a period. You know, I have all these different things. I'm a musician, but I also studied philosophy and psychology. I come from Yorkshire in England, which is a very strong identity.

(O tempo da videochamada terminou, recomeçou-se um anova chamada).

00:00:03

Marshall Marcus: And I was saying that I hold I hold all these different identities inside myself. I don't just see myself as a white person or as a male or as old. And what does being in the EUYO mean in terms of identity? for example, I'm Jewish and it means I don't lose my sense of Jewishness, but I also understand the sense of other people who may be Christian or Muslim or atheist. Well. So. And that's the really important thing about to me, identity becomes a problem when practically all of your identity is taken up with one aspect of your identity. If you see, you know. So coming back to your point here, I think what the EU - and you know, hopefully it works also in the EUYO - what it really does for identity is by understanding others who are different from you and the same as you, you understand a deeper sense of who you are. And you also understand with more respect who others are.

00:02:28

José Matias: Thank you so much. Well, that's I had I had I have more some more questions. This is one of my favorites, if I can say. Um, and I will ask how, uh, how works the management and the planning of the concerts, tours and repertoire of the EUYO. What are the criteria and is there some balance that you are looking for? Um, yeah, just let me, let me just give one example for imagine like an orchestra of players of the European Union and I imagine a French, for example, a French musician say this is too much German music or something like that. It's that's how it works? Sorry.

00:03:15

Marshall Marcus: How does that work? Yeah, there's I think there are three words. There's a triangle. Never thought about this, but I'm thinking now there's a triangle which describes how this all works. One point of the triangle is. Utopia, idealism, how things should perfectly be.

00:03:38

Marshall Marcus: another point in the triangle is practicality. And a third point in the triangle is balance. So I used to say about my job a long time ago, I used to say, I get into my office at 8:00 and from 8:00 to 9:30 I plan. And then from nine thirty onward, the the work's back with practicality and I have to find a balance in that. So, you know, I try to find if we talk about repertoire. Yeah. You need a balance between great music and also music which is diverse. So from different countries, also from different kinds of composers, dead compoposers, living composers, mail composers, female composers, minority ethnic composers. The ideal is to get that balance. And if I look at the places we go, it should be the same. We should go across a lot of places and also out of the EU. The same with the artists we work with. But of course it's quite a challenge and I'd be the first to say that we don't always hit that. And then there's another whole area which I have is a kind of a check and a balance.

00:05:01

Marshall Marcus: Which is.

00:05:02

Marshall Marcus: [t]he music industry. So maybe have a programme, but the venues we need to go to, they don't want the programme because it's for me, it's interesting, but not for them. Then I have to discuss, you know, with the composers, sorry, with the conductors and soloists, what they want. Then I have to plan ahead and find the right availability of the right artists. I mean, I could write you a list as long as that. With all the practical challenges. Yeah, they're all the same. They're no different. But I have a certain responsibility to have a kind of a balance through having this EU side. So I try working with my team, we try in the planning, we try to, to, to use balance to get the right, we're trying to get the right balance between our ideal and what is practical. And that's a huge, huge thing. I always used to say the biggest artistic problem in life is money, because if you have enough of it, you can find the right solutions. But I mean so want to give you an example of where.

00:06:05

Marshall Marcus: I do think we found.

00:06:06

Marshall Marcus: An interesting way of doing things. We did a trial of a new type of residency last year. So in 2022, we spent four days in Finland, in Helsinki, and a city called Tampere. And if you look on our 2022 year book, if you find it, you'll find three pages on that which show what events we did about 16 events with about 60 or 70 composers played over those few days in all

sorts of different venues. Because that's the other thing, not just to be in a big formal concert hall. You know, our players, many of them come and they want to work with what they think are the world's best conductors, best soloists, greatest pieces of music in the concert hall.

00:06:54

Marshall Marcus: And try to.

00:06:56

Marshall Marcus: So they some of them want to experience different things as well. So I think that the Finland I think it was called Young Europe comes to Finland is a good example of that. There are many minority ethnic composers, there are many women composers.

00:07:11

Marshall Marcus: That.

00:07:12

Marshall Marcus: We played.

00:07:13

Marshall Marcus: Because we decided it didn't have to be in a concert hall.

00:07:18

Marshall Marcus: And so we have this program, um, we, we played in all sorts of a fantastic places but also in the main concert hall in, in Helsinki, but we also played in tiny little places, you know, cafes, places by the sea. Um, and we had all sorts of different discussions there. So that's an example of a kind of perfect way of doing things. So for example, I was looking at programming over a long period and thought every now and then each country deserves a chance to kind of have themselves shown. So there are many Finnish composers in that program. There was a Finnish soloist. You know, we did lots of things with Finnish people and we'll move that residency somewhere else and do it differently in another country. Of course, it's very expensive. It's very time consuming as a way of doing things. It's also much better we haven't talked about this, but it's much better in terms of climate change because we're not flying every day to a different city. But it's financially very challenging because we don't have a new concert fee every day. So, you know, in terms of how we were, you know, those are some of things, you know, other areas of planning are that I like to be able to use our role as an ambassador. So I look, for example, each year at the European Cities of culture and I look at the European, the presidencies of the EU and I try and fit some projects around those things. You know, this, this May for example, we

have a project, one of the cities we're going to perform in is Timisoara in Romania, because that's a European capital of culture. And in every place we go.

00:09:01

Marshall Marcus: We're going to play.

00:09:04

Marshall Marcus: Swedish music because it is the period of the Sweden presidency. So we try. I mean, it's it's a very it's a very complex web of factors. The easy way of doing it is to say, let's play some great German music and play in 5 or 6 of the great concert halls. But we have to be broader than that.

00:09:23

José Matias: Okay. Well, um, that's really interesting. Um, I have two more questions. Um, and I will say the EUYO has goals a clear mission and a vision for art and culture, given the orchestra objectives, how could you describe the results of the orchestra as an artistic and cultural project and its impact on society?

00:09:53

Marshall Marcus: Well, the first part of that, which is the.

00:09:57

Marshall Marcus: You know, the artistic, the artistic kind of value of what it does, I always say the best thing is to look at what other people say about you, because we all say that our organizations are fantastic. So I'm always looking at the views and the comments about the orchestra and the feedback and, you know, those seem to be overwhelmingly positive. Um, the second part of your question was valuing, evaluating the impact. Is that right? Or talking about the impact? And, you know, come back to the same thing I mentioned before, which is I think we probably ought to.

00:10:33

Marshall Marcus: Start to do a more.

00:10:36

Marshall Marcus: Rigorous some kind of rigorous evaluation because it's all very well to have me here sitting talking about this. But actually, we should do a kind of proper survey, um, using proper scientific methods, which evaluate that. But I can say that when the last one of those was done a.

00:10:56

Marshall Marcus: Few years.

00:10:57

Marshall Marcus: Ago by the EU, when they were looking at our funding, we got a very positive response about the orchestra and its work. But I want to be objective and accurate and not exaggerate those things.

00:11:12

José Matias: Okay.

00:11:13

José Matias: So this is the final question. Um, how would you say is the future of the EUYO? What are the future goals to achieve?

00:11:26

Marshall Marcus: Well, yeah, I mean.

00:11:30

Marshall Marcus: I think I want to speak for a moment about some new areas because.

00:11:37

Marshall Marcus: One of the things.

00:11:39

Marshall Marcus: One, there's one whole area I've really noticed which has begun to be important is, the question of health. Mental health. Well-Being. And this is a question for society. I think it's quite clear that for a number of reasons.

00:12:02

Marshall Marcus: I'm going to talk about the Internet, which has been, you know, has the most incredible positive aspects to it. But I also see that for young people in society, it's also become a tremendous pressure. So that was already there as a pressure I was talking about before COVID. And then there was another big pressure on young people, which is that, you know, even after the big financial crash of 2008, 2009, the economies were only just coming back. And it was still very tough economically for a lot of young people. Then came COVID, which is a tremendous, you know, months of being shut away in lockdown and being careful and having to wear masks and not being able to look at a person's face properly. Um, you know, all of which are important.

00:12:48

Marshall Marcus: Things, obviously.

00:12:50

Marshall Marcus: And then the economic damage of that, you know, And then on top of all of that came the, the Russian invasion of Ukraine, which, again, economically had huge problems and a lot of political problems and for some countries, huge social problems as well. So the consequence of all of this is that young people particularly, but also generally in society well-being, is probably in a very difficult place for a lot of people. So here's the question, which is a new area of goal, which we've not really properly, we're only beginning our.

00:13:33

Speaker 2: Yes.

00:13:34

Marshall Marcus: But I've noticed. Is cultural.

00:13:37

Marshall Marcus: We in the orchestra need to look after the well-being of the people in the orchestra. The young people in the orchestra. You know, when I was their age, nobody bothered about that. I turned up for work and that was it. But now I think we need to be a little bit careful.

00:13:51

Marshall Marcus: About.

00:13:52

Marshall Marcus: This. I feel that there is a lot of mental fragility in a number of the young people I see. So we have and actually one of the things we have done is we actually have a wellbeing coach in residence with the orchestra, an amazing woman. That's one thing. But the other thing is, which is just if not more important, is culture can be an extremely, um, medicine for the well-being of society. And one of the things that I'm really interested in is, is to look at ways in which we, our work can contribute more tangibly to the wellbeing of society. So that's one whole area, which is to do with wellbeing and mental health. And another area which is absolutely massive to me is the question of climate change and sustainability generally. And interestingly enough, it relates to another question you asked me - our 2030 program was developed for our EU application, but it relates to everything we do. And that program looks at the 17 UN Sustainable Development Goals asking which of those do we have relevance to. We

had an extremely interesting what we call one of our music labs last summer about this with the players. And you know, not surprisingly there are areas like um. Strong institutions. Equality for all. Quality education which rank highly in.

00:15:49

Marshall Marcus: What are players featuring?

00:15:50

Marshall Marcus: Development goals relate to our work. Not many people think that we have a strong relation to the question of life underwater. Just to give you an example of another goal, you know. Um, so we had this very interesting session with the players in which we talked about the development goals, the 17 goals, and we asked the players to rate the ones which were most important for them. And we discovered that exactly the same ones that they saw as important, are the ones we had already put in our methodology for our Creative.

00:16:26

Marshall Marcus: Europe.

00:16:28

Marshall Marcus: Application as being important. So what it says climate change is a hugely important thing, but also climate change is part of sustainability. And the whole question of how to be sustainable is something that we need to look at. So I'm thinking a lot about how can we help our players to have sustainable careers for them not to burn out in ten years time. So that is a huge second area. If wellbeing is one area, sustainability is another area. And you know, for example, in our next project we're we are doing a world premiere of a new version of the Four Seasons through a project called The Uncertain Four Seasons, which looks at what will what would Vivaldi's Four Seasons sound like in 2050 .

00:17:16

Marshall Marcus: 2050.

00:17:18

Marshall Marcus: If we don't reverse biodiversity loss by 2030. You can read about this. We've done this. We've done this project for the last couple of years and we've taken it on more. So this is becoming into what we're working on. Um, another area which is also part of the Sustainable Development goals is progression to inclusion. And if you look online you will find that we have policies for sustainability, environmental sustainability and for diversity, equity and inclusive, which we deliberately decided to put into the public domain.

00:17:54

Marshall Marcus: And so these are for the future.

00:17:58

Marshall Marcus: More and better. Now, of course, we carry on with previous goals. We we have to have, you know, excellent concerts which are artistically satisfying and worthwhile. We have to help the careers of our players. Um, but those are some of the. So all of those things that we used to have carry on, but we're adding new goals and these three are some of the ones that give you an example of. Um, yeah.

00:18:23

José Matias: Okay. Thank you so much for the interview. I can I think I can stop it right now.

00:18:32

Marshall Marcus: Okay.

(O entrevistado pediu para adicionar nova informação).

00:00:03

Marshall Marcus: So another goal we have is to find. To continue finding new models for how a young person's orchestra can make valuable work, which is useful for audiences and other people. And want to just give you an example of a project we launched last year, but which will be very important in the next few years. You know, our new home is in Grafenegg in Lower Austria, in Austria, and we have launched a new project called Music Hub Austria. And the idea of that is that, of course we're an international orchestra and we want to tour around all these wonderful concert halls, but we also need a local place, which is like a laboratory where we can experiment. Government and work with people and work with audiences. Ongoing way to have a proper home. I always say every orchestra has to have a home and music hub Austria provides that. And so we have new partnerships with the Lower Austria Music Schools, which is an amazing organization of young players with our venue partner, Grafenegg. Um, it's. Other new profiles in Austria are working together in all sorts of interesting ways to make projects with. So we're developing a whole new model of how an orchestra works in its area, which we want to develop as a kind of example for Europe. So I see Music Hub Austria as a really interesting and important project, an important goal. If our immersive projects like the one described in Finland are about going to a place for a few days, music Hub Austria is about how we can have an effect over years of being in a place and think that unless orchestras become relevant for their locality, they have no future.

00:02:09

José Matias: Okay. Thank you so much

Anexo: EUYO Survey

As part of a Master's Degree in Political Science and International Relations at Universidade Nova de Lisboa, the dissertation of José Matias, with the supervision of Professor Alice Cunha, focus on “The European Union Youth Orchestra and the construction of the European identity”.

I would like to kindly ask the members of the European Union Youth Orchestra of the years 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2021 and 2022 to participate in the study. I want to understand whether the European Union Youth Orchestra creates a sense of belonging to the European Union and promotes its identity.

Your participation in this study is very much appreciated. The responses are confidential, and the collected data will be statistically and scientifically treated for the single purpose of this research.

Thank you for your cooperation!

Personal information:

Gender:

- ☐ Male
- ☐ Female

Musical Instrument:

Nationality:

Level of education:

- ☐ High School
- ☐ Bachelor's degree
- ☐ Master's degree
- ☐ PhD

Have you previously participated in any European exchange program?

Yes ☐ No ☐

Year of your participation in the EUYO:

2013 ☐

2014 ☐

2015 ☐

2016 ☐

2017 ☐

2018 ☐

2019 ☐

2021 ☐

2022 ☐

II – Opinion of the members of the European Union Youth Orchestra

Rate the following statements from 1 to 10. You should know that 1 means strongly disagree and 10 means strongly agree.

1- I am happy with the state of democracy in my country.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

2- I consider myself a Europeanist.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

3- I am sceptical about the European Union.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

4- The European elections are important.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

5- I am going to vote in the next European elections.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

6- I feel that I am a citizen of the European Union.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

7- I know the most important institutions of the European Union.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

8- I am well informed about the European Union.

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

9- The European Union has a future.

- 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 10- Culture and Art are valued in the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 11- The European Union is just an internal market.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 12- The European Union Youth Orchestra shapes citizens of the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 13- The European Union Youth Orchestra shares the values of the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 14- The European Union Youth Orchestra is a symbol of the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 15- The European Union Youth Orchestra represents the values of the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 16- The European Union Youth Orchestra promotes the identity of the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 17- The European Union Youth Orchestra represents the motto “Unity in Diversity”.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 18- The European Union Youth Orchestra has a positive impact within the European Union.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 19- My vision of the European Union changed with my participation in the European Union Youth Orchestra.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐
- 20- Projects such as the European Union Youth Orchestra help European integration.
1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ 8 ☐ 9 ☐ 10 ☐

Anexo – Tabelas com os resultados estatísticos, sem texto.

Nível de Estudos:

	N	%
High School	3	3,5
Bachelor Degree	24	28,2
Masters Degree	57	67,1
PhD	1	1,2
Total	85	100,0

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e a participação prévia em algum programa de intercâmbio europeu.

	Participated in any European exchange program?	N	M	SD	U	p
1- I am happy with the state of democracy in my country.	No	38	7,11	2,76	767,5	0,418
	Yes	45	6,80	2,68		
2- I consider myself a Europeanist	No	38	8,21	2,33	792,0	0,551
	Yes	45	8,04	2,16		
3- I am sceptical about the European Union.	No	38	3,39	2,30	804,5	0,639
	Yes	45	3,40	2,63		
4- The European elections are important.	No	37	7,86	2,19	802,0	0,771
	Yes	45	8,11	1,68		
5- I am going to vote in the next European elections.	No	37	8,00	2,77	767,5	0,523
	Yes	45	7,78	2,55		
6- I feel that I am a citizen of the European Union.	No	38	8,29	2,23	797,0	0,577
	Yes	45	8,49	2,17		
7- I know the most important institutions of the European Union.	No	38	6,71	2,10	776,5	0,468
	Yes	45	6,42	2,39		
8- I am well informed about the European Union.	No	38	6,13	2,13	802,0	0,624
	Yes	45	5,96	2,10		
9- The European Union has a future.	No	38	8,29	1,93	744,5	0,383
	Yes	44	7,95	1,98		
10- Culture and Art are valued in the European Union.	No	38	7,53	1,56	784,5	0,625
	Yes	44	7,73	1,47		
11- The European Union is just an internal market.	No	38	4,11	2,08	813,0	0,828
	Yes	44	4,09	2,19		
12- The European Union Youth Orchestra shape citizens of the European Union.	No	38	7,92	2,06	691,0	0,170
	Yes	44	7,16	2,46		
13- The European Union Youth Orchestra shares the values of the European Union.	No	38	8,53	1,77	767,0	0,497
	Yes	44	8,84	1,41		
14- The European Union Youth Orchestra is a symbol of the European Union.	No	38	8,87	1,61	841,0	0,886
	Yes	45	8,80	1,65		
15- The European Union Youth Orchestra represents the values of the European Union.	No	38	8,68	1,74	768,5	0,491
	Yes	44	8,75	2,07		
16- The European Union Youth Orchestra promotes the identity of the European Union.	No	36	8,81	1,82	791,5	0,996
	Yes	44	8,93	1,50		
17- The European Union Youth Orchestra represents the motto "Unity in Diversity".	No	38	8,61	1,70	723	0,194
	Yes	45	8,93	1,62		
18- The European Union Youth Orchestra has a positive impact within the European Union.	No	37	9,03	1,61	759,5	0,571
	Yes	44	8,82	1,65		
19- My vision of the European Union changed with my participation in the EU Youth Orchestra.	No	37	6,19	2,55	730,0	0,336
	Yes	45	5,51	3,13		
20- Projects such as the European Union Youth Orchestra help the European integration.	No	38	8,61	1,85	710,5	0,197
	Yes	44	8,98	1,96		

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e o seu ano de participação na Orquestra. (Afirmção 1-4).

	Year in the EUYO	N	M	SD	H	p
1- I am happy with the state of democracy in my country.	2013	9	7,56	2,74	13,12	0,108
	2014	4	5,75	3,77		
	2015	2	7,00	1,41		
	2016	4	4,25	3,40		
	2017	2	3,00	1,41		
	2018	3	8,33	1,53		
	2019	24	7,58	2,34		
	2021	11	8,45	1,29		
	2022	26	6,38	2,86		
2- I consider myself a Europeanist	2013	9	8,44	2,60	3,35	0,911
	2014	4	8,75	1,50		
	2015	2	9,50	0,71		
	2016	4	6,50	4,36		
	2017	2	7,00	4,24		
	2018	3	9,00	1,73		
	2019	24	8,29	1,71		
	2021	11	8,55	1,63		
	2022	26	7,77	2,42		
3- I am sceptical about the European Union.	2013	9	2,22	1,92	10,82	0,212
	2014	4	4,50	3,79		
	2015	2	5,00	1,41		
	2016	4	4,25	4,27		
	2017	2	7,00	4,24		
	2018	3	1,67	1,15		
	2019	24	3,25	1,92		
	2021	11	3,09	2,39		
	2022	26	3,73	2,57		
4- The European elections are important.	2013	9	7,89	2,03	10,53	0,230
	2014	4	7,00	4,24		
	2015	2	8,50	2,12		
	2016	4	6,50	3,87		
	2017	2	6,50	0,71		
	2018	3	8,33	2,89		
	2019	23	7,83	1,47		
	2021	11	9,36	0,67		
	2022	26	8,08	1,52		

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e o seu ano de participação na Orquestra. (Afirmação 5-8).

	Year in the EUYO	N	M	SD	H	p
5- I am going to vote in the next European elections.	2013	9	6,67	3,94	6,29	0,615
	2014	4	8,75	2,50		
	2015	2	9,50	0,71		
	2016	4	7,25	4,27		
	2017	2	5,50	6,36		
	2018	3	9,00	1,73		
	2019	23	7,35	2,35		
	2021	11	9,18	1,08		
	2022	26	8,15	2,24		
6- I feel that I am a citizen of the European Union.	2013	9	6,67	3,32	8,83	0,357
	2014	4	8,75	1,50		
	2015	2	9,50	0,71		
	2016	4	8,75	2,50		
	2017	2	8,50	2,12		
	2018	3	9,67	0,58		
	2019	24	8,50	2,02		
	2021	11	9,36	1,03		
	2022	26	8,27	2,25		
7- I know the most important institutions of the European Union.	2013	9	5,89	3,10	9,94	0,269
	2014	4	8,75	1,89		
	2015	2	7,50	0,71		
	2016	4	6,25	0,96		
	2017	2	8,50	2,12		
	2018	3	7,33	2,52		
	2019	24	5,96	1,92		
	2021	11	7,18	2,18		
	2022	26	6,46	2,27		
8- I am well informed about the European Union.	2013	9	6,00	2,96	17,14	* 0,029
	2014	4	8,75	1,26		
	2015	2	5,00	1,41		
	2016	4	5,50	2,08		
	2017	2	8,00	0,00		
	2018	3	6,67	2,31		
	2019	24	5,25	1,92		
	2021	11	6,82	1,83		
	2022	26	5,92	1,81		

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e o seu ano de participação na Orquestra. (Afirmação 9-12).

	Year in the EUYO	N	M	SD	<i>H</i>	<i>p</i>
9- The European Union has a future.	2013	9	8,00	2,24	3,72	0,881
	2014	4	9,25	0,96		
	2015	2	9,00	1,41		
	2016	4	7,75	3,30		
	2017	2	6,50	4,95		
	2018	3	9,00	1,73		
	2019	24	7,79	2,04		
	2021	11	8,55	1,37		
	2022	25	8,24	1,74		
10- Culture and Art are valued in the European Union.	2013	9	7,00	1,22	5,69	0,682
	2014	4	7,75	1,71		
	2015	2	7,00	1,41		
	2016	4	7,75	2,06		
	2017	2	9,00	1,41		
	2018	3	8,33	1,53		
	2019	24	7,38	1,61		
	2021	11	7,73	1,62		
	2022	25	7,88	1,33		
11- The European Union is just an internal market.	2013	9	4,78	2,59	7,02	0,534
	2014	4	4,25	3,59		
	2015	2	5,00	0,00		
	2016	4	3,00	1,83		
	2017	2	4,00	2,83		
	2018	3	2,00	1,73		
	2019	24	3,96	2,14		
	2021	11	3,55	1,37		
	2022	25	4,48	2,08		
12- The European Union Youth Orchestra. shape citizens of the European Union	2013	8	7,75	2,76	5,52	0,701
	2014	4	7,75	2,06		
	2015	2	9,00	1,41		
	2016	4	8,75	1,50		
	2017	2	9,00	1,41		
	2018	3	7,67	4,04		
	2019	24	7,67	1,61		
	2021	10	7,40	2,95		
	2022	26	6,88	2,49		

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e o seu ano de participação na Orquestra. (Afirmação 13-16).

	Year in the EUYO	N	M	SD	H	p
13- The European Union Youth Orchestra shares the values of the European Union.	2013	9	8,11	2,32	9,63	0,292
	2014	4	8,50	1,91		
	2015	2	8,00	0,00		
	2016	4	9,25	0,96		
	2017	2	10,00	0,00		
	2018	3	8,67	2,31		
	2019	24	8,92	1,10		
	2021	11	9,55	0,82		
	2022	25	8,24	1,83		
14- The European Union Youth Orchestra is a symbol of the European Union.	2013	9	8,67	1,80	10,61	0,225
	2014	4	7,25	2,50		
	2015	2	8,50	0,71		
	2016	4	10,00	0,00		
	2017	2	10,00	0,00		
	2018	3	8,67	2,31		
	2019	24	9,21	1,35		
	2021	11	9,36	0,92		
	2022	26	8,42	1,81		
15- The European Union Youth Orchestra represents the values of the European Union.	2013	9	8,67	1,94	7,90	0,443
	2014	4	8,00	2,83		
	2015	2	8,00	0,00		
	2016	4	9,75	0,50		
	2017	2	10,00	0,00		
	2018	3	7,67	4,04		
	2019	24	9,00	1,79		
	2021	11	9,27	1,01		
	2022	25	8,28	2,07		
16- The European Union Youth Orchestra promotes the identity of the European Union.	2013	9	9,00	1,73	11,84	0,158
	2014	4	7,00	2,58		
	2015	2	8,50	0,71		
	2016	4	9,25	0,96		
	2017	2	10,00	0,00		
	2018	3	8,67	2,31		
	2019	23	9,48	0,90		
	2021	10	9,40	0,84		
	2022	25	8,32	1,99		

A relação entre a opinião dos membros da EUYO e o seu ano de participação na Orquestra. (Afirmação 17-20).

	Year in the EUYO	N	M	SD	H	p
17- The European Union Youth Orchestra represents the motto "Unity in Diversity".	2013	9	8,56	2,24	5,65	0,686
	2014	4	9,00	1,15		
	2015	2	9,00	1,41		
	2016	4	9,75	0,50		
	2017	2	8,50	2,12		
	2018	3	7,67	4,04		
	2019	24	9,17	1,31		
	2021	11	9,36	0,81		
	2022	26	8,31	1,74		
18- The European Union Youth Orchestra has a positive impact within the European Union.	2013	9	8,67	1,80	6,03	0,644
	2014	3	9,67	0,58		
	2015	2	8,00	2,83		
	2016	4	9,75	0,50		
	2017	2	7,50	3,54		
	2018	3	8,33	2,89		
	2019	24	8,67	1,49		
	2021	11	9,64	0,67		
	2022	25	9,04	1,74		
19- My vision of the European Union changed with my participation in the European Union Youth Orchestra.	2013	8	4,00	2,39	10,96	0,204
	2014	4	6,75	4,03		
	2015	2	5,50	4,95		
	2016	4	8,00	1,41		
	2017	2	9,00	1,41		
	2018	3	7,00	3,61		
	2019	24	6,17	2,62		
	2021	11	6,18	3,03		
	2022	26	5,23	2,89		
20- Projects such as the European Union Youth Orchestra help the European integration.	2013	9	9,11	1,17	3,60	0,891
	2014	4	9,50	1,00		
	2015	2	8,50	0,71		
	2016	4	8,75	1,50		
	2017	2	5,50	6,36		
	2018	3	7,33	4,62		
	2019	24	9,13	1,23		
	2021	11	9,27	1,56		
	2022	25	8,64	2,02		